

# Educação Básica: Novas perspectivas no processo de ensino-aprendizagem da educação física escolar



## ORGANIZADORES

JOAQUIM ALBUQUERQUE VIANA  
EVA VILMA ALVES DA SILVA  
SUELANIA CRISTINA GONZAGA DE FIGUEIREDO



Editora Poisson

VOLUME

1

Joaquim Albuquerque Viana  
Eva Vilma Alves da Silva  
Suelania Cristina Gonzaga de Figueiredo  
(Organizadoras)

# Educação Básica: Novas perspectivas no processo de ensino-aprendizagem da educação física escolar

1ª Edição

Belo Horizonte  
Poisson  
2020

**Editor Chefe:** Dr. Darly Fernando Andrade

**Conselho Editorial**

Dr. Antônio Artur de Souza – Universidade Federal de Minas Gerais  
Msc. Davilson Eduardo Andrade  
Dra. Elizângela de Jesus Oliveira – Universidade Federal do Amazonas  
Msc. Fabiane dos Santos  
Dr. José Eduardo Ferreira Lopes – Universidade Federal de Uberlândia  
Dr. Otaviano Francisco Neves – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais  
Dr. Luiz Cláudio de Lima – Universidade FUMEC  
Dr. Nelson Ferreira Filho – Faculdades Kennedy  
Msc. Valdiney Alves de Oliveira – Universidade Federal de Uberlândia

**Conselho Editorial**

Prof. Esp. Joaquim Albuquerque Viana  
Profa. MSc. Eva Vilma Alves da Silva  
Prof. Esp. Gleiser Barroso Barbosa  
Prof. MSc. Keegan Bezerra Ponce  
Profa. MSc. Jaqueline Monique Marinho da Silva

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

E24

Educação Básica: Novas perspectivas no processo de ensino-aprendizagem da educação física escolar / Organizadores: Joaquim Albuquerque Viana, Eva Vilma Alves da Silva, Suelania Cristina Gonzaga de Figueiredo – MG: Poisson, 2020

Formato: PDF

ISBN: 978-65-5866-029-3

DOI: 10.36229/978-65-5866-029-3

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

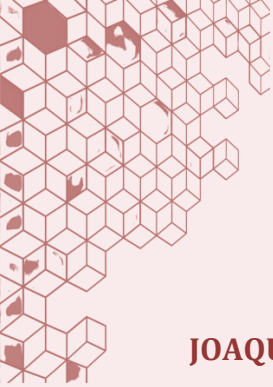
1. Educação Física 2. Educação Básica I. VIANA, Joaquim Albuquerque. II. SILVA, Eva Vilma Alves III. FIGUEIREDO, Suelania Cristina Gonzaga de IV. Título

CDD-370

Sônia Márcia Soares de Moura – CRB 6/1896

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos seus respectivos autores.

[www.poisson.com.br](http://www.poisson.com.br)  
[contato@poisson.com.br](mailto:contato@poisson.com.br)



## **EQUIPE ORGANIZADORA**

### **JOAQUIM ALBUQUERQUE VIANA**

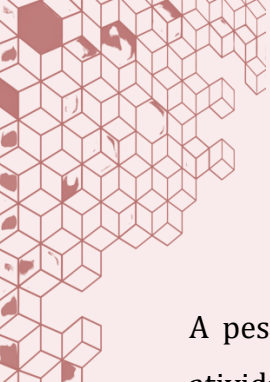
Formado no Curso de Licenciatura Plena em Educação Física no Centro Universitário do Norte, (2009). Especialista em Fisiologia do Exercício com Ênfase ao Alto Rendimento pela Universidade Paulista-USP, (2011). Especialista em Marketing e Gestão pela Universidade Paulista-USP/PECEGE, (2015). Especialista em Fisiologia do Exercício Aplicado ao Treinamento de Força pela Faculdade Mogiana do Estado de São Paulo-FMS, (2017). Membro do JOURNAL OF EXERCISE PHYSIOLOGY. Atualmente docente no Centro Universitário Fametro e em cursos de pós-graduação, empresário no seguimento fitness e palestrante. Aborda pesquisa na área de Desenvolvimento Humano, Fisiologia do Exercício no Alto Rendimento, Desenvolvimento Motor, Avaliação Física e Mercado Fitness.

### **EVA VILMA ALVES DA SILVA**

Possui graduação em EDUCAÇÃO FÍSICA-Licenciatura Plena pelo Centro Universitário Luterano de Manaus. PÓS GRADUAÇÃO em Psicomotricidade/Universidade Gama Filho. MESTRADO em Ciências do Movimento Humano pela Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC(2011). DOUTORANDA em Ciências do Esporte/ Universidade Trás - os Montes e Alto Douro/UTAD. Foi docente substituta na Faculdade de Educação Física e Fisioterapia-FEFF/UFAM, foi professora titular no Centro Universitário do Norte-UNINORTE/LAUREATE, assim como na Faculdade Metropolitana de Manaus/FAMETRO, também atuou como docente na Faculdade Estácio do Amazonas. Tem experiência na área de Educação Física, com ênfase nos seguintes temas: Desenvolvimento da Criança e do Adolescente, Transtornos do Desenvolvimento, Avaliações Psicomotoras, Controle Motor e Aprendizagem Motora, Ginástica Artística e Rítmica, Tópicos Especiais, Motricidade Humana, Estágio Supervisionado, Didática. Assim como Atividades de Coordenação, NDE, Coordenação de Estágio Supervisionado e Atividades de Extensão. Atualmente atua como coordenadora de curso no Centro Universitário Fametro.

### **SUELANIA CRISTINA GONZAGA DE FIGUEIREDO**

Possui graduação em Economia, mestrado em Desenvolvimento Regional e doutorado em Ciências da Educação. Atualmente é Coordenadora de Pesquisa e Extensão do Instituto Metropolitano de Ensino \_ IME, atuando principalmente nos seguintes temas: Sustentabilidade, Pesquisa, Iniciação Científica, Articulação entre Pesquisa, Ensino e Extensão.



## PREFÁCIO

A pesquisa, juntamente com o ensino e a extensão, são os pilares fundamentais das atividades acadêmicas das Instituições de Ensino Superior. Os trabalhos de conclusão de curso são, em sua maioria, o primeiro contato de maior significância do aluno com a pesquisa científica. E é através dele que o aluno percebe, na íntegra, a vasta experiência teórica e prática absorvida no decorrer do curso e pode, com isso, contribuir para uma sociedade melhor e mais justa, atuando como professor educador e facilitador do conhecimento na Educação Física Escolar

O esforço em conjunto de professores, alunos, orientadores e Coorientadores é divulgado nesta publicação, através de trabalhos de revisão bibliográfica, onde o objetivo de pesquisa, é apresentar um pensamento inovador no processo de ensino-aprendizagem do profissional de educação física atuante na escola, através de análises científicas, desenhada de forma simples, para o melhor entendimento da massa.

Parabenizo a toda equipe do CENTRO UNIVERSITÁRIO FAMETRO, entre corpo docente e alunos, envolvidos na Pesquisa Científica e desenvolvimento dos trabalhos por criar condições para o desenvolvimento intelectual e científico em prol da Educação Física na escola.

Prof. Esp. Joaquim Albuquerque Viana  
Professor Orientador

# SUMÁRIO

**Capítulo 1:** Uso das experimentações como metodologia facilitadora para o ensino-aprendizagem da disciplina de Química..... 08

Diego Macedo De Almeida, Ellen Cristina Costa da Silva, Joaquim Albuquerque Viana  
DOI: 10.36229/978-65-5866-029-3.CAP.01

**Capítulo 2:** A influência da Educação Física nas desordens motoras em escolares.... 16

Carlos Magno Mota Dos Santos, David Araújo De Lima, Monique Albuquerque, Joaquim Albuquerque Viana  
DOI: 10.36229/978-65-5866-029-3.CAP.02

**Capítulo 3:** Futsal escolar: As barreiras do Sexismo feminino ..... 22

Luiz Carlos Gomes De Souza, Samuel Dos Santos Batista, Keegan Bezerra Ponce, Jaqueline Monique Marinho da Silva  
DOI: 10.36229/978-65-5866-029-3.CAP.03

**Capítulo 4:** Desmotivação do professor de Educação Física: Uma análise da autodeterminação ..... 29

Rogério Da Silva Fonseca, Joaquim Albuquerque Viana, Gleiser Barroso Barbosa  
DOI: 10.36229/978-65-5866-029-3.CAP.04

**Capítulo 5:** Recreação como instrumento interventor na identificação da dominancia lateral de educandos do Ensino Fundamental..... 38

Emerson Dos Santos Silva, Vanderson Dutra Da Silva, Taner Teixeira, Joaquim Albuquerque Viana  
DOI: 10.36229/978-65-5866-029-3.CAP.05

**Capítulo 6:** Análise dos métodos de ensino-aprendizagem do futsal no Ensino Médio ..... 43

Paulo Rossínio Alfonso do Nascimento, Joaquim Albuquerque Viana, Julieth Lucas Lobato, Diene Sandra Martins Dias  
DOI: 10.36229/978-65-5866-029-3.CAP.06

**Capítulo 7:** A dança e suas possíveis contribuições no processo de desenvolvimento motor na educação infantil de crianças de 4 a 5 anos..... 52

Giovanna Emily Santiago Gonçalves, Pâmila Batista Gomes, Fanny Aparecida Condé Teixeira, Jaqueline Monique Marinho da Silva  
DOI: 10.36229/978-65-5866-029-3.CAP.07

**Capítulo 8:** A desvalorização da disciplina de Educação Física nas escolas de Educação Básica ..... 58

Ademar Rego Braga Neto, Luiz Gonzaga de Freitas Neto, Joaquim Albuquerque Viana, Eva Vilma Alves da Silva  
DOI: 10.36229/978-65-5866-029-3.CAP.08

**Capítulo 9:** A importância do brincar nas aulas de educação física para o desenvolvimento motor dos escolares do Ensino Fundamental I..... 65

Bianca Gomes Pinheiro, Kesia Maria Wesen Pinto, Keegan Bezerra Ponce, Gleiser Barroso Barbosa  
DOI: 10.36229/978-65-5866-029-3.CAP.09

# SUMÁRIO

**Capítulo 10:** A dança como ferramenta para o desenvolvimento de habilidades Neuropsicomotoras de crianças com Transtorno do Espectro Autista TEA..... 73  
Joyce dos Santos Souza, José Lucas Teixeira Lima, Sheila Moura do Amaral, Joaquim Albuquerque Viana  
DOI: 10.36229/978-65-5866-029-3.CAP.10

**Capítulo 11:** A práxis da Educação Física e a formação integral de alunos no Ensino Regular..... 79  
Lilian Matos de Queiroz, Sheila Moura do Amara, Joaquim Albuquerque Viana, Jaqueline Monique Marinho da Silva  
DOI: 10.36229/978-65-5866-029-3.CAP.11

**Capítulo 12:** Brincadeiras tradicionais: Já brinquei com meu filho hoje?..... 84  
Kisse Cristina Ribeiro Nascimento, Rosilene Alves De Moraes, Keegan Bezerra Ponce, Joaquim Albuquerque Viana  
DOI: 10.36229/978-65-5866-029-3.CAP.12

# Capítulo 1

## *Uso das experimentações como metodologia facilitadora para o ensino-aprendizagem da disciplina de Química*

*Diego Macedo De Almeida  
Ellen Cristina Costa da Silva  
Joaquim Albuquerque Viana*

**Resumo:** O conhecimento químico é de fundamental importância, pois abrange áreas da saúde, tecnologia, ambiental, do cotidiano e da sociedade como um todo. Por isso, compreender essa disciplina é fundamental para analisar de forma crítica o mundo que nos cerca e propor soluções para os demais problemas que o envolvem. Mas esse conhecimento é de difícil compreensão e muitas vezes transmitido apenas de forma teórica, sem conciliar atividades práticas. A experimentação é uma das principais ferramentas de ensino-aprendizagem para a Química, pois por meio dela os alunos podem conhecer na prática conceitos que antes se limitavam apenas no campo teórico. Neste trabalho, será apresentado uma revisão da literatura sobre a experimentação no ensino de Química como metodologia que desperta interesse pela busca do conhecimento. Todos os artigos utilizados para serem referências bibliográficas foram pesquisados no Google Acadêmico, entre os meses de março e maio de 2020. É discutido a importância do ensino de Química, os desafios, os aspectos positivos da experimentação e suas diferentes metodologias. Nos anexos, estão o relato de 10 aulas práticas ministradas de diferentes maneiras. Nessas aulas, pode-se observar uma participação ativa dos estudantes despertando interesse na disciplina, houve um aumento do ensino-aprendizagem e a concordância de que os professores podem e devem fazer mais uso dessas práticas experimentais com eles. Um ponto importante a ser observado, é que mesmo não sendo uma metodologia comum nas escolas brasileiras, os professores autores dos artigos preferiram utilizar a metodologia investigativa em suas aulas práticas. Houve essa preferência porque esse modelo permite que os alunos tenham autonomia na busca do seu próprio conhecimento, através de debates, discussão com os colegas e pesquisas na literatura, sendo assim alinhado às Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Química (2001).

**Palavras-chave:** Experimentação, Aulas práticas, Química, Ensino-aprendizagem.



## 1. INTRODUÇÃO

O ensino de Química é “ponte” que ajuda na compreensão de fatos, situações, problemas e ao mesmo tempo proporciona o conhecimento para resolução desses no mundo, mas para isso, não deve se limitar a memorização de fórmulas e reações. Os seus diversos conteúdos são de difícil compreensão e muitas vezes é transmitido apenas na teoria, sem atividades práticas. Muitos estudantes sentem dificuldades em aprender a matéria por não compreenderem o real significado ou aplicação daquilo que estudam. Não relacionar o conhecimento ensinado com os fatos do cotidiano, gera apatia aos alunos e, conseqüentemente, aos professores (LISBOA et al., 2016).

Um dos desafios do ensino de Química está na dificuldade de explicar, através de linguagens e símbolos, o funcionamento dos fenômenos da natureza, compreensão das reações químicas, sempre interligando a química com o cotidiano do aluno. Sendo assim, torna-se necessário se utilizar de metodologias que promovam uma melhor compreensão da linguagem química. Diante desse fato, é necessário adotar a prática da experimentação (MEDEIROS et al., 2017).

A experimentação é a ferramenta facilitadora para o processo de ensino-aprendizagem da Química. Ela assume o papel de conectar os alunos com os conceitos aprendidos em sala de aula. Eles terão a oportunidade de visualizar a matéria em diversas situações reais, criando condições para que experimentem a curiosidade, a satisfação da descoberta e a construção do conhecimento com autonomia e investigação. Dessa forma, a Química deixa o campo do abstrato e passa para o campo do concreto (LISBOA et al., 2016).

Segundo Castilho (2008), as atividades experimentais devem ser bem elaboradas, para que favoreçam o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. Elas servirão para os motivar e os envolver com os temas a serem estudados, oportunizando a compreensão e interpretação dos fenômenos do cotidiano; desmistificando e os aproximando do método científico, que se faz como um construtor do conhecimento.

Porém, tanto no ensino básico como no superior, a experimentação ainda é tratada de forma mecânica, sem uma problemática e contextualização. O professor é visto como o detentor do conhecimento e a ciência é tratada de forma empírica e metódica. Os alunos costumam ser agentes passivos da aula, não sendo dada a função de coletar, analisar e elaborar hipóteses. O que sobra é apenas seguir um protocolo proposto pelo professor, elaborar um relatório e chegar em resultados já esperados (ROSA, 2018).

O professor deverá cumprir o papel de ser o líder da aula prática. Cabe a ele escolher a melhor metodologia de acordo com o seu plano de aula e os objetivos que deseja alcançar. Tem ainda o desafio de contornar toda problemática que costuma existir nas escolas públicas, como falta de materiais, reagentes e espaço físico. Segundo Matias et al. (2018), o papel do professor está na organização do material do experimento, fazer questões aos alunos, executar os procedimentos, destacar o que deve ser observado e fornecer o embasamento teórico que possibilita a compreensão do que está sendo observado. No final da atividade, será possível identificar erros de aprendizagem e as dificuldades dos alunos.

A proposta desse trabalho está em mostrar para a comunidade acadêmica a importância das aulas práticas experimentais no ensino de Química como ferramenta facilitadora da aprendizagem. Mostrar os desafios enfrentados por professores, alunos e instituições, assim como apresentar as diferentes metodologias utilizadas por professores. Tanto as mais antigas e tradicionais como as mais modernas, adaptadas às Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Química (2001).

## 2. METODOLOGIA

Considerando os desafios que envolvem o ensino de Química, tanto por parte de alunos, professores, instituições como da própria característica da disciplina. Por apresentar conteúdos de difícil visualização e aplicação prática no cotidiano dos alunos. O trabalho tem como foco a experimentação como ferramenta de ensino-aprendizagem para a disciplina de Química. Foi estudado, entre os meses de março e maio de 2020, 40 artigos científicos, todos disponíveis na base de dados do Google Acadêmico e com o tema da experimentação no ensino básico das escolas brasileiras. A importância de ler um número tão grande de artigos está em estudar a experimentação em diversos aspectos, com todas as suas metodologias e visões diferentes.

A metodologia utilizada nesse trabalho tem natureza qualitativa e pode ser definida como análise documental, tendo em vista o grande número de artigos consultados. Palavras-chaves como metodologias de experimentação, aulas práticas e ensino de química foram muito utilizadas para encontrar esses artigos. Apesar de muitos servirem de base para a fundamentação teórica desse trabalho, principalmente

nos tópicos que apresentam a importância do ensino de Química, seus desafios, introduzir a prática da experimentação e apresentar as suas diferentes metodologias; 10 trabalhos foram escolhidos com o foco de apresentar as diferentes visões observadas por professores e alunos sobre as atividades práticas. Os critérios dessas escolhas estavam em ser artigos a partir de 2015, clareza e criatividade; tendo o cuidado de não escolher trabalhos com propostas muito semelhantes.

### 3. A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE QUÍMICA NA ATUALIDADE

Química é o ramo das Ciências da Natureza que estuda a matéria e suas transformações. Por sua vez, matéria é tudo aquilo que possui massa e ocupa lugar no espaço. Todo material ao nosso redor, independente da forma, origem, ser vivo ou não, inclusive nós mesmos, está dentro dos estudos da Química. Sua abrangência é de tal tamanho que desempenha um papel fundamental no desenvolvimento de todos os ramos das ciências (FOGAÇA, 2020).

O desenvolvimento da Química, muitas vezes, está relacionado com o desenvolvimento científico e tecnológico, mas suas contribuições alcançam ramos da política, sociedade e economia. Diante desse fato, a importância do seu estudo está em desenvolver no indivíduo uma visão crítica do mundo que o cerca, podendo analisar, compreender e utilizar esse conhecimento no seu cotidiano e na contribuição de uma sociedade melhor (OLIVEIRA et al., 2016).

O avanço científico-tecnológico e a rápida mudança da sociedade, provoca uma imensa quantidade de novas informações químicas, impondo a necessidade de constantemente reformular o ensino-aprendizagem em sala de aula. Com isso, os professores e as instituições de ensino, precisam inovar nas suas práticas pedagógicas, utilizando-se de metodologias que possam despertar a motivação e o interesse dos alunos (MEDEIROS, 2017).

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Química (BRASIL, 2001), os estudantes devem ser estimulados a buscar o conhecimento por eles mesmos, devem aprender a “ler” o mundo, aprender a questionar as situações, sistematizar problemas e buscar soluções criativas. Assim sendo, o currículo deve ser adequado à formação de cidadãos e de profissionais capazes de transformar a aprendizagem em processo contínuo, de maneira a incorporar, reestruturar e criar novos conhecimentos. O conteúdo deve prezar pelo conhecimento adquirido historicamente, nas relações políticas, econômicas, sociais e culturais.

A função do ensino não está somente em transmitir conhecimento pronto e acabado para os alunos, mas em formar cidadãos críticos e esclarecidos. Ao se restringir somente a abordagem formal, a ciência passa a ser menos interessante e “palpável”. Portanto, o professor deve ser capaz de criar um ambiente favorável ao trabalho em equipe e à manifestação da criatividade dos seus alunos através de pequenos desafios que permitam a formação do conhecimento (MOSSANHA, 2014). O ensino de Química tem o objetivo de construir conhecimento, através das relações estabelecidas entre aluno e professor e na aquisição de novas competências e habilidades cognitivas. Deste modo, capacita os alunos a tomarem decisões frente aos desafios do cotidiano, bem como na formação da cidadania, criando vínculo do conhecimento químico com o seu contexto sociocultural, numa perspectiva contextualizada, interdisciplinar e construtiva que promova a alfabetização científica (BRASIL, 2002).

### 4. DESAFIOS ENCONTRADOS NO ENSINO DE QUÍMICA

Segundo Rocha et al. (2015), o ensino de Química enfrenta uma série de desafios em termos escolares, principalmente devido à dificuldade dos alunos em compreenderem temas complexos e a fazerem associações deles com o cotidiano. Segundo Lisboa et al. (2016), o que tem se observado em muitas escolas é a presença do tradicionalismo e de metodologias antiquadas, onde o aluno é mero receptor de conteúdo do professor, memoriza as informações passadas e as esquece no curto prazo, resultando na não formação do conhecimento.

Diante desse fato, tem se observado um baixo rendimento dos alunos na disciplina de Química. Para vencer essa barreira, é necessário que os professores busquem estratégias diferentes de ensino-aprendizagem, que tenham dinamismo e uma maior conexão com o contexto social (ROCHA et al., 2015).

De acordo com as orientações para o ensino básico, o ensino deve ser construído de forma ativa, interligando a teoria com a prática de forma contextualizada. Para isso, a prática laboratorial se torna necessária, sendo ela a principal ferramenta de ensino-aprendizagem para a disciplina de Química.

(MELLO et al., 2018). É de concordância na Ciência que a motivação é resultado inerente da observação dos alunos sobre o objeto de estudo. Ou seja, eles se motivam justamente por “verem” algo que é diferente da sua vivência diária, sendo esse o “show” da ciência (GALIAZZI, 2004).

De acordo com Mello et al. (2018), tratando-se das aulas laboratoriais, os professores da rede pública têm alguns desafios a arcar. Muitas escolas não dispõem de laboratórios, faltam equipamentos, materiais, reagentes, o profissional muitas vezes teve uma formação insuficiente além de outros fatores que impedem uma preparação adequada das aulas práticas.

Outra questão é que a existência de um espaço adequado é condição necessária, mas não o suficiente para uma boa proposta do ensino de Química. Algumas escolas que dispõem de equipamentos e laboratórios, usam raramente ou nunca usam os seus espaços, fazendo deles espaço para depósito. Mais importante que um bom aparato laboratorial, é uma boa proposta de ensino-aprendizagem, com objetivos claros a serem alcançados e clareza em relação ao papel da experimentação na aprendizagem dos alunos (MALDANER, 2006).

Como destaca Maldaner (2006), a falta de definição e clareza no papel da experimentação pode gerar resultados equivocados no processo de ensino-aprendizagem. Na maioria das vezes, as aulas práticas são elaboradas pelos professores de forma muito mecânica, sem questionamento, problematização ou definição dos objetivos a serem atingidos. Geralmente, essas aulas são planejadas com uma metodologia do tipo “receita de bolo”, onde os alunos seguem passivamente as instruções de um livro didático ou roteiro de prática préestabelecida. Com essa visão simplista, o laboratório é mal aproveitado e os planos de estudos são mal elaborados pelos professores.

## 5. ASPECTOS POSITIVOS DO USO DA EXPERIMENTAÇÃO

Segundo Castilho (2008), o ensino-aprendizagem do conhecimento químico, deve acontecer por meio do contato do aluno com o objeto de estudo da Química, que é a matéria e suas transformações. Para isso, faz-se necessário o desenvolvimento de atitudes positivas perante a disciplina, utilizando-se de metodologias que motivem os alunos a fugir da ideia de memorizar fatos, conceitos e princípios. A experimentação faz-se necessária para cumprir essa tarefa, pois se mostra efetiva em integrar o conhecimento teórico com o trabalho prático.

Os professores que se utilizam da experimentação, destacam que ela serve para motivar os alunos, tornando o ensino mais realista e palpável. Dessa forma, a abordagem do conteúdo não se restringe aos livros didáticos e dá a oportunidade para que os alunos visualizem os fenômenos que obedecem à lógica da teoria apresentada, facilitando a aprendizagem (MATIAS et al., 2018).

Segundo Miranda et al. (2018), o uso da experimentação como um instrumento educacional, influencia diretamente a forma como os alunos veem a ciência e o paradigma atual, assim como desenvolvem neles a capacidade de resolver problemas de uma forma que se assemelha com o método científico.

Vale ressaltar que o método científico é a receita para a construção do conhecimento científico. É basicamente um conjunto de regras para realizar uma experiência e tem como objetivo de produzir um novo conhecimento ou corrigir um pré-existente. Baseia-se na sequência da observação, questionamento, levantamento de hipóteses, experimentação, análise de resultados e a criação de uma teoria que pode, ou não, ser considerada lei pela comunidade científica (GNIPPER, 2019).

Para Medeiros (2017), é preciso que as aulas práticas possam propiciar aos alunos, a capacidade de refletir sobre os fenômenos físicos, consolidando conhecimentos já adquiridos e formando novos. Devem ser elaboradas para confrontar os alunos diante situações que solicitarão o uso de dados empíricos, raciocínio lógico, conhecimento da disciplina e criatividade para propor hipóteses, argumentações e explicações. Fomentando a prática do método científico.

Castilho (2008) diz de forma semelhante, citando que a atividade experimental deverá oportunizar situações de investigação e confronto do aluno com o inusitado, o inesperado e o desconhecido. Isso para que não seja resumida em uma receita pronta a ser executada apenas para comprovar teorias. Portanto, o professor deverá ter cautela na escolha e no planejamento de suas práticas, além de traçar os objetivos que se pretende chegar com os alunos.

## 6. METODOLOGIAS UTILIZADAS EM ATIVIDADES EXPERIMENTAIS

Há diversas razões para fundamentar a importância da atividade prática no ensino de Química, algumas delas já referidas, mas também é fundamental se questionar e planejar o modo como serão conduzidas. Que estratégias? Em que ambientes de aprendizagem serão feitas? Como deverão ser conduzidas para alavancar o ensino-aprendizagem da disciplina? Que metodologias e instrumentos deverão ser utilizados? Será antes, durante ou depois da abordagem teórica?

(VALADARES, 2006).

Segundo Galliazzi (2004), quatro metodologias de atividades experimentais foram costumeiramente usadas no ensino das ciências. Sendo elas: a expositiva, a investigativa, a da descoberta e as atividades baseadas em problemas. Vale destacar também o modelo tradicional, muito comum nos cursos técnicos e no ensino superior. Utilizando-se das metodologias apresentadas, a aula prática pode ser organizadas de muitas formas, podendo ser dirigidas diretamente pelo professor ou indiretamente, utilizando-se de roteiros ou atividades abertas.

Conhecendo as diferentes metodologias que possibilitam conduzir o trabalho experimental, acredita-se que o professor possa se utilizar de mais de uma delas na mesma aula, ao até mesmo de forma mesclada, dependendo dos objetivos que se pretende alcançar. Entretanto, o plano de aula deverá levar em consideração à realidade da escola onde está sendo feita a prática, sua estrutura e a disponibilidade de materiais e reagentes (PUGGIAN et al., 2012).

### a) Metodologia tradicional

Nessa metodologia, cabe ao aluno operar os equipamentos e manipular os reagentes, seguindo um roteiro pré-estabelecido, além de medir as variáveis e anotar os dados obtidos na experimentação. Ao final da prática, é solicitado aos estudantes que se faça um relatório, com conteúdo teórico, gráficos e resultados. O propósito é verificar e confirmar leis e, embora haja a participação do aluno, sua contribuição é mais desenvolver habilidades específicas do que promover reflexões (PUGGIAN et al., 2012).

Segundo Puggian et al. (2012), a abordagem tradicional é muito criticada, pois não dá espaço para que o aluno reflita sobre o fenômeno observado e nem tome decisões quanto ao andamento da prática. Mesmo assim, ainda é muito utilizada, principalmente no ensino técnico e no ensino superior. Segundo Maldaner (2006), a sua constante utilização acontece porque os professores repetem a atividade prática da maneira que lhe foi ensinado durante a graduação.

### b) Metodologia expositiva

O propósito é a confirmação de leis previamente estabelecidas. O professor é o único que faz o experimento e os alunos apenas observam os fenômenos ocorridos. Esse método é muito utilizado quando há uma escassez de recursos ou na falta de laboratório, podendo ser feito nesse caso em sala de aula. Mas, se durante o experimento, o professor contextualizar o fenômeno, questionar os alunos e propor desafios, ele ainda pode ser bastante efetivo. Esse tipo de prática pode ser realizado no início da aula, como forma de despertar o interesse do aluno para o tema abordado, ou no término da aula, como forma de relembrar o conteúdo apresentado. (SILVA et al. 2016).

### c) Metodologia investigativa

Segundo Medeiros (2017), os alunos nessa abordagem não são mais meros observadores ou receptores de teorias prontas, mas possuem sim um papel ativo durante toda a atividade. Essa prática parte de uma problemática que possa despertar o interesse dos alunos em participar de uma investigação, motivando-os a buscar informações, elaborar hipóteses, testá-las e discutir os resultados, afim de elaborar uma conclusão acerca do problema trabalhado. O professor cumprirá a função de um mediador ou orientados e o aluno terá total liberdade para a construção do conhecimento científico.

A atividade de cunho investigativo deve ser elaborada para trabalhar com os estudantes temas que envolvam problemas sociais, econômicos, ambientais e tecnológicos. Permitindo-os desenvolver valores culturais, espírito crítico, reflexão, elaboração de hipóteses e capacidade de tomar boas decisões, fatores esses que favorecem a construção da cidadania e do conhecimento (MEDEIROS, 2017).

### d) Metodologia da descoberta

Nessa metodologia, a observação e as atividades experimentais são a fonte do conhecimento, ou seja, todas as teorias devem ser formuladas a partir de dados empíricos, advindos da observação. Com o auxílio do professor, é o aluno que faz a prática, observa o fenômeno físico e chega a uma hipótese do resultado

daquilo que foi observado. Essa abordagem contribui o desenvolver o senso de responsabilidade dos alunos sobre a experimentação, assim como os motiva a querer fazer novos ensaios e descobrirem novos fenômenos (PUGGIAN et al., 2012).

#### e) Metodologia baseada em problemas

As atividades baseadas em problemas são abertas e os estudante tem total autonomia para decidir na elaboração do cronograma e na execução das tarefas e estratégias que serão utilizadas. Para isso, precisam estar familiarizados com técnicas e procedimentos laboratoriais. Após a realização do trabalho prático, é elaborado um relatório que será posteriormente publicado. É considerada como um estágio para a formação técnica e superior, assim como é muito utilizada em pesquisas acadêmicas (PUGGIAN et al., 2012).

Obs.: Relatos de aulas experimentais com os seus respectivos resultados nos anexos do trabalho.

## 7. CONCLUSÃO

Diante de todos os relatos de artigos de aulas práticas que foram colocados nos anexos deste trabalho, pode-se concluir que a experimentação é um instrumento valioso para o ensino de Química, pois oferece aos alunos a capacidade de visualizarem aquilo que é ensinado na teoria, permitindo ao professor mediar o ensino-aprendizagem de forma motivadora e interessante ao aluno. Segundo Mossanha (2014), a aula prática dá a eles a oportunidade de trabalharem em equipe, desenvolverem senso crítico e associar o fenômeno observado ao seu cotidiano; gerando interesse e significado ao conteúdo da disciplina.

Todas as práticas relatadas nos anexos foram bem-sucedidas, principalmente em criar engajamento e interesse aos alunos. Foi o meio adequado em proporcionar ao aluno fazer ciência na prática e ser o centro do seu próprio aprendizado, adequando-se perfeitamente à Escola Nova. Como dizia Paulo Freire (1996), ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

Apesar das metodologias tradicional e expositiva ainda serem dominantes nas aulas experimentais, pode-se perceber uma preferência dos professores autores de artigos científicos em utilizarem a metodologia da investigação. Pois, além de trazerem a possibilidade de inovar, é a metodologia mais alinhada às Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Química (2001). Segundo Medeiros (2017), esse modelo tira os alunos da função de expectadores e coloca-os como sujeitos da própria ação; podendo trabalhar em equipe, levantar hipóteses, tomar decisões, fatores fundamentais para a construção do conhecimento e da cidadania. O papel do professor é primordial, pois cabe a ele encontrar a melhor estratégia para ligar o ensino teórico com o prático, a fim de propiciar que os alunos construam conhecimentos sólidos e duradouros. Mesmo muitas vezes não tendo um espaço físico ou reagentes o suficiente, os artigos citados nos anexos possuem ideias de como inovar com um custo reduzido. Uma aula pode ser expositiva e ao mesmo tempo investigativa, basta o professor contextualizar e problematizar a experiência que muitas vezes só tem reagentes para um único kit, onde o aluno passa a ser observador da demonstração do professor.

Espera-se que com esse trabalho, a comunidade acadêmica de professores possa se sentir incentivada em utilizar as experimentações com uma frequência maior. Visto que ela é peça fundamental no ensino-aprendizagem dos alunos em alguns conteúdos químicos. A fim de contribuir na formação de pessoas com senso crítico, ambiental e criadora de soluções para uma sociedade melhor.

## REFERÊNCIAS

- [1] BERTOLIN, R. V.; GOMES, C. J. C. Crime na mansão: uma oficina investigativa no ensino de Química. Revista de Ensino de Ciências e Matemática, v. 10, n. 5, p. 100-118, 2019.
- [2] BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Química. Parecer n. 9: CNE/CES 1.303/2001. Brasília, 2001.
- [3] BRASIL, Ministério da Educação. Secretária de Ensino Básico. PCN+ ensino médio: orientações educacionais complementares aos parâmetros curriculares nacionais - ciências da natureza, matemática e suas tecnologias. Brasília, 2002.

- [5] CASTILHO, R. A experimentação em sala de aula. 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/116-4.pdf>. Acesso: 23 de fevereiro de 2020.
- [6] GALIAZZI, M. C. A natureza pedagógica da experimentação: Uma pesquisa na licenciatura em química. *Química Nova*, 27, 326-331, 2004.
- [7] GNIPPER, P. O que é ciência, método científico e divulgação científica? 2019. Disponível em: [www.canaltech.com.br/ciencia/o-que-e-ciencia-metodo-cientifico-edivulgacao-cientifica-155693/](http://www.canaltech.com.br/ciencia/o-que-e-ciencia-metodo-cientifico-edivulgacao-cientifica-155693/). Acesso: 29 de abril de 2020.
- [8] GOUVEIA, J. V. V. S.; OLIVEIRA, A. A. de; dos SANTOS, P. C.; Belisário, C. M. Correlacionando a teoria com a prática usando experimentação no ensino de química. *Ciclo Revista*, v. 3, n. 1, 2018.
- [9] FOGAÇA, J. Química. Disponível em: <<https://brasile scola.uol.com.br/quimica>> Acesso em: 26 Maio 2020.
- [10] FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Coleção leitura, p. 21, 2005.
- [11] LISBOA, L.V.; CASTRO, S. V. F.; SANTOS, G.A.; SOUZA, P. V. T. Estudos dos métodos de separação de mistura a partir de uma abordagem investigativa. *Ciclo Revista*, 2016.
- [12] MALDANER, O. A. Formação inicial e continuada de professores de química: professores / pesquisadores. 3 ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.
- [13] MATIAS, K. S.; ABRANTES, K. N. C.; SILVA, C. F.; RIBEIRO, K. S.; SILVA, N. A.; SILVA, L. A. Uso de materiais alternativos para desenvolvimento de aulas experimentais. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Campus Uruaçu. Goiânia, 2018.
- [14] MEDEIROS, D.; FERREIRA, M. V. S.; GOI, M. E. J.; ELLEN SOHN, R. M.; GONÇALVES, R. P. N.; SILVA, E. R. A. Sequência didática baseada em atividades experimentais investigativas: abordagem sobre misturas e processos de separação. Universidade Federal de Pampa, Campus Santana do Livramento. Novembro, 2017.
- [15] MEDEIROS, J. L. A investigação como recurso didático no ensino de Química: um estudo com alunos do 3º ano do Ensino Médio. Areia, PB, 2017.
- [16] MELLO, R. M. Q.; MICARONI, L.; CUNHA, M. M. Química na prática: divulgando a Química nas escolas. Extensão em Foco, 2018.
- [17] MIRANDA, S. E. O.; SOUZA, P. G.; SILVA, G. C.; LAZARA, F. L.; GOMES, T. R. M. O conceito de separação de misturas: um estudo realizado com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. *Revista acadêmica de formação de professores*. Vol.3 – N. 5 – novembro 2018.
- [18] MOSSANHA, R. Processos de separação de misturas: uma abordagem científica de fatos cotidianos. 2014. 51p. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.
- [19] OLIVEIRA, A.I.D.; MESQUITA, E. C.; SILVA, L. A. S.; MIRANDA, C. V. O uso da experimentação nas séries iniciais do Ensino Médio para abordagem de conteúdos químicos. *Ciclo Revista*, 2016.
- [20] PRSYBYCIEM, M. M.; SILVEIRA, R. M. C. F.; SAUER, E. Experimentação investigativa no ensino de química em um enfoque CTS a partir de um tema sociocientífico no ensino médio. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias* Vol. 17, N° 3, 602-625 (2018).
- [21] PUGGIAN, C.; FILHO, Z. B. M.; LOPES, C. V. N. B. Ensino de reações Químicas em laboratório: articulando teoria e prática na formação e ação docente. *Investigações em Ensino de Ciências – V17(3)*, pp. 697-708, 2012.
- [22] ROCHA, R. F.; FRAGA, M. V. B.; PASSOS, C. G.; SALGADO, T. D. M. Aplicação de uma estratégia diferenciada para as práticas de separação de misturas pelo PIBID/Química no Ensino Médio. Salão UFRGS 2015: XI Salão de Ensino da UFRGS. Porto Alegre, 2015.
- [23] ROSA, D. O.; Aulas experimentais no ensino de Química do Colégio Militar do Rio de Janeiro: uma abordagem sobre o processo ensino-aprendizagem. *Revista Babilônia*, 2018.
- [24] SANTOS, H. F.; AMARAL, L. C. A. Experimentação investigativa: aprendizagem de conceitos químicos através da montagem parcial de uma estação de tratamento de água. *Scientia Naturalis*, v. 1, n. 2, 2019.
- [25] SILVA, V. G. A Importância da Experimentação no Ensino de Química e de Ciências. Trabalho de Conclusão (graduação). Universidade Estadual Paulista- UNESP. Faculdade de Ciências; Departamento de Química. Bauru, SP, 2016.
- [26] SILVA JÚNIOR., W. A. da; PIRES, D. A. T. A química dos refrigerantes em uma abordagem experimental e contextualizada para o ensino médio. *Scientia Plena*, v. 15, n. 3, 2019.
- [27] SUART, R. C.; MARCONDES, M. E. R. A argumentação em uma atividade experimental investigativa no ensino médio de Química. Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (VII Enpec). Florianópolis, 2009.

[28] VALADARES, J. O ensino experimental das ciências: do conceito à prática: investigação / ação / reflexão. ed. 13, p. 5, jan. 2006.

# Capítulo 2

## *A influência da Educação Física nas desordens motoras em escolares*

*Carlos Magno Mota Dos Santos*

*David Araújo De Lima*

*Monique Albuquerque*

*Joaquim Albuquerque Viana*

**Resumo:** O estudo tem como objetivo analisar e identificar fatores que influenciam no desempenho motor dos escolares. Os dados foram analisados através de artigos selecionados por revisão bibliográfica, onde se estabelece uma ligação entre as causas e fatores que levam a criança a desenvolver algum tipo de alteração na coordenação motora. Identificar que a Educação Física tem papel de grande importância no desenvolvimento das habilidades motoras, na qual a criança adquire conhecimento através das brincadeiras e dos movimentos corporais, é através desse processo de transformação que a criança durante as aulas de Educação Física cria estratégias, aprimora e amplia o desenvolvimento das habilidades motoras e engloba laços para os aspectos cognitivos, afetivos e sociais.

**Palavras-chave:** Desordens Motoras, Educação Física, Escolares, Educação Infantil;



## 1. INTRODUÇÃO

Desde os primórdios dos tempos o homem vem se utilizando dos meios de locomoção do seu corpo, bem como suas habilidades ao longo do tempo, para seu benefício, por exemplo, na caça, pesca, arremessos de pedras, ou correndo de um predador. A aquisição dessas habilidades vem de forma latente em seu corpo para o desenvolvimento de sua cultura corporal de movimento. O ser humano vem se desenvolvendo a cada nova geração em busca da melhoria de seu corpo em virtude de seu benefício. O mundo das crianças é um mundo imaginário e sentimental. Elas colocam a forma que lhes convém ao objeto mais insignificante, e veem nele tudo o que querem ver. (Adam G. Oehlenschlager, 1957.). As experiências motoras estão presentes na vida diária dos indivíduos, com a grande expansão do crescimento da urbanização o espaço ficou reduzido e a tecnologia mudou muito os hábitos das crianças, com isso tornam-se limitadas as experiências destas crianças de se ter movimentos amplos e vivências lúdicas.

De acordo com Machado e Pascoal (2009), é considerável o progresso em relação aos direitos da criança, vez que a educação infantil, também considerada a etapa básica da educação, tem como objetivo dar possibilidade de condições adequadas para o progresso do bem-estar infantil, tal como os desenvolvimentos motor, físico, emocional, social e intelectual e a expansão de sua experiência. Nesse sentido, podemos dizer que um ambiente exerce grande influência na vida de uma criança e no seu desenvolvimento, por exemplo, uma criança do campo certamente não terá a mesma habilidade motora de uma criança que vive na cidade dentro de um apartamento, devido às limitações que cada ambiente exerce de maneira individual. Indo para o cenário escolar, o desenvolvimento motor é o conjunto de fatores cujo características são essenciais para que se possa ocorrer mudanças qualitativas, assim como quantitativas, é através dessas mudanças durante a vida do indivíduo que as habilidades motoras se aprimoram, levando em consideração que o ambiente pode interferir de forma direta ou indireta no processo de desenvolvimento motor de escolares, levando em consideração a influência da Educação Física.

Na escola deve-se dar oportunidade para que os alunos possam construir suas próprias formas de brincar, sendo que jogo é um aspecto cultural e com variáveis. As contingências de atuação nesse sentido no contexto da Revista *Even Pedagóg Educação do Campo*, indo de encontro a importância da valorização da cultura camponesa no processo de ensino. Então, se os alunos levam para o ambiente escolar, dando novamente sentido ao seu aprendizado (TESTA, 2015, p. 100). Entretanto se uma pessoa não adquiriu as habilidades motoras cedo, estas raramente serão aprendidas mais tarde, é de suma importância que as crianças possam desenvolver completamente suas habilidades motoras rudimentares, fundamentais e especializadas, tendo também em vista o contato com uma ampla variedade esportiva durante sua infância. As habilidades de movimento proporcionam uma visão progressiva do desenvolvimento motor, então, o início para o desenvolvimento motor ocorre através do comportamento que se observa do sujeito (Gallahue e Ozmun, 1995; 2001).

As crianças possuem potencial para mostrar um padrão maduro nas habilidades motoras fundamentais perto dos seis e sete anos de idade em sua realidade, porém, para se alcançar esse padrão deve-se ter prática estruturada e instrução apropriada (Gallahue,1982; Gallahue; Donnelly,2008). Pois uma criança não poderá participar com sucesso de uma atividade física se elas não aprenderam ou foram estimuladas a habilidades motoras essenciais, levando a um desconforto pessoal em si. Dependendo do ambiente e do tipo de estímulos, cada criança terá o desenvolvimento de suas habilidades motoras altamente desenvolvidas ou não, conseqüentemente causando transtornos e distúrbios motores em sua vida adulta, tais como dificuldades nas atividades de rotina diária, nas atividades de lazer e esportivas como correr, andar, saltar, equilibrar, rolar, arremessar, chutar e demais movimentos. Diversos estudos observam que uma das razões para que as crianças não desenvolvam níveis mais elevados de desenvolvimento são a falta de se oportunizar a prática sistematizada e estruturada, tendo como objetivo proporcionar experiências motoras diversificadas e instruções adequadas (Ferraz,1992; Valentini,2002; Braga et al,2009).

Podemos dizer então, que os fatores ambientais estão ligados diretamente com o desempenho motor dos escolares, e muitas vezes a própria escola não oferece espaço e estrutura adequados para seus alunos, essa é a realidade de várias escolas, onde, durante o desenvolvimento das aulas de educação física, espaços são adaptados para que os mesmos possam ser usados no desenvolver das aulas práticas, dentro desse contexto a Educação Física deve influenciar positivamente no aprimoramento das habilidades motoras. Os educadores e os pais devem estar atentos para corrigir posturas e movimentos das crianças para que no futuro não venham a sofrer com graves desordens motoras.

## 2. METODOLOGIA

Realizamos um estudo de análise e identificação, através de revisão bibliográfica, sobre desordens motoras, causas e fatores, em escolares do ensino fundamental, e a influência da educação física. Buscamos analisar, desenvolvimento da coordenação motora infantil, com artigos que citam o desenvolvimento humano como Piaget (1990), também falando sobre desenvolvimento das habilidades motoras citados por Gallahue (1983), como evidência da importância da educação física em escolares, citamos Fonseca (1995) que descreve a relação da motricidade e as funções vitais de aprendizagem e adaptações ao mundo, assim como, Pain (1992) que enfatiza que a estrutura da aprendizagem são os esquemas e as coordenações corporais para analisar e identificar desordens motoras, causas e fatores, assim, analisamos os fatores ambientais, sociais e econômicos.

A busca foi realizada de março até maio de 2020, limitada a língua portuguesa, apenas em artigos dos últimos dez anos. Adotaram-se como critérios de inclusão, artigos que analisam o desenvolvimento da coordenação motora infantil, desenvolvimento humano, que falam do desenvolvimento das habilidades motoras, que evidenciam a importância da Educação Física em escolares, artigos com acesso livre. Em contrapartida, foram excluídos da análise, artigos científicos repetidos, artigos publicados com mais de dez anos, estudos em línguas estrangeiras, conferências e congressos.

No início realizou-se a exibição dos títulos relacionados ao tema. Então selecionamos os estudos com base nos critérios de inclusão e exclusão que estabelecemos inicialmente, na sequência, fizemos a leitura dos resumos e métodos dos devidos estudos, os estudos cujo resumo e método não se aproximavam das características do tema proposto, foram excluídos, mas adiante, os estudos foram lidos na íntegra, nessa pesquisa não foi realizada análise das referências dos estudos selecionados.

## 3. DESENVOLVIMENTO DA COORDENAÇÃO MOTORA INFANTIL

O desenvolvimento motor está vinculado a fase de maturação, é nesse momento que os movimentos rudimentares do ser humano passam a adquirir novos conhecimentos e desenvolvimento de novas habilidades motoras. Segundo Piaget (1990) o desenvolvimento humano inicia desde a concepção e acaba somente na morte do ser humano, ou seja, estamos aptos para aprender desde criança nossas habilidades básicas e fundamentais, mais para isso precisamos de estímulos, de incentivo e acompanhamento, durante todo processo na qual o corpo passara, sendo na transformação biológica e na evolução de nossas experiências e aprendizado durante a infância.

De acordo com Gallahue (1983) a criança inicia a fase de desenvolvimento das habilidades motoras entre 0 e 2 anos de idade, pois as habilidades estão relacionadas ao período neonatal, é neste período que o pique dos movimentos rudimentares dá um salto de explosão e a criança começa a explorar seu corpo, a descobrir um novo mundo, cheio de novas oportunidades, na qual desenvolvem movimentos restritos e sequenciados de locomoção do corpo, pois ainda não tem controle do movimento e engajamento corporal. Já entre 3 e 4 anos de idade, a criança ainda enfrenta bastante dificuldade de desenvolver suas habilidades de movimento, mas já tem controle corporal, embora não seja perfeito, mas é uma melhora significativa em sua evolução.

Entrando na faixa etária entre 5 e 7 anos de idade, onde as crianças entram na fase madura, suas habilidades são mais amplas e integrais, ou seja, seus movimentos já estão coordenados e garantindo para as crianças uma estrutura de coordenação motora apta para segmento de seu desenvolvimento físico e estrutural. Gallahue (1983) enfatiza que é um engano, afirmarmos que os fatores ambientais, pouco influenciam as habilidades motoras específicas do ser humano e que as mesmas são maturamente determinadas.

## 4. IMPORTANCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA EM ESCOLARES

A educação física tem um papel primordial para a criança, pois ao executar alguma atividade ou exercício físico, está trabalhando o desenvolvimento das habilidades motoras corporais, pois cada um desses movimentos tem um significado diferente, se uma determinada criança tem a prática dessas atividades, os estímulos do corpo trabalham intensamente, fazendo assim com que a criança tenha prazer em brincar cada vez mais. Fonseca (1995) faz a descrição da relação entre a organização da motricidade e as funções vitais de aprendizagem e adaptação ao mundo, onde o que faz a integração das vias de contato com o mundo é a motricidade, que organiza as sensações e percepções, quando associadas, vão dar origens mais complexas a aprendizagem.

No ambiente escolar o cuidado deve ser dobrado principalmente pelos professores e pedagogos, pois em muitos casos a criança não participa de uma aula de educação física, por diversos motivos, em muitas situações a criança não participa por sentir vergonha, de não saber correr, de não saber chutar uma bola ou dificuldade na interação e comunicação com colegas. Pain (1992) enfatiza que a infraestrutura da aprendizagem são os esquemas e as coordenações corporais. São vários os fatores que os professores devem estar atentos para dar o máximo de conforto para que esse aluno não venha se sentir excluído daquele ambiente, deve-se aos poucos ir ajudando para aos poucos se corrigir as desordens motoras, e a criança sinta-se bem diante das demais situações, poucas crianças conseguem corrigir sua postura durante a vida adulta, outras levam para a vida toda. Segundo Fonseca (1995) para aquisição da linguagem, da escrita e leitura, além de outras funções superiores psíquicas, são a tonicidade e o equilíbrio.

## 5. DESORDENS MOTORAS CAUSAS E FATORES

Em diversos casos os fatores ambientais, sociais e econômicos contribuem significativamente, pois a criança que tem contato com outras crianças certamente vai desenvolver um amplo desempenho de coordenação motora, isso porque as brincadeiras ou atividades diárias abre um leque de conhecimento e estimula a criança a cada vez mais praticar o ato de brincar, ao brincar a criança cria novas oportunidades diferenciadas no uso das habilidades corporais. Com toda essa ênfase existe um grande problema principalmente nas periferias das cidades, devido à falta de estrutura social, onde os pais passam o dia trabalhando para manter o sustento da família, em muitas ocasiões as crianças ficam largadas a própria sorte, e aquelas crianças que precisam de uma atenção maior, não conseguem se sobressair, e com isso os problemas se agravam, passando a ter algum tipo de acompanhamento quando se chega a escola, podendo se agravar dependendo do tipo de acompanhamento educacional que a mesma vai ter.

Pedrosa et al. (2010) enfatiza que o fator ambiental influencia o desenvolvimento da criança, pois é no espaço que executam suas atividades diárias, pois o ambiente que a criança começa a ter contato diretamente com o mundo em sua volta. O fator ambiental influencia o desenvolvimento da criança, pois é nesse espaço que ao executar suas atividades cotidianas, a criança que mora no campo, nas comunidades ribeirinhas tem um amplo desenvolvimento de suas habilidades motoras, ao correr, subir em árvores, nadar em rios e andar montado em cavalos e até mesmo bois, dessa forma a criança está trabalhando uma série de movimentos, equilíbrio, lateralidade, coordenação motora ampla, então, a criança que mora no campo tem uma ampla probabilidade de exploração do ambiente onde vive. Segundo Oliveira (2004) a criança que vive nos centros urbanos tem um estilo de vida inativo porque não praticam atividades recreativas ou brincadeiras tradicionais que vem perdendo espaço cada vez mais para a tecnologia e falta de estrutura para a prática dessas atividades.

Brown et al. (2011) defende o meio ambiente como fator primordial para a criança, pois no campo o cavalo é um meio de transporte muito utilizado, ao andar em cavalo, passam a adquirir uma série de movimentos, como equilíbrio, lateralidade, coordenação motora ampla, ou seja, a criança que mora no campo tem seu desenvolvimento completo de forma integral, com exploração do ambiente e bons desempenhos. As crianças dos centros urbanos têm um estilo de vida inativo, pelo fato das brincadeiras tradicionais perderem espaço para o uso da tecnologia, com o crescimento dos centros urbanos, os espaços passam a ser delimitados e inapropriados para se executar atividades recreativas que incluam movimento, ajudam na melhoria e aperfeiçoamento de suas habilidades.

Segundo Brown et al. (2011) um dos grandes problemas que em muitos casos impedem que a criança pratique atividades físicas é a tecnologia que se inova cada vez mais e oferece inúmeros jogos, de outro lado os espaços estão reduzindo devido ao crescimento das cidades e os espaços de lazer cada vez mais reduzidos.

Dentro do fator ambiental uma criança da periferia tem habilidades diferentes de uma criança criada em um apartamento, onde uma criança da periferia nasce tendo contato diretamente com um ambiente com ruas, praças, becos, e começa a brincar cedo em contato com outras crianças do mesmo meio, e explora ao máximo que pode nas suas brincadeiras diárias, desenvolvendo conhecimentos e habilidades motoras aguçadas, enquanto a criança que vive em um ambiente mais fechado e reservado como apartamento, acaba tendo suas habilidades limitadas por um espaço com delimitações, muitas vezes tem o conhecimento teórico, mas não tem uma boa execução prática de movimentos. Pedrosa et al. (2010) destaca influência do fator ambiental no desenvolvimento da criança, pois ao utilizar o espaço em suas atividades cotidianas, passa a ter um amplo conhecimento e melhora de suas habilidades.

Porém, infelizmente para algumas crianças o processo de desenvolvimento é completamente diferente, pois a criança chega em uma fase onde deveria estar completamente desenvolvido teoricamente, porém, na prática é completamente diferente, pois existem alguns problemas que não pertencente ao médico como disfunção muscular, displaxia e imperatividade, por esse motivo é de suma importância o acompanhamento das crianças desde as fases iniciais do ciclo de vida, seja por parte dos pais ou responsável por aquele ser.

Guardiola et al. (1998) destaca alguns estudos que apontam, dentre outros aspectos, como perturbações neurogênicas que podem produzir no aprendizado alterações, o ritmo, a lateralidade, a coordenação motora fina, a linguagem, a orientação espacial e o esquema corporal. Outro fator é o biológico, a obesidade que faz a criança em determinados momentos se sentir com vergonha de participar de uma atividade ou brincadeira por se sentir inútil, por achar que não vai conseguir, por estar sentindo o cansaço de seu corpo, nesse momento o professor de educação física, deve adotar atividades que não sejam competitivas, para que essa criança não sintam-se excluído, e pensando positivo o professor precisa estimular essa criança para que ela tenha interesse em brincar e realizar as atividades lúdicas. De acordo com Rosa Neto et al. (2010) a educação física deve oferecer atividades para um bom desempenho motor das crianças e as formas corporais para dar uma melhor qualidade de vida ao aluno.

Segundo Chivers et al. (2013) o fator biológico também afeta diretamente nas crianças, pois a obesidade em determinado momento contribui para um desempenho motor inferior comparado a outras crianças, pois a falta de coordenação adequada e a alteração do peso prejudica no desempenho motor. Outro fator importante é a hiperatividade, pois é entendida como excesso de atividades que se manifestam diferentes, por isso as atividades físicas são importantes, para estimular a consciência dessas crianças e também abrir uma visão das que estão em sua volta, pois a criança hiperativa tende a se cansar rapidamente durante as atividades realizadas.

Segundo Costa (2015) o professor de educação física deverá oferecer atividades para esses alunos na qual possam iniciar, desenvolver e terminar, e que essas atividades possam trazer benefícios e ajudar na melhoria tanto de coordenação motora quanto o lado afetivo e social. Além disso tem dificuldade em organizar as coisas, pois se distrai devido a novas coisas que se busca, a cada estímulo que recebe assimila algo novo, e por esse motivo torna-se difícil socializar com os colegas, por ser impulsivo, através das aulas de educação física, esses alunos devem estar engajados em todas as atividades para ajudar na melhoria de suas valências motoras, afetivas e sociais. Para Moises (2010) a hiperatividade é entendida como excesso de atividades que se manifesta de formas diferentes, por isso as atividades físicas são importantes, ao praticar a criança tem uma visão melhor de algo que esteja em sua volta justamente por causa da socialização, as criança hiperativas tem dificuldade em organizar as coisas, pois se distrai com facilidade devido a novas coisas que busca, por esse motivo o não aprendizado ocorre devido a uma incapacidade individual, ou seja, cada estímulo que recebe assimila de forma diferente.

Hurtado (1993) os movimentos naturais quando praticados de forma harmoniosa, permitem modificações benéficas ao organismo da criança, nas áreas cognitivas, afetiva e psicomotora, pois quando são solicitadas atividades de natureza física, criativa, intelectual e social, a estrutura da criança se ajusta ao esforço físico por meio da ação muscular, que se traduz numa coordenação motora de gestos e movimentos mais equilibrados e bem definidos.

## 6. CONCLUSÃO

Pode-se dizer que através dos estudos sobre desenvolvimento motor, os fatores ambientais sociais e econômicos tem grande influência no desempenho da desordem motora em escolares. Os pais, professores, pedagogos ou responsáveis, precisam estar atentos nos movimentos corporais e nas características desses movimentos durante as atividades diárias. O professor de Educação Física tem o papel primordial de observar e analisar as falhas, irregularidades, sempre com intuito de planejar, elaborar e executar aulas, nas quais a criança possa ter estímulos, para que seu desenvolvimento possa acontecer de maneira ampla e correta, sem pular, etapas, para proporcionar o melhor benefício, com o menor prejuízo possível para a criança.

No âmbito escolar da Educação Física as abordagens dos PCN'S, além de servir como suporte, ajuda na mudança da área de ampliação do campo da natureza para dar uma ênfase no ensino aprendizagem do aluno, pois engloba as dimensões sociais, cognitivas, psicológicas e afetivas, transformando o aluno em um ser completo, cheio de transformações no seu desenvolvimento geral.

## REFERÊNCIAS

- [1] CARMINATO, L. A. Desempenho motor de escolares através da bateria de testes KTK, UFPR, CURITIBA, 1996.
- [2] MOREIRA, J. P. Estrutura fatorial e proposta de novo quociente motor para o teste de coordenação corporal para crianças KTK: Um estudo com escolares de 5 a 10 anos de idade. Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2016.
- [3] ROMANHOLO RA, HEYDRICH V, ALMEIDA AM, COELHO EM, CARVALHO MI.
- [4] Análise da relação entre a maturação biológica e estresse na coordenação motora grossa em escolares de 5 a 10 anos. R. bras. Ci e Mov 2012;20(2):91-97.
- [5] DARIDO, S. C. Educação Física questões e reflexões. 3.1 O Contexto da Aprendizagem Motora, p.33, 2003.
- [6] Sasso RR et al., Desenvolvimento de crianças em zonas rurais e urbana. Um estudo comparativo, 2018.
- [7] NASCIMENTO, A; NASCIMENTO, G. S. Dificuldades na aprendizagem escolar, atraso motor e prática de atividade física: Revisão sistemática. Arq. Cienc. Saúde UNIPAR, Umuarama, v.24, n.1, p.61-66, jan.-abr.2020.
- [8] Cruz MMA et al. Perfil do desenvolvimento motor em escolares com excesso de peso. ABCS Health Sci.2017; 42(3):123-128
- [9] MEDEIROS P et al. Exergames como ferramenta de aquisição e desenvolvimento de habilidades e capacidades motoras: Uma revisão sistemática, 12 de março de 2017.

# Capítulo 3

## *Futsal escolar: As barreiras do Sexismo feminino*

*Luiz Carlos Gomes De Souza*

*Samuel Dos Santos Batista*

*Keegan Bezerra Ponce*

*Jaqueline Monique Marinho da Silva*

**Resumo:** A Escola é um espaço propício para se debater diversos assuntos, um desses seria a prática do futsal feminino escolar, no qual se encontra repleto de preconceitos e sexismo. Historicamente ao que se refere a mulher no esporte, sempre foi visível as dificuldades encontradas para se estabelecerem, porém, já é significativo o espaço adquirido pelo sexo feminino em diversas práticas esportivas. Não seria diferente com o futsal, visto como exclusivo dos homens, é possível perceber a evolução da mulher nesta modalidade. Por meio dessas informações, este trabalho pretende agregar conhecimentos relacionados a prática feminina no futsal escolar, como forma de suporte para futuras pesquisas associadas ao assunto. Para isto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de entender as barreiras do sexismo no futsal feminino escolar. Este estudo foi aprofundado em três aspectos, onde o primeiro aponta as dificuldades históricas para a prática do futsal feminino, seguindo com futsal feminino escolar e a importância do professor de educação física, e por fim, as barreiras do sexismo no futsal feminino escolar. Findando a pesquisa, concluímos que o futsal feminino segue um crescimento e aceitação exponencial, meio a uma sociedade marcada por preconceitos e sexismo. A escola mostra-se como um dos pontos de partida nesse aumento constante, onde a aceitação das meninas é facilmente notável. Não esquecendo o professor de Educação Física e sua importância no estímulo a prática dessa modalidade, onde retira dos alunos esse pensamento de que futsal é exclusivo dos homens

**Palavras-chave:** Futsal Feminino; Escolar; Sexismo;

## 1. INTRODUÇÃO

O futsal feminino mesmo com grandes conquistas esportivas nas últimas décadas, ainda não possui o mesmo reconhecimento quando comparado ao masculino, tão pouco é valorizado pela mídia, contudo vem tendo um crescimento significativo, as mulheres estão expandindo essa prática, cada dia mais participativas em competições, estão jogando nos clubes, ruas e dentro do espaço escolar (SOUZA, 2011).

O futsal está presente no bloco de conteúdo dos esportes propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais para Educação Física, contribuindo para a formação global do aluno. De acordo com Melo (2013), a prática do futsal escolar colabora não somente na evolução do aspecto psicomotor, como é fundamental no desenvolvimento dos aspectos cognitivos e socioafetivos, através da sua prática em equipe, respeito as regras e a pessoa, questões essas que contribuem para formação ética do discente.

A prática do futsal feminino escolar vem quebrando paradigmas culturais do sexismo ao longo da história e ganhando espaço entre as alunas. Aceito sem grandes dificuldades, o futsal escolar entre as meninas é algo concreto em contínuo crescimento, onde as mesmas possuem uma grande simpatia como relatado por Bastos e Navarro (2009). Resultado disto cerca de 50% das praticantes de futsal tiveram a primeira experiência dentro de uma escola (SANTANA; REIS, 2003).

O sexismo segundo dicionário da língua portuguesa, se refere ao “preconceito ou discriminação motivados por causa do sexo de alguém” Oliveira e Saraiva (2010). Nesta mesma edição os autores exemplificam o sentido/significado da palavra com a frase “dizem que as mulheres não podem jogar futebol porque isso é coisa de homem”, deixando claro um certo posicionamento e visão sociocultural sobre futebol e em paralelo ao futsal, tema deste trabalho.

O presente estudo foi motivado através da relação existente, entre a importância do futsal feminino dentro do ambiente escolar, e o paradigma presente nessa prática, que historicamente traz uma bagagem sexista preconceituosa, pontuada por Corrêa et al. (2015), onde o futebol/futsal se inserem em um grupo de esportes historicamente próprios para prática masculina.

Este estudo busca contribuir como amparo bibliográfico, se propondo como fonte de estudo sobre o tema abordado, cooperando com futuras pesquisas como apoio teórico, participando assim do progresso da prática do futsal feminino dentro das escolas. Nossa investigação acontece por meio de uma revisão bibliográfica narrativa, associando estudos científicos de diversos autores, formando uma linha de concepções direcionada a que se busca conhecer (GOMES; CAMINHA, 2014).

Fazendo uso da revisão bibliográfica este estudo aborda na sua primeira etapa: Dificuldades históricas para a prática do futsal feminino, na segunda: futsal feminino na escolar e a importância do professor de Educação Física, e na terceira etapa: As barreiras do sexismo no futsal feminino escolar. Aspectos necessários para fundamentar o objetivo deste trabalho, que busca entender as barreiras do sexismo no futsal feminino escolar.

## 2. METODOLOGIA

Buscando compreender a relevância do sexismo quanto a prática do futsal feminino na escola, optamos por um estudo de revisão bibliográfica narrativa, que conforme Botelho et al. (2011), e de grande importância para a construção científica, agregando conhecimento e atualizando novos saberes sobre um determinado assunto em curto período de tempo.

A construção do acervo bibliográfico base desta investigação foi elaborado por meio da internet, com uso da ferramenta de pesquisa “Google Acadêmico”, com as palavras-chave, futsal AND feminino AND escolar AND sexismo; e busca secundária, “preconceito AND futsal AND feminino AND escolar”.

No primeiro momento foram selecionados um total de 35 artigos relacionados ao tema proposto, após leitura exploratória (título, introdução) buscando a visão geral dos artigos destacando os pontos importantes para o estudo e, leitura interpretativa de entendimento pessoal sobre o tema pesquisado Andrade (2015). Se fez necessário o descarte de 15 artigos, os mesmos não apresentavam informação direcionadas à pesquisa.

### 3. DIFICULDADES HISTÓRICAS PARA A PRÁTICA DO FUTSAL FEMININO

Buscamos nas literaturas relatos que expusesse o início da história do futsal feminino, onde notamos que seus primeiros passos estão bastante atrelados aos do futebol de campo, então, no proceder de nossa pesquisa direcionaremos para a área do futsal. Esporte esse que historicamente foi formado para ser praticado por homens, o futsal traz em seu caminhar evolutivo uma grande carga de preconceitos e sexismo a respeito de sua prática pelo sexo feminino. Não apenas dentro do espaço do esporte em si, mas também socialmente, visto que vivemos em uma sociedade machista.

Segundo Franzini (2005), é notável que o ambiente do futsal é extremamente masculino, situação essa que ultrapassa o campo do esporte até o campo social no qual é integrado de valores que constituem limites, onde muitas das vezes não tão precisos porém devam ser analisados para uma preservação da “ordem” e “lógica” na qual se espera da prática do jogo, e com o acesso das mulheres ao esporte essa ordem ficaria subvertida causando assim reações que deixariam claras as relações de gêneros existentes em cada sociedade, conforme o grau de machismo e sexismo maior seria os julgamentos.

Ainda segundo Franzini (2005), a prática esportiva com muito contato físico realizada pelas mulheres não era bem vista pela sociedade pois, sua delicadeza, sensibilidade e seu porte físico bem inferior aos dos homens não contracenava com a explosão física e a agressividade em que se era visto no futebol, prática esta semelhante ao futsal, pós seria prejudicial à saúde da mulher afetando seu corpo.

Longe de ser apenas esses os problemas apontados para a não aceitação da mulher no esporte, pois aderindo à prática esportiva, elas passavam a ter preocupação com a boa aparência, o uso de roupas que expunha mais o corpo e técnicas estéticas, eram apontados como propulsores do progresso da mulher em sua autoafirmação em meio a sociedade, pontos esses vistos como de natureza vulgar, onde lhes avizinhava com o espaço de desonra e prostituição (GOELLNER, 2005).

Atentando a esse ponto de vista, o futsal praticado pelo sexo feminino é algo fora dos padrões pré-definidos por uma sociedade preconceituosa. Para muitos a prática do futsal feminino assim como ocorre no futebol caracteriza-se como desvio da boa conduta, algo inaceitável para a sociedade brasileira, pois foge do estereótipo já consagrado que a mulher carrega em sua história, onde é vista como “dona de casa” simbolizada como “boa mãe” e “boa companheira”, que deixa claro a limitação do sexo feminino ao ambiente doméstico Franzini (2005), de forma que essa prática para as mulheres deveria ser apenas apreciada das arquibancadas, e nunca atuar.

A prática do futsal feminino como diversas outras modalidades, sofreram barreiras de restrições socioculturais, aspecto esse retratado no decreto nº03199, art. 54 de 1941, que proibia as mulheres de praticarem diversas modalidades de desporto que eram consideradas incompatíveis a sua natureza, contando com o amparo da legislação da Educação Física e do esporte que apoiava e fortalecia esse pensamento, de que a mulher brasileira possuía o papel social de mulher do lar, papel maternal (CASTELLANI FILHO, 1988).

Seguindo com as informações de Castellanni Filho (1988), as mulheres passaram a ter certa permissão para as práticas desportivas a partir de 1986, quando em 6 de março, o CND reconheceu a importância das mulheres no desporto brasileiro através de documento oficial, na recomendação nº 02 como estímulo a prática feminina.

Apesar de inúmeras dificuldades o futsal feminino vem aos poucos se firmando, atualmente já existem competições de nível internacional que mostra um grande passo dado por essas guerreiras. Mas ainda é bastante visível a diferença de investimentos e visibilidades quando comparamos atletas do sexo feminino com masculino, levando em consideração atletas profissionais, a diferença entre salários e patrocínios é enorme.

Como diz Baldissera (2018), mesmo com toda essa diferença visível, as atletas têm mostrado um excelente desempenho e buscam forças para continuarem sua caminhada, com muito esforço e determinação, seguem quebrando as barreiras do preconceito, preconceito esse que acaba por estimula-las ainda mais continuarem praticando o futsal.

Ao que tudo indica, as mulheres não tiveram vida fácil quanto a compreensão da sociedade em sua participação no universo da bola, visto a propagação do esporte, todos os atos relacionados a esse pensamento eram direcionados para o afastamento das mulheres de tal, pois esse espaço seria próprio apenas para o sexo masculino (FRANZINI, 2005).



#### 4. FUTSAL FEMININO ESCOLAR E A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O futsal feminino está presente dentro das escolas, se demonstrando com boa aceitação entre as estudantes. Bastos e Navarro (2009), já pontuavam a grande quantidade das alunas praticantes dessa modalidade no ambiente escolar, tratando o futsal feminino como uma realidade dentro das aulas de Educação Física, como também destacando a presença das meninas em práticas de esporte da Escola.

Em seu estudo Bastos e Navarro (2009), destacam a preferência das alunas pela prática do futsal frente as outras modalidades oferecidas na escola por eles pesquisada, sendo a primeira opção para todas as turmas do Ensino Fundamental II, no Ensino Médio foi modalidade preferida das alunas da segunda e terceira série, ficando como segunda opção apenas na turma da primeira série.

Se faz evidente a existência de um certo desejo feminino pela prática do futsal dentro das escolas nas aulas de Educação Física, evidenciado por Oliveira (2019), em seu estudo por meio do olhar de 50 alunas do ensino médio, constatou que 92% das alunas acreditam que o futsal bem empregado nas aulas de Educação Física contribui para a integração social, deixando claro a boa relação entre as alunas e o desejo pela prática desta modalidade.

Contudo apenas 85% da amostra da pesquisa de Oliveira (2019), relataram ter praticado futsal dentro das aulas de Educação Física e 71% concordam com a ideia de o futsal ser mais constante e regular nas aulas de Educação Física. Dados que demonstram uma barreira entre o desejo pela prática e a realização da mesma, aspecto esse pontuado no tópico seguinte desta pesquisa.

A escola se apresenta como instrumento fundamental para o crescimento da aceitação feminina pela prática do futsal, devendo ser ambiente favorável e motivador a essa prática pelo público feminino. A possibilidade de praticar o futsal pelas alunas é indispensável dentro do ambiente escolar, conforme Oliveira (2016), concluiu através da fala de suas entrevistadas, que elas poderiam não está praticando o futsal caso a escola não oferecesse essa modalidade, ressaltando a socialização que o futsal promove nesse ambiente, onde alunas iniciam a prática através de estímulos de suas amigas, e para que isso ocorra e necessário que a escola faça sua parte possibilitando essa experiência.

Enfatizamos a importância o trabalho do profissional de Educação Física para o progresso do futsal feminino dentro do ambiente escolar, na construção de aulas que favoreçam e motivem a participação das alunas e não somente dos meninos nesta modalidade.

Sobre essa perspectiva Souza (2011), acredita que a sociedade e principalmente a escola está em uma mudança positiva sobre a prática do futsal feminino, estimulando as alunas e não somente os alunos. Ressalta que cada vez mais a escolar está inserindo as meninas na prática do futsal e que o professor de Educação Física vem exercendo um papel especial nesse progresso, resultado disto dentre as 10 atletas profissionais ouvidas em sua pesquisa, seis se identificaram com o futsal dentro das aulas de Educação Física escolar, levando essa paixão para a vida.

O professor de Educação Física possui uma enorme responsabilidade nesse processo de participação feminina no futsal escolar, e não deve omitir-se desse dever, promovendo e estimulando essa prática corporal para as alunas. Santiago (2017), alerta para essa responsabilidade, onde as alunas por ele pesquisadas veem o professor de Educação Física como estimulador para a prática feminina do futsal, ao mesmo tempo elas relatam que os professores temem realizar aulas mistas, tendo receio que os meninos machuquem as meninas por serem considerados mais fortes. Cabendo ao professor de Educação Física ser capacitado para proporcionar nas suas aulas a integração de meninos e meninas, sendo capaz de adequar o futsal respeitando os limites de cada um no mesmo ambiente.

Em relação as aulas de futsal participadas por meninos e meninas juntos, formando grupos mistos, segundo Santiago (2017), são muito positivas, ao ponto de todas as participantes alegarem ter iniciado a jogar futsal junto com meninos, principalmente por não haver a quantidade suficiente para iniciar um jogo.

#### 5. AS BARREIRAS DO SEXISMO NO FUTSAL FEMININO ESCOLAR

De acordo com o estudo de Oliveira (2019), 83% das alunas questionadas afirmaram existência do preconceito sobre meninas praticando futsal, com atitudes baseadas em suposições generalizadas, que tendem ao julgamento da sexualidade e feminilidade das mulheres pelo fato de praticarem o futsal.

O sexismo no futsal feminino escolar não é de hoje, como em diversas outras práticas físicas/esportivas é uma bagagem sociocultural que persiste em nossa sociedade, bem retratada no período republicano, com

a Educação Física entrando no contexto escolar, e assim possibilitando as mulheres de praticarem atividades físicas, algumas famílias restringiram a participação de suas filhas, mesmo tendo ciência que elas poderiam perder o ano escolar, atitudes reflexo do pensamento sociocultural da época (BASTOS; NAVARRO, 2009).

As barreiras do sexismo na prática do futsal feminino escolar pode atuar de diversas direções, vindo da família que acaba por refletir nas alunas dentro da escola, podendo está presente na escola propriamente dita, como também é capaz de encontrar-se no próprio professor, e na maioria das vezes esse preconceito vem dos colegas.

A família muitas das vezes é responsável por essa bagagem sexista sobre as meninas na prática do futsal, onde não aceitam por ainda não compreenderem a importância dos valores femininos que se estabelecem na sociedade. Santiago (2017), destaca em sua pesquisa pais que não aceitam que suas filhas pratiquem futsal por verem como um esporte masculino, que as caracterizariam como lésbicas, o que leva ao pensar de outros pais que temem por suas filhas que praticam, justamente por saber da existência desses estereótipos, e demonstram certa vergonha atrelado a um medo sobre o que as outras pessoas iram pensar sobre sua filha, por isso a importância do apoio familiar, que mesmo com seus temores apoia suas filhas contribuindo para o progresso do futsal feminino e seus valores, como retrata o mesmo autor, com 77% das alunas que jogam no time da escola por ele pesquisada, são apoiadas pelos pais.

A escola por sua vez é apontada por Santana e Reis (2003), como um dos principais pontos de partida para a prática feminina no futsal, todavia ela se omite do dever de desmitificar essa modalidade como apenas para meninos, não assumindo o que lhe é por dever. Flores e Silva (2011), fortalecem a falta de estímulo que a escola muitas das vezes deixa de exercer sobre a prática do futsal feminino.

É importante frisar que uma boa estrutura escolar é indispensável para uma formação global dos alunos. Hunhoff (2017), se atem as mudanças do mundo se referindo aos valores da mulher e sua luta por igualdade, e como a prática do futsal feminino é relevante nesse contexto, destacando a escola o dever de se posicionar como espaço formador de bons cidadãos, respeitando esses valores, afim de contribuir com uma sociedade mais justa.

Quanto ao futsal feminino dentro das aulas de Educação Física, é esperado um olhar mais igualitário e sem atitudes discriminatórias por parte do professor, o que infelizmente não é unânime entre os profissionais. Mascarin et al. (2017), apresenta a fala de sua entrevistada, que diz ter sofrido discriminação por prática futsal vindo de sua professora de Educação Física, a mesma que tem o dever de estimular não o contrário. Furlan e Santos (2008), abordam o ambiente das aulas de Educação física como propícios ao fortalecimento de pensamentos sexistas, espaço esse onde a resistência as formas de trabalhos integradores.

É necessário um ambiente satisfatório e motivador para a prática do futsal feminino nas aulas, para que as alunas se sintam estimuladas. Nesse aspecto, Baldissera (2018), é taxativo ao dever do professor de Educação Física, onde não cabe ao professor justificar as diferenças, separando o que é de menino e o que é de menina, não deve ter atitudes discriminatórias, tão pouco deve contribuir com esse modelo preconceituoso entre os sexos presentes na sociedade. E ainda, o profissional de Educação Física ciente que a escola é o principal ponto de ingresso feminino na prática do futsal, deve promover a maior vivência possível nessa cultura corporal as alunas, sem fazer comparações com o sexo oposto.

Destacamos o pensamento sexista que os alunos trazem da sociedade e reproduzem com as colegas, como um dos mais claros dentro do ambiente escolar. Sobre esse aspecto Golon e Cândido (2012), relatam que algumas meninas trazem para dentro da escola um posicionamento aceitando que a prática do futsal é para meninos, da mesma forma essa crença existe no imaginário dos meninos. Levando a um certo conformismo de algumas das mesmas em não participarem dessa modalidade, fortalecendo o pensamento sexista quando o futsal é trabalhado como esporte para o sexo masculino.

O preconceito cometido pelos colegas é alertado por Gambôa (2018), onde os meninos discriminam a sexualidade das alunas, com atitudes fruto do pensamento sociocultural presente na nossa sociedade, que estabelece o homem como único na prática do futsal e a mulher intrusa nessa ambiente, assim as crianças, os jovens, os alunos em geral acabam trazendo esse preconceito para dentro da escola, especialmente nas aulas de Educação Física, espelhando o que a sociedade produz.

O estudo realizado por Correa et al. (2015), pontua o sofrimento feminino vítima desse preconceito, pelo fato do Brasil ter o futsal como esporte masculino, em sua pesquisa realizada com uma amostra de 11 alunas (14 à 17 anos), 27% delas afirmam terem sofrido com atitudes sexistas dos alunos, ouvindo dos seus colegas da escola que o futsal não é para mulheres e sim para homens.

O preconceito cometido pelos meninos é retratado nas falas de alunas do Ensino Médio, alegam que os meninos promovem certa facilidade no momento da prática do futsal para as meninas, mas muitas vezes no sentido de não aceitarem a derrota para elas, e assim “facilitam” o jogo, ficando evidente que o menino não costuma ver com bons olhos e aceitar que uma menina jogue melhor que ele, afetando sua virilidade e masculinidade Oliveira (2016). Ainda segundo o mesmo autor, as meninas sabem que estão cada vez melhores, ganhando espaço e incomodando, entendem que estão travando uma luta simbólica por sua legitimidade.

Concordando com o pensamento de Oliveira (2019), que mesmo existindo o preconceito, as estudantes apresentam um ímpeto extremamente exacerbado em praticar futsal, em uma perspectiva que vai muito além da diversão, saúde ou bem estar físico. Essa busca também é impulsionada por um forte anseio pela conquista feminina na sociedade, transformações sobre o pensamento sexista presente neste esporte que elas tanto apreciam.

## 6. CONCLUSÃO

Notamos que a prática do futsal por mulheres historicamente não tem sido bem vista pela sociedade, e nos tempos contemporâneos ainda percebemos uma prática cercada por sexismo e preconceitos. Aos poucos a mulher tem ganhado espaço dentro do futsal, bem como em outros esportes que antes não praticavam. Longe de ser o ideal, porém já bem significativo são os investimentos e patrocínios que o futsal feminino vem recebendo, confirmando assim que as mulheres têm seu espaço dentro das quadras e não apenas nas arquibancadas.

O futsal é uma modalidade bem aceita pelas meninas dentro das escolas, tida como um dos esportes desejados por elas e muitas das vezes sendo o preferido. Contudo para que haja progresso da participação feminina dentro das escolas, é indispensável que esse ambiente promova e estimule a prática do futsal feminino, e principalmente o professor de Educação Física deve ser o maior incentivador para essa prática, encorajando-as a jogarem e assim vencendo paradigmas sociais.

Notamos a presença do pensamento sexista sobre meninas que praticam futsal no âmbito escolar, esse preconceito se apresenta como um espelho sociocultural e adentra no ambiente escolar. Andrade (2015), ressalta a importância da função escolar e do professor de Educação Física, como facilitadores do processo da quebra de conceitos pré-concebidos de forma equivocada, desconstruindo a visão de que o futsal é um esporte exclusivamente praticado por homens.

Salientemos a importância da produção de pesquisas a respeito do tema abordado, principalmente no Estado do Amazonas, onde encontramos apenas o trabalho de Corrêa et al. (2015), sobre temas que abordem o futsal feminino escolar. Sugerimos estudos que tratem questões voltadas ao preconceito e sexismo no futsal das aulas de Educação Física escolar, bem como descrever sobre o preconceito e sexismo no futsal feminino praticado no esporte da escola, estudos que possam contribuir para o progresso feminino na prática do futsal escolar.

## REFERÊNCIAS

- [1] ANDRADE, M. A. A. Educação Física escolar: o futsal feminino, uma proposta de intervenção. Brasília: Centro Universitário de Brasília, Faculdade de Ciências da Educação e Saúde. junho, 2015.
- [2] BALDISSERA, T. R. Caminhos e desafios enfrentados por alunas do Ensino Médio e atletas amadoras para a praticar do futsal nas escolas. Ijuí: Universidade regional do Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, Departamento de Humanas e Educação.2018.
- [3] BASTOS, P. V.; NAVARRO. A. C. O futsal feminino escolar. Revista brasileira de futsal e futebol. São Paulo, v.1, n.2, pag.144-162, 2009.
- [4] BOTELHO, L. L. R. et al. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais.
- [5] Belo Horizonte, gestão e sociedade, v.5, n.11, p.121-136, mai/ago. 2011.
- [6] CASTELLANE FILHO, L. Educação Física no Brasil: a história que não se conta. São Paulo, Papyrus editora, edição.15, 1988. Disponível em:<<https://bit.ly/2AmVp75>> acesso em: 29 maio.2020.
- [7] CORRÊA, L. S. et al. A percepção de meninas praticantes de futsal em relação ao preconceito sobre o sexo feminino na prática do esporte. Rev. acta brasileira de movimento humano. Manaus, v.5, n.3, p.1-9, 2015.

- [8] FLORES, D. S.; SILVA, M. A. A participação do gênero feminino no futsal/futebol escolar da cidade de Caxias do sul. Caxias do Sul, ciências e artes, v.1, n.2, jul/dez.2011.
- [9] FRANZINI, F. Futebol é “coisa de macho”? pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. Revista brasileira de história. São Paulo, v.25, n.50, p.315-328, 2005.
- [10] FURLAN, C. C.; SANTOS, P. L. Futebol feminino e as barreiras do sexismo nas escolas: reflexões acerca da invisibilidade. Maringá, motrivivência, ano XX, n.30, p.28-43, jun.2008.
- [11] GAMBÔA, T. C. B. Análise das relações de gênero nas aulas de Educação Física escolar. Brasília: Centro Universitário de ciências da educação e saúde. 2018.
- [12] GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sonhos e visibilidade. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr/jan.2005.
- [13] GOLON, C. R.; CÂNDIDO, F. P. Participação feminina nas aulas de Educação Física. O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense. Paraná, Governo do Estado/ Secretaria da Educação, v.1.2012.
- [14] GOMES, I. S.; CAMINHA, I. O. Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as ciências do movimento. Porto Alegre, Movimento, v.20, n.01, p.395-411, jan/mar, 2014.
- [15] HUNHOFF, P. E. Educação Física: futsal feminino escolar uma questão de gênero. Santa Rosa: Universidade Regional do estado do Rio Grande do Sul, Departamento de Humanas e Educação. 2017.
- [16] MASCARIN, R. et al. Feminilidade e preconceito de gênero no futsal: uma perspectiva de atletas brasileiras. São Paulo, fluxos & riscos, vol. II, n.2, p.83-96. 2017.
- [17] MELO, P. R. O futsal: influencia no desenvolvimento corporal e aspectos formativos do adolescente. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Educação Física. 2013.
- [18] OLIVEIRA, F. V. C. Participação feminina no futsal escolar de Ribeirão Preto: a perspectiva de jogadoras do Ensino Médio sobre questões de gênero. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo, Faculdade de filosofia ciências e letras de Ribeirão Preto. 2016.
- [19] OLIVEIRA, P. K. Futsal feminino na escola: a visão de alunas do ensino médio. Brasília: Centro universitário de Brasília, Faculdade de Ciências da Educação e Saúde.2019.
- [20] OLIVEIRA, R. C. G.; SARAIVA, K. S. A. Saraiva jovem: dicionário da língua portuguesa ilustrado. São Paulo, saraiva. 2010.
- [21] SANTANA, W. C.; REIS, H. H. B. Futsal feminino: perfil e implicações pedagógicas. Revista brasileira de ciências e movimento. Brasília, v.11, n.4, p.45-50, out/dez. 2003.
- [22] SANTIAGO, T. C. Questões de gênero e sexismo na prática do futsal feminino na escola. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Educação Física. 2017.
- [23] SOUZA, M. M. Futsal também é coisa de mulher: por que será que elas praticam? Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do sul, Escola de Educação Física. 2011.

# Capítulo 4

## *Desmotivação do professor de Educação Física: Uma análise da autodeterminação*

*Rogério Da Silva Fonseca*

*Joaquim Albuquerque Viana*

*Gleiser Barroso Barbosa*

**Resumo:** Atualmente, os professores têm sido questionados por seus conhecimentos científicos e pedagógicos, deixando em questão sua formação e competências. No que diz respeito às características do professor de educação física, existem estudos sobre o que este profissional deve possuir para realizar melhor seu trabalho e, ao revisar as informações sobre esse assunto, vê-se que o professor de educação física deve possuir habilidades pedagógicas, atitudes profissionais, pessoais e orientações filosóficas que contribuam para o desempenho de seu trabalho docente e para o treinamento cognitivo, afetivo e de valor de seus alunos. Diante destes aspectos, frente à teoria da autodeterminação, o presente artigo permeia a exposição da desmotivação do professor de educação física. A metodologia empregada neste estudo é de natureza qualitativa bibliográfica. Os resultados mostram que o fator motivacional para o professor de educação física é de grande relevância neste âmbito, uma vez que um dos elementos basilares do processo de ensino-aprendizagem do professor de educação física é promover a convivência, participação, colaboração e reflexão, estando ativamente no processo de socialização e evitando desigualdades entre os alunos.

**Palavras-chave:** Motivação do professorado; Educação Física; Autodeterminação.

## 1. INTRODUÇÃO

Em muitos lugares os mestres em educação física têm enfrentado diversos problemas pela ausência de recursos no ambiente de atuação, logo, é fundamental o desenvolvimento de estratégias, concedendo alternativas visando possibilitar professores e alunos a desenvolver as atividades de maneira que seja produtiva e cheia de vantagem.

A intuição é proporcionar soluções para o desenvolvimento de atividades selecionadas aos alunos possibilitando o aproveitamento em sua plenitude, independentemente das situações encontradas pelo professor.

Logo, será exposto nessa pesquisa as relações e os motivos principais que levam o professor no exercício de sua profissão a se motivar ou desmotivar, então se deve fazer varias indagações e buscar de forma coesa e concisa o que apontam algumas pesquisas já realizadas, bem como os resultados referentes aos motivos. Seria a falta de materiais? Seria a falta de infraestrutura? Libâneo (2001) afirma que há dois componentes cruciais na prática do educador: a profissionalização e o profissionalismo. O primeiro refere-se às condições propícias ao exercício de suas atividades, são eles salários apropriados, dignidade de trabalho (local, apropriados e materiais), ainda pode falar da formação continuada responsável pelo aprimoramento das competências, habilidade profissional do educador.

Já o segundo diz respeito à motivação do mestre executar seus deveres e atribuições de forma consciente, respeitosa e moral, isso requer muito altruísmo no exercício de sua função, temos ainda a presença, participação direta em construir o projeto pedagógico, e certamente ter o total domínio da matéria e das formas de ensinar.

A pesquisa tem por sua vez o objetivo geral verificar as razões pelas quais o professor de educação física muitas vezes se sente desmotivado para ministrar sua aula em decorrência de fatores que serão aqui expostos.

Os objetivos específicos, são:

- Expor a atitude profissional dos professores de educação física;
- Identificar as características pessoais e orientações filosóficas do professor de educação física;
- Evidenciar o aspecto motivacional do professor de educação física e seu reflexo na capacidade pedagógica e científica.

Muito embora essa desmotivação possa vir por questões financeiras forçando o professor a muitas das vezes dobrar sua carga horária com intuição de complementar sua renda mensal, de acordo com, Gatti e Barretto (2009, p. 247) corroboram essa conclusão afirmando que, os salários recebidos pelos professores não são tão compensadores, especialmente em relação às tarefas que lhes são atribuídas.

Más se esses são motivos determinantes que levam o educador a ficarem desmotivados, o que os levam a continuar mesmo em meio ao sofrimento? Qual é de fato sua motivação? Seria a vontade de querer uma sociedade melhor? Talvez a preocupação atrelada a isso o desenvolver o ser humano melhor dentro de casa pessoa, então façamos mais indagações, seria o professor-sofredor ou sofredorprofessor? Porque continuar? Porque aceitar essa condição que as vezes chega a ser injusta, Como afirma Di Iório (2003, p. 39),

O “mestre passou a aceitar uma posição de inferioridade, de profissional mal remunerado e malformado”, cuja escolha da profissão foi a única opção de uma classe social desprestigiada, uma vez que os cursos de licenciatura são os de preço mais baixo nas universidades particulares e nas federais são os cursos de menor concorrência.

Analisando o ponto de vista relacionado às consequências inerentes à desmotivação do mestre podem ser devastadoras para o aluno, pois, o professor poderá ser visto como um vilão ao invés de ser o super-herói na vida acadêmica do educando, podendo deixar marcas negativas de ambos os lados.

Em primeiro lugar, deve-se ter em mente que a educação física atual tem como objetivo principal a educação integral do aluno, melhorando aspectos como: autoconfiança, controle do movimento e de seus pensamentos (HAICHUN; ANG, 2010). Portanto, um bom professor não é mais definido como aquele que melhora as aptidões físicas dos alunos, mas também aquele que trabalha de maneira biopsicossocial, aprimorando todas as suas aptidões e atitudes (NTOUMANIS, 2005).

Neste ponto, é válido ressaltar que existem estudos que tentam descrever os perfis "socioculturais" do professor de Educação Física e suas experiências de engajamento (MITCHELL et al., 2015), por exemplo,

destacam-se, de modo geral, três aspectos: o conhecimento e a competência profissional, a capacidade de entender os alunos e, finalmente, o espírito esportivo e a competência de conduzir as aulas.

É importante compreender, à priori, que o papel do professor sofreu múltiplas mudanças e sua função é determinada pelo que a sociedade exige atualmente. O professor deixou de ser o protagonista que entrega o conhecimento, passando a ser o mediador, que facilita o aprendizado por meio de ferramentas, onde o aluno participa da construção desse conhecimento.

Desta forma, destaca-se que é necessário que o professor de educação física tenha uma formação acadêmica que lhe permita estar preparado e motivado para liderar seus alunos, através de conhecimentos atuais e claros, bem como ter um treinamento de valor que permita ao professor ter uma comunicação próxima e ter um relacionamento eficaz e cognitivo, além de ter a capacidade de dominar o grupo e a melhor disposição nas aulas (CHEON; REEVE, 2015).

Ressalta-se, também, que o professor de educação física também desempenha um papel socializador, facilitando instâncias de convivência e relacionamento em diferentes situações e contextos, pois envolve e promove o trabalho em equipe, a participação e a cooperação entre os alunos (ARDEŃSKA et al., 2016)

A análise da autodeterminação do professor de educação física em seu viés (des)motivador é fundamentada na compreensão de que a educação física envolve características distintas e o professor precisa ser abrangente, com habilidades pedagógicas, psicomorais, profissionais, físicas e morais.

Para uma análise da autodeterminação na questão da motivação do professor de educação física, deve-se compreender que toda avaliação deve conter um objetivo, uma técnica, problemas levantados, aplicação, resposta ou comportamento dos professores, proposta de intervenção, qualificação e consequências que estão conectadas e condicionadas, considerando a avaliação, neste caso, como um sistema, busca-se, então, expor à teoria da autodeterminação para que, desta forma, possa trazer à luz a discussão do presente problema.

Destaca-se, portanto, que a análise da autodeterminação do professor de educação física, deve ser abrangente, contínua e cooperativa, entendendo por cooperativa a avaliação na qual o sujeito avaliador é expandido, na medida em que tenta envolvê-lo, entendê-lo e correlacioná-lo no processo de ensino-aprendizagem. Desta forma, ao tentar expor a motivação do professor de educação física, compreende-se que este profissional também deve participar do controle e avaliação de sua motivação em seu próprio sistema de ensino. Para que isso aconteça, é necessário que os professores conheçam a priori, os critérios com os quais estão envolvidos ao ministrarem aulas de educação física, deste modo, poderão detectar seus erros e diferenças de aprendizado quando confrontados em seus aspectos motivacionais.

## 2. METODOLOGIA

A metodologia deste artigo é qualitativa bibliográfica, desta forma, buscou-se autores que permeiam seus estudos nesta esfera. Utiliza-se a base de dados da Google Scholar e Scielo.

Identificaremos resultados já obtidos que retratem a problemática supracitada. Este estudo teve sua metodologia voltada para pesquisas bibliográficas. Um estudo focalizado e definido como teórico, com ideias e conceitos científicos apresentados em 30 artigos. Assim foi feita uma pesquisa na seguinte fonte: Google acadêmico, o que nos permitiu embasamento na pesquisa.

A Educação Física enquanto componente curricular da Educação básica deve assumir então uma outra tarefa: e interagir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transforma-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e danças, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade de vida. (betti, 1992, 1994<sup>a</sup>).

## 3. CAPACIDADE PEDAGÓGICA E MOTIVAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A capacidade pedagógica do professor pode ser observada na maneira como o professor ministra um ensino com gentileza. Ao utilizar as estratégias e estilos de ensino corretos nos momentos certos, pode-se obter uma aula mais dinâmica e interessante ao discente. Da mesma forma, que todas as suposições, procedimentos e atividades que a pessoa que ocupa o papel de educador aplica para induzir a aprendizagem nas disciplinas são importantes, há, também, a má escolha de estratégias, bem como a desmotivação do professor e o processo de ensino-aprendizagem pode terminar em fracasso. A motivação

do professor no ambiente escolar é essencial, especialmente quando os alunos veem o professor como uma referência (EXTREMERA; RUIZ-JUAN, 2016).

Aelterman et al., (2016) indicam uma série de diretrizes orientadas na educação que norteiam os professores de educação física durante o processo de ensino-aprendizagem, como: evoluir do simples para o complexo; Aprender jogando; Alcançar um aprendizado significativo; Individualização; Adequação de materiais e padrões; Atitude de paciência e clima favorável; Breve informação e muita prática; Promoção do conhecimento de resultados internos, entre outros.

Além das diretrizes orientadas para a educação que norteiam o desempenho dos professores, o professor possui outras ferramentas, que não aparecem explicitamente em seu cotidiano, mas são levadas em consideração para facilitar o processo de aula, tais como a motivação e participação em grupo, e alguns exemplos de recursos de ensino são: lidar com a linguagem verbal ou não verbal, gestual, visual e auditiva, usando todos os meios de informação para facilitar o aprendizado e a relação aluno-professor (AELTERMAN et al., 2016).

Desta forma, para o professor de educação física, quando este faz um planejamento das atividades, ou seja, como cada atividade será vinculada, do trabalho individual ao grupo e que elas estão relacionadas ao conteúdo que está sendo ensinado, pode-se obter otimização no processo de ensino-aprendizagem.

Neste diapasão, ressalta-se que o professor de educação física pode incentivar os alunos, se envolver e participar com eles, dando exemplos, atividades dinâmicas e de interesse dos alunos, usando diferentes materiais tradicionais e não tradicionais (FERNANDES; VASCONCELOS-RAPOSO, 2005).

É absolutamente necessário que o professor tenha uma boa capacidade técnica e de aplicação, uma vez que esses dois pontos no momento de um exercício ou na própria aula facilitam a explicação e motivam os alunos a realizar o exercício, com a demonstração de qualquer conteúdo complexo, simplificando para os alunos, tornando os objetivos muito mais claros (GUIMARÃES, 2005).

Um ponto importante quanto à concepção profissional é a vocação que o professor de educação física deve possuir, pois anda de mãos dadas com a atitude e o desejo exercidos nas aulas e a criatividade na criação de novos exercícios.

Logo, as atitudes profissionais são determinadas pelo comportamento do professor, se o professor apresentar atitudes positivas ou negativas, elas influenciarão o interesse e a resposta dos alunos na aula de educação física. Portanto, o professor que apresenta atitudes positivas (justas, abrangentes, não autoritárias) é valorizado e aceito pelo grupo de alunos, assim como aquele que apresenta atitudes mais valorizadas (gentis e agradáveis). Os alunos destacam professores especialistas na área, demonstrando maior satisfação em relação ao professor (GUIMARÃES, 2005); (SILVA et al., 2007)

Um bom ensino é alcançado quando os professores estão envolvidos como pessoas na tarefa, com todas as suas habilidades e valores. Caso contrário, eles não alcançariam uma inter-relação empática com seus alunos, o que torna a tarefa de ensino insubstituível.

#### 4. TRAÇOS DE PERSONALIDADE

Traços de personalidade são todas aquelas ações, valores, tendências que definem as pessoas, algumas de uma maneira mais transcendental que outras, mas sempre com o mesmo significado de contribuir para a personalidade dos sujeitos e até não apenas dos indivíduos, mas também grupos sociais, etários e culturais (TAYLOR et al., 2008). Segundo Taylor et al., (2008) existem diferentes tipos de classificação de traços de personalidade, sendo eles: traços comuns, traços centrais, traços secundários e traços de origem.

- Características comuns: são aquelas que definem uma cultura, qualidades que geralmente são repetidas em um país ou grupo;
- Traços centrais: entende-se por eles, aqueles que definem a personalidade, traços que nomear cinco ou seis deles podem definir uma pessoa, por exemplo: ser sociável, dominante, honesto, alegre, inteligente e otimista.
- Traços secundários: esses traços são definidos como aqueles que não têm um impacto completo na personalidade do indivíduo, mas contribuem para isso, são tendências ou gostos para certas coisas ou situações, por exemplo: preferências alimentares, opiniões políticas, gosto musical.



- Traços de origem: também chamados de origem, são aqueles com os quais nasce e que geralmente não podem ser alterados, dão tendências nas ações das pessoas, como exemplo uma pessoa imaginativa geralmente tende a ser inovadora, criativa, original e engenhosa, dentre outros. Logo, os traços são componentes que, quando reunidos, formam o comportamento da pessoa.

O componente físico é importante, é vital que o professor tenha presença, desejo e aptidão física para realizar o trabalho, uma vez que essas atitudes motivam o desempenho dentro da sala de aula, sendo também de grande relevância para a profissão uma atitude “jovem” em relação às aulas e aos alunos (MINELLI et al.,2010).

## 5. ORIENTAÇÃO FILOSÓFICA

Medina et al., (1983) apontam que as características morais devem ser uma parte importante do professor, uma vez que o ensino deve ser abrangente, ou seja, a ética profissional deve estar sempre presente no ensino e no trabalho do professor. Conti (2015) menciona que a ética como a força que move o homem no cumprimento de seus deveres, ou seja, auxilia no cotidiano do trabalho, na intensidade de como a classe deve ser conduzida e considera todas as prós e contras para fazer o trabalho de uma maneira melhor e mais profissional.

Quanto aos parâmetros psicomorais, é necessário ter uma visão do significado do senso de justiça e dignidade, ou seja, a imparcialidade do professor em relação aos alunos, uma vez que não pode haver preferências dentro de um grupo de curso devido às características ou condições físicas do aluno ou por seu comportamento dentro da classe, ou seja, desenvolvendo habilidades em todos, apesar de suas diferenças, que garantam qualidade na aprendizagem (CONTI, 2015).

## 6. AUTODETERMINAÇÃO

A teoria da autodeterminação (DECI; RYAN, 1985) aborda o grau em que a motivação para as atividades é considerada, isto é, o grau de auto-envolvimento e o quão variados serão os níveis dessa autodeterminação que influenciam a seleção de ações e geram resultados motivacionais desejados.

De acordo com Deci e Ryan (1985), as necessidades psicológicas inatas da autonomia do ser humano e sua competência que sustentam a motivação autodeterminada estão relacionadas com a crença do indivíduo de que pode interagir eficazmente com o ambiente e pode buscar desenvolver relacionamentos seguros e conectados com outras pessoas. Ou seja, a extensão dessas necessidades mediadoras é atendida pelo que está disponível no contexto social, e estas necessidades influenciam a motivação adotada pelo indivíduo considerada como autodeterminada.

Com base nos princípios teóricos da autodeterminação, essas diferentes auto-regulamentações são dimensionadas para formar um continuum que varia de níveis altos e baixos de autodeterminação e pode ser amplamente classificada como motivação intrínseca, regulação integrada, regulação introjetada, regulação externa e amotivação. Além disso, a teoria da autodeterminação prevê a personalidade do indivíduo e a motivação humana com a predisposição inata para aprendizagem e, que “o ambiente pode favorecer ou diminuir essa tendência frente às três necessidades psicológicas básicas e universais: a autonomia, a competência e a necessidade de estabelecer vínculos sociais” (DECI; RYAN, 1985: 43)

No ápice da autodeterminação do continuum está a motivação intrínseca e esta se refere à comportamentos altamente autônomos, comprometidos com os sentimentos de diversão, prazer e satisfação que decorrem da participação em uma atividade. Embora pesquisas anteriores tenham estudado os determinantes e as consequências da motivação intrínseca a partir de uma abordagem unidimensional, tais como Vallerand et al., (1997), outras pesquisas adotaram uma perspectiva multidimensional, tais como Pelletier et al., (2007), por exemplo, que propuseram uma taxonomia tripartida de motivação intrínseca, consistindo, primeiro, a motivação intrínseca ao conhecimento que se trata de um envolvimento em uma atividade para que se sinta prazer, satisfação ao aprender, explorar e tentar entender algo novo. Segundo, a motivação intrínseca em direção à realizações, isto é, com a participação em uma atividade pela satisfação e prazer experimentados ao tentar dominar tarefas ou na criação de algo novo. A motivação intrínseca para experimentar a estimulação, que se trata do envolvimento em uma atividade para sentimentos sensoriais de prazer, diversão, emoção e prazer estético.

Verificou-se, conforme relatam Pelletier et al., (2007), que essas subdimensões da motivação intrínseca são altamente inter-relacionadas. Considerando que ações intrinsecamente motivadas representam comportamentos autodeterminados que são realizados para os prazeres inerentes que emanam de uma atividade, a motivação extrínseca abrange uma ampla variedade de comportamentos caracterizados pelo objetivo de um indivíduo em uma ação sendo governada por alguma consequência separável.

A regulamentação externa refere-se à motivação extrínseca postulada por os estudos dicotomizados tradicionais sobre motivação extrínseca versus motivação intrínseca, tais como Lepper et al., (1973) e descreve comportamentos não autônomos que são governados por restrições controladas externamente, como recompensas, ameaças e pagamentos.

A regulamentação introjetada refere-se a ações executadas por indivíduos que sentem que devem começar a aceitar e valorizar estruturas dadas. Com a regulamentação introjetada, o valor colocado em uma atividade ainda é governada por pressões externas (por exemplo, culpa, ansiedade, regras), pois o indivíduo ainda precisa aceitar a ação. A característica distintiva entre regulação introjetada e regulação externa é que as pressões regulatórias mudam de fontes externas para fontes internalizadas. Ou seja, a regulamentação externa decorre da percepção de que se deve participar de uma atividade, enquanto a regulação introjetada deriva do sentimento de que alguém “deveria” participar.

Incorporando os princípios fundamentais da teoria da autodeterminação (Deci & Ryan, 1985), (Vallerand et al., 1997) propuseram um modelo hierárquico de motivação intrínseca e motivação extrínseca. Este modelo sustenta que a motivação opera em quatro etapas, sendo elas os fatores sociais, mediadores psicológicos, tipo de motivação e seus reflexos.

O padrão lógico destas etapas pode ser visto na TABELA 1. De particular interesse para a presente investigação, tal sequência proposta na TABELA 1, foi adaptada para o contexto da motivação do professor de Educação Física.

TABELA 1 - MOTIVAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

Fatores sociais	Fatores Psicológicos	Motivação	Reflexos
Origem- clima e desempenho- aceitação do grupo social no qual o professor participa (o ambiente escolar)	Percepções de autonomia; competência e relacionamento (variáveis que ativam a conduta do professor e o orienta em seu processo de ensino-aprendizagem)	Motivação intrínseca do saber, da estimulação, e da realização; regulação integrada; regulação introjetada; regulação externa e a motivação.	Afetiva Comportamental Cognitiva  Ativar o Acesse Co

Fonte: Adaptado de Vallerand et al., 1997

Depois de revisar os tipos de motivação adotada pela teoria da autodeterminação (Deci & Ryan, 1985), agora revisamos os outros construtos teóricos que constituirão a sequência proposta que abarca a motivação do professor de educação física em uma análise da autodeterminação.

É interessante observar, por exemplo, no estudo de Minelli et al.,(2010) que relatam sobre o estilo motivacional de professores de Educação Física, identificaram, em seu grupo amostral, que o estilo motivacional mais utilizado era o promotor de autonomia.

## 7. DIMENSÃO DA MOTIVAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Williams e Burden (1997) diferenciaram dois aspectos da motivação: iniciar a motivação que se preocupava com as razões para fazer algo e decidir fazer algo, e sustentar a motivação referente ao esforço para sustentar ou persistir em fazer algo. Dörnyei (1996) identificou duas dimensões da definição da motivação com as quais a maioria dos pesquisadores concorda: direção e magnitude do comportamento humano. Consequentemente, a motivação especifica o motivo pelo qual as pessoas decidem fazer algo, por quanto tempo as pessoas estão dispostas a sustentar a atividade e o quanto elas vão persegui-la.

Quanto à motivação dos professores de educação física, têm-se a atração, a retenção e a concentração como algo que determina o que atrai os professores a ministrarem suas aulas. Tal fator que determina esta atração pode ser entendido, por exemplo, pelo tempo que os docentes permanecem em seus cursos iniciais de formação de professores e, posteriormente, a própria profissão docente e até que ponto eles se envolvem com seus cursos e com a profissão docente.

Observa-se que há dimensões da motivação dos professores de educação física, de acordo com suas concepções de motivação, a saber, a motivação para ensinar e a motivação para permanecer na profissão. Dadas as definições existentes de motivação dos professores de educação física, observa-se, como ponto determinante, a persistência e o esforço do professor de educação física com sua profissão docente.

Portanto, a motivação do professor se refere a razões que emanam dos valores intrínsecos dos indivíduos para optar por ensinar e sustentar o ensino, e a intensidade da motivação do professor é indicada pelo esforço despendido no ensino, esforço este que é altamente influenciado por vários fatores contextuais.

A motivação, para o professor de educação física, conforme relata Chicati (2000 p. 97):

[...] é um dos elementos centrais na relação ensino-aprendizagem e, na

Educação Física, não é apenas importante, mas sim fundamental, por exigir um grau de excitabilidade, tanto do aluno quanto do professor, um pouco mais elevado em relação às demais disciplinas. Isso porque, os conteúdos necessitam de maior motivação e nem sempre os alunos se encontram prontos para algum tipo de atividade física.

Desta forma, pode-se verificar, em estudos correlacionados, tais como o de Rubellita et al., (2012), que em uma avaliação sobre as necessidades primordiais dos professores de educação física, há necessidades ou insatisfações que compreendem nos níveis fisiológico, no aspecto de segurança, no viés social, na questão da estima e na esfera da auto-realização.

Consoante Rubellita et al.,(2012), um dos fatores que tem peso para a desmotivação do professor de educação física é a insatisfação salarial e a necessidade da valorização do profissional. Diante destes aspectos, o professor de educação física, ao se sentir desmotivado, pode entrar em um nível atenuado de produção e interesse pelo trabalho.

Neste sentido, Shigunov e Shigunov Neto (2001) relatam que a remuneração, bem como as condições físicas e infraestrutura do ambiente escolar e o período de descanso, devem ser levados em consideração, para que o professor possa atuar em seu papel real de educador.

## 8. CONCLUSÃO

A partir da exploração bibliográfica, pôde-se compreender que os aspectos motivacionais para o professor de educação física são de grande valor, os resultados demonstram que a sociedade na qual novas tecnologias de comunicação são encontradas, determina que o professor de educação física deva ser um profissional flexível, sem preconceitos, com espírito inovador, comprometido, responsável, com tolerância à mudança e à tomada de decisão, adaptando-se ao meio ambiente e motivando a criar um clima agradável para os alunos.

Contudo, a desmotivação do professor de educação física frente à realidade de sua função no ambiente escolar, interfere, especialmente, para o professor ministrar sua aula. Com a motivação, o professor pode ser mais criativo e ter mais disposição para enfrentar e lidar em seu cotidiano com o processo de ensino-

aprendizagem do discente. Mostrou-se, em alguns estudos específicos, tais como o de Rubellita et al.,(2012), que o problema maior e que interfere substancialmente na motivação do professor de educação física, de modo geral, é a pouca remuneração. Contudo, tal fator não atua avulsamente, haja vista que há vários fatores preponderantes que geram a desmotivação do professor, tais como a falta de reconhecimento da profissão pela sociedade ou quando este possui uma descrença em sua função.

Conclui-se que o professor de educação física, por promover a convivência, participação, colaboração e reflexão, estando ativamente no processo de socialização e evitando desigualdades entre os alunos, se faz necessário uma atenção para o aspecto motivacional deste profissional.

## REFERÊNCIAS

- [1] AELTERMAN, N, VANSTEENKISTE, M, SOENENS, B. A dimensional and personcentered perspective on controlled reasons for non-participation in physical education. *Psychology of Sport*. Elsevier; 2016.
- [2] ARDEŃSKA, A, TOMIK, R, BERBER, S, DŪZ, B. A comparison of physical education students' motivation using Polish and Turkish versions of the Academic Motivation Scale. *Journal of Human. content.sciendo.com*; 2016;
- [3] CHEON, SH, REEVE, J. A classroom-based intervention to help teachers decrease students' amotivation. *Contemporary educational psychology*. Elsevier; 2015;
- [4] CHICATI, K. C. Motivação nas Aulas de Educação Física no Ensino Médio In: *Revista da Educação Física/UEM, Maringá.v.11,n.1.2000*
- [5] CONTI, Luana Cristine Franzini de. Prática e consciência das regras no jogo de “Bola Queimada” contribuições para a educação física – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita filho” Faculdade de filosofia e ciências programada de pós graduação em educação – Marília 2015
- [6] DECI, E. L.; RYAN, R. M. *Intrinsic motivationand self-determination in human behavior* .Nova York: Plenum, 1985.
- [7] DI IÓRIO, Patrícia Silvestre. A construção da identidade do professor de língua materna. *Revista Unicsul*, n. 10, dez. 2003.
- [8] DÖRNYEI, Z. Movendo a motivação para o aprendizado de idiomas para uma plataforma maior de teoria e prática. Em RL Oxford (Ed.), *Motivação para o aprendizado de idiomas: Caminhos para o novo século* (pp. 71–80). Honolulu, HI: Imprensa da Universidade do Havai. 1996 escolar na cidade de Paranaíba, Estado do Paraná, Brasil. 2011.
- [9] EXTREMERA, AB, RUIZ-JUAN, F. A cross-cultural analysis in predicting 2x2 achievement goals in physical education based on social goals, perceived locus of causality and causal attribution. *Studia*. 2016.
- [10] FERNANDES, H. M.; VASCONCELOS-RAPOSO,J. Continuum de auto-determinação: validadepara a sua aplicação no contexto esportivo. *Estudos de Psicologia* , v.10, n.3, p.385-395, 2005.
- [11] GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá. *Professores do Brasil: impasses e desafios – Brasília: UNESCO, 2009.294p.*
- [12] GUIMARÃES, S. E. R. O estilo motivacional de professores: um estudo exploratório. In: 28ªreunião da ANPED, Caxambu. *Anais do 28ªreunião da ANPED* , 2005, p. 115
- [13] HAICHUN, S; ANG, C. A Pedagogical Understanding of the Self-Determination Theory in Physical Education, *Jornal Quest*, v.62:4, 364-384. 2010
- [14] LEPPER, M. R., GREENE, D., & NISBETT, R. E. Undermining children's intrinsic interest with extrinsic reward: A test of the "overjustification" hypothesis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 28(1), 129–137. 1973
- [15] LIBÂNEO, José Carlos. *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. Goiânia: Alternativa, 2001. p. 45-52.
- [16] MEDINA, João Paulo; HUNGARO, Edson Marcelo; BRACHT, Valter. *Educação Física cuida do corpo... e “mente”*. Editora Papirus, 1983
- [17] MINELLI, D.S; NASCIMENTO, G.Y DO. VIEIRA, L.F; BARBOSA-RINALD, I.P. O estilo motivacional de professores de Educação Física. *Motriz*, Rio Claro, v.16 n.3 p.598-609, jul./set. 2010
- [18] MITCHELL, F, GRAY, S, INCHLEY, J. "This choice thing really works..."Changes in experiences and engagement of adolescent girls in physical education classes, during a school-based physical activity. *Physical Education and Sport*. Taylor & Francis; 2015;
- [19] NTOUMANIS, N. A Prospective Study of Participation in Optional School Physical Education Using a Self-Determination Theory Framework. *Journal of Educational Psychology*, 97(3), 444–453. 2005

- [20] PELLETIER, L.G.; SARRAZIN, P. Measurement issues in self-determination theory and sport. In: HAGGER, M.S.; CHATZISARANTIS, N. (Eds.). Self-determination theory in exercise and sport. Champaign: Human Kinetics, 2007. p.143-52
- [21] SHIGUNOV, V; SHIGUNOV NETO, A. A Formação Profissional e a Prática Pedagógica – ênfase nos professores de Educação Física. Londrina: Midiograf, 2001.
- [22] SILVA, R. B.; OLIVEIRA, A. A. B.; LARA, L. M.; RINALDI, I. P. B. A educação física escolar em Maringá: experiências de ensino-aprendizagem no cotidiano das aulas. Revista Brasileira de Ciências do Esporte Campinas, v. 28, n. 2, p.69-83, jan. 2007.
- [23] TAYLOR, I. M.; NTOUMANIS, N.; STANDAGE, M. A Self-Determination Theory Approach to Understanding the Antecedents of Teachers' Motivational Strategies in Physical Education Journal of Sport & Exercise Psychology, v.30,p.75-94, 2008
- [24] VALLERAND, R. J., FORTIER, M. S. & GUAY, F. Self-determination and persistence in a real-life setting: Toward a motivational model of high school dropout. Journal of Personality and Social Psychology, 72(5), 1161-1176. 1997
- [25] WILLIAMS, M; BURDEN, RL. Psicologia para professores de línguas: uma abordagem social construtivista. Cambridge: Cambridge University Press. 1997

# Capítulo 5

## *Recreação como instrumento interventor na identificação da dominância lateral de educandos do Ensino Fundamental*

*Emerson Dos Santos Silva*

*Vanderson Dutra Da Silva*

*Taner Teixeira*

*Joaquim Albuquerque Viana*

**Resumo:** As atividades recreativas de diversas maneiras sugerem a mobilidade, o uso absoluto de gestos motores, recursos variados, o faz-de-conta ou a simbolização, os cantos infantis dialeto específico do brincar e as interações com o outro. Trazem em si, ao mesmo tempo, instrumentos e signos mediadores da relação homem mundo, possibilitando que os alunos interajam entre si, desenvolvendo a afetividade, e percepção do próprio corpo e do outro, relacionando o pensamento e a ação do que está sendo feito. A recreação auxilia positivamente na formação do desenvolvimento motor da criança, além da criança conseguir expressar seus sentimentos é por consequentemente desenvolve seu lado cognitivo. Este trabalho se trata de uma revisão bibliográfica que tem como objetivo mostrar a recreação como instrumento interventor na identificação da dominância lateral de educandos no ensino fundamental. Concluiu-se que a lateralidade é uma espécie de bússola do nosso corpo que guia o caminho pelo qual vamos trafegar. É através dele que somos capazes de identificar o ambiente a qual estamos inseridos. Confirmando ao longo do tempo sua identidade e autonomia. As atividades recreativas são importantes no processo de desenvolvimento das crianças, pois são capazes de oportunizar a interação da criança com outras crianças, desenvolvimento dos aspectos físicos, cognitivos, afetivos e sociais. Elementos esses que são super importantes para o desenvolvimento no processo de aprendizagem dos alunos.

**Palavras chave:** Crianças, recreação, lateralidade

## 1. INTRODUÇÃO

A recreação é uma atividade importantíssima no desenvolvimento de uma criança, existe variadas atividades recreativas para o desenvolvimento da mesma. A recreação é uma atividade prazerosa que o indivíduo possa se entregar de livre vontade, ela pode ser trabalhada em um desenvolvimento específico desejado pelo professor de Educação física.

De acordo com Silva et al apud Cavallari e Zacharias (2010) a recreação é o momento ou a circunstância que o indivíduo escolhe espontaneamente e através da qual satisfaz suas vontades e anseios relacionados ao seu lazer. Cordeiro apud Waichaman (2005) o professor é o protagonista da primeira etapa da recreação, e os indivíduos são os protagonistas da segunda etapa, somente assim a recreação será um modelo de educação, numa transição para a liberdade do tempo.

Freitas apud Van Strien (2014) e Coren (1993) mostram diversas atividades que trabalham podais unilaterais através da recreação como fazer um desenho no chão com o pé ou a apanhar uma pedrinha com os dedos do pé, trabalhando a lateralidade relacionada com a coordenação motora na educação infantil. A dominância lateral é a escolha de qual lado do corpo que iremos executar determinado movimento. Normalmente o indivíduo consegue efetuar movimentos corporais com mais eficiência usando um lado do corpo e no outro já não é tão preciso. Sempre temos um lado dominante no qual a facilidade é maior na execução corporal. Isso pode ser genético, mas temos o lado cultural, onde o indivíduo aprende a trabalhar usando um lado do corpo desde a infância, normalmente o lado direito.

Rego (2002) As atividades recreativas de diversas maneiras sugerem a mobilidade, o uso absoluto de gestos motores, recursos variados, o faz-de-conta ou a simbolização, os cantos infantis dialeto específico do brincar e as interações com o outro. Trazem em si, ao mesmo tempo, instrumentos e signos mediadores da relação homem mundo, possibilitando que os alunos interajam entre si, desenvolvendo a afetividade, e percepção do próprio corpo e do outro, relacionando o pensamento e a ação do que está sendo feito.

Para Barreto (2000) havendo um trabalho mais específico com atividades recreativas e/ou outras atividades no geral contribuirá positivamente para o desenvolvimento do aluno contra a má formação do indivíduo na questão do seu desenvolvimento.

O profissional de educação física deve estar atento a dominância de cada criança, para não prejudicar, e sim aprimorar os movimentos com as atividades recreativas. No ensino fundamental é onde devemos dar ênfase a dominância lateral, pois na educação infantil a criança já tem trabalhado bastante coordenação motora fina, então a importância de aprimorar os movimentos.

## 2. METODOLOGIA

Realizou-se uma revisão bibliográfica acerca do tema Recreação como instrumento interventor na identificação da dominância lateral de educandos do Ensino Fundamental.

A estratégia de busca de artigos incluiu pesquisa nas bases de dados Lilacs, Scielo e Google Acadêmico. As palavras-chave utilizadas para seleção de pesquisa foram: lateralidade, recreação, educação infantil e educação física.

Foram pré-selecionados 30 artigos pelos títulos e acompanhada da leitura dos resumos. Posteriormente, realizou-se a leitura na íntegra dos artigos préselecionados. Em seguida, foram excluídos artigos duplicados ou aqueles que não tinham haver com o objetivo do estudo.

## 3. LATERALIDADE E SEUS ASPECTOS

Segundo Negrine (1986) afirma que o principal aspecto do desenvolvimento da lateralidade, é a espontaneidade, ou seja, a criança não é forçada a nada, ela executar as atividades de forma livre e prazerosa, dentro do seu tempo, ocasionando ao seu corpo uma experiência única sem qualquer pressão.

Para Fonseca (1989) a lateralidade faz parte de um processo muito importante na motricidade e a organização intersensorial. Que significa a consciência interior dos dois lados do corpo (lado esquerdo e direito), a lateralização é uma característica única do ser humano, que reflete diretamente na funcionalidade do sistema nervoso central.

Le Bouch (1986), afirma que a lateralização nada mais é que uma predominância motora do lado direito e esquerdo do corpo. Para Moura apud Negrine (2014), a lateralidade pode ser uma característica que nasce com ser humano, porém, pode ser adquirida no decorrer do processo de aprendizado.

Pacher apud Dolle (2015) diz que a lateralidade é compreensão do que é direito e esquerdo. Salienta ainda que a assimilação do que é direito e esquerdo é indispensável e que deve ser ensinado desde cedo. Conforme o mesmo autor, a lateralidade está diretamente ligada ao conhecimento do corpo, o que é de suma importância entre o eu interno e o mundo externo, o mesmo diz ainda que é isto é um elemento indispensável na construção da personalidade do indivíduo. Afirma ainda que o conhecimento corporal não é definido unicamente pelo desenvolvimento cognitivo, mas também, de todos os outros aspectos.

Farias (2004) classifica a lateralidade da seguinte forma:

Destros – são aqueles nos quais não existe um predomínio claro estabelecido do lado direito na utilização dos membros e órgãos, Sinistros ou canhotos – são aqueles nos quais existe um predomínio claro estabelecido do lado direito na utilização dos membros e órgãos e Ambidestros - são aqueles nos quais não existe predomínio claro estabelecido, ocorrendo o uso indiscriminado dos dois lados.

Pacher apud Coste (2015) define a lateralidade de quatro maneiras. 1. Destralidade verdadeira: domínio do cérebro está à direita, 2. Sinistralidade verdadeira: domínio do cérebro também está à direita, 3. Falsa sinistralidade: é quando o indivíduo é obrigado a aprender a usar o lado esquerdo, devido algum tipo de acidente que leve a impossibilidade de usar o lado direito, e; 4. Falsa destralidade: é quando ocorre o inverso do caso da falsa sinistralidade, ou seja, é quando o ser humano ficado impossibilidade de usar o lado esquerdo do corpo.

#### **4. BENEFÍCIOS DA RECREAÇÃO NO TRABALHO DA LATERALIDADE**

Santos (2012) afirma que a recreação auxilia positivamente na formação do desenvolvimento motor da criança, além da criança conseguir expressar seus sentimentos é por consequentemente desenvolve seu lado cognitivo.

A atividade recreativa tem sua natureza na construção dos próprios dos jogos e brincadeiras, para KISHIMOTO (2011), o jogo, deve ser compreendido por seu sentido amplo, que também pode ser definido como brincadeira, que tem duas funções:

Função lúdica: propicia diversão, prazer e até o desprazer, quando escolhido voluntariamente;

Função educativa: ensina qualquer coisa que complete o indivíduo em seu saber, seus conhecimentos e sua apreensão do mundo.

Segundo Santos (2012) a recreação possui inúmeros benefícios, conseguindo com que todos ao redor participem da atividade de forma prazerosa e satisfatória, permiti ainda que ocorra aprendizado das habilidades como equilíbrio, propriocepção, confiança, lealdade, força, atenção, agilidade em tomar decisões, além de proporcionar a interação social com o mundo em que está inserido

Marins (2016) afirma que o professor é o principal responsável pelo planejamento de atividades recreativas que proporcione ao aluno situações e/ou possibilidades de aprendizagem, mostrando ao aluno, algo novo o desconhecido, desafios que estimulem o conhecimento, fazendo uso dos recursos motores e mentais. Procurando provocar tipos de desequilíbrios para que a mesma consiga fazer uma correlação do novo com o desconhecido, aumentando assim sua independência, autonomia e melhoras nos aspectos motores laterais e outros. É de suma importância que a criança seja desafiada e ela sinta isso, para querer aprender cada vez mais.

#### **5. VISÃO GERAL DOS PROFESSORES DO TRABALHO DA RECREAÇÃO NO TRABALHO DA LATERALIDADE**

Pacher (2016) afirma que a Educação Física quando bem estruturada, pode possibilitar ao educado um desenvolvimento muito eficiente. Pois, quando o professor consegue planejar as atividades recreativas e outros exercícios direcionados a afirmação da lateralidade, coordenação estática e dinâmica, noção de espaço e tempo, equilíbrio e outros. O mesmo autor salienta ainda que o equilíbrio, entre as atividades,



com o bom senso do professor, pode contribuir positivamente no processo de ensino e aprendizagem do aluno para que o mesmo possa ter resultados positivos dentro e fora da escola.

Marins apud RCNEI (2016), o docente não precisa ensinar como a criança deve brincar, pois isso acontece espontaneamente, o seu papel é planejar e organizar, proporcionar situações em que a criança desenvolva suas habilidades e crie percepções mais sólidas da lateralidade, equilíbrio, coordenação, criando autonomia de suas decisões e contribuindo ainda para o trabalho de socialização com o meio em que está inserido.

Kishimoto (2011) afirma que através das atividades recreativas as crianças são capazes de desenvolver capacidades motoras e mentais, pois o brincar, a espontaneidade ao executar os movimentos as crianças estão ganhando confiança motoras, confirmando sua lateralidade. Além disso, as atividades recreativas podem proporcionar um amadurecimento da sua própria identidade,

## 6. CONCLUSÃO

Concluiu-se que as todas as crianças, descobrem que o seu corpo ocupa um espaço em função do tempo, ou seja, ela descobre a noção do espaço e tempo, onde seu corpo é capaz de identificar, sons, movimentos, sentir cheiros, sabores, dor, calor, sobretudo a criança começa a identificar que seu por meio do seu corpo pode sentir e descobrir tudo. Pois, como muitos autores salientam o corpo do ser humano é o centro de tudo, é o ponto de partida, a referência para tudo, a correlação do que é vivido e o universo no qual está inserido.

Por outro lado, a lateralidade é uma espécie de bússola do nosso corpo que guia o caminho pelo qual vamos trafegar. É através dele que somos capazes de identificar o ambiente a qual estamos inseridos. Confirmando ao longo do tempo sua identidade e autonomia.

As atividades recreativas são importantes no processo de desenvolvimento das crianças, pois são capazes de oportunizar a interação da criança com outras crianças, desenvolvimento dos aspectos físicos, cognitivos, afetivos e sociais. Elementos esses que são super importantes para o desenvolvimento no processo de aprendizagem dos alunos.

Por fim, a Educação Física representa um papel de suma importância na vida da criança, pois através dela que as crianças podem correlacionar a prática e o processo de aprendizagem utilizando seu próprio corpo como ferramenta na construção do seu conhecimento e afirmação do seu próprio eu.

## REFERÊNCIAS

- [1] CAMPOS, M.C.R.M. A importância do jogo no processo de aprendizagem. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/entrevista/entrevista.asp?entrID=39>>. Acesso em: 10 de maio. 2020.
- [2] CORDEIRO, H.N. Lazer e Recreação: concepções dos alunos de um curso de graduação em Educação Física. Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Pontifícia Universidade Católica (PUC). Campinas, 2005.
- [3] FARIA, A. M. Lateralidade: implicações no desenvolvimento infantil. 2ª ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2004
- [4] FONSECA, V. Psicomotricidade. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- [5] FREIRE, João Batista. Educação de corpo inteiro. São Paulo: Scipione, 1997
- [6] FREITAS, C. Lateralidade e coordenação motora em crianças dos 4 aos 12 anos de idade. Estudos com o teste M-ABC. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, 2014.
- [7] KISHIMOTO, T. M. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- [8] LE BOUCH, J. A educação pelo movimento: a psicocinética na idade escolar: Porto Alegre: Artes Médicas, 1986
- [9] MARINS, D.S.; COSTA, C.R.B. Recreação Escolar: o brinquedo a brincadeira e o jogo na educação da infância. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, 2016, Ano 1. Vol. 10 pp. 05- 24. ISSN.2448-0959
- [10] MAURÍCIO, J. T. Aprender brincando: o lúdico na aprendizagem. Psicopedagogia, 2008. Disponível em: <[http://www.psicopedagogia.com.br/new1\\_opinioao.asp?entrID=678#.V9GBq1srLIU](http://www.psicopedagogia.com.br/new1_opinioao.asp?entrID=678#.V9GBq1srLIU)>. Acesso em: 15 de maio. 2020.
- [11] MODESTO, M. C.; RUBIO, J.A.S. A importância da Ludicidade na construção do conhecimento. Revista Eletrônica saberes da Educação, 2014. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/5142075-A-importancia-da-ludicidade-na-construcao-do-conhecimento.html>>. Acesso em: 15 maio. 2020.
- [12] NEGRINE, A. Educação psicomotora: a lateralidade e a orientação espacial. Porto Alegre: Palloti, 1986

- [13] PACHER, L. A. G. Lateralidade e Educação Física. Associação Educacional Leonardo da Vinci. 2016
- [14] SCHREIBER, Z.T.M. Ludicidade: uma ferramenta para o desenvolvimento cognitivo infantil. Lume, Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em:  
<[http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/39641/000825046.pdf?sequence= 1](http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/39641/000825046.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 16 maio. 2020.
- [15] SILVA, A.C.; PAIVA, I.M.R.; BARRA, A.O. Lazer, recreação e jogos cooperativos. Buenos Aires. Outubro de 2010. Revista digital. EFDeportes.com
- [16] REGO, T.C. VYGOTSKY: Uma perspectiva histórico-cultural da educação. 14ª edição. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2002.

# Capítulo 6

## *Análise dos métodos de ensino-aprendizagem do futsal no Ensino Médio*

*Paulo Rossínio Alfonso do Nascimento*

*Joaquim Albuquerque Viana*

*Julieth Lucas Lobato*

*Diene Sandra Martins Dias*

**Resumo:** O presente estudo teve como objetivo analisar e questionar as concepções e contextos que norteiam as aulas de futsal, da disciplina de educação física, no contexto do ensino médio. Assim como analisar e questionar, os métodos e modelos educacionais que são responsáveis por fundamentar tais aulas. Esta revisão de literatura, teve como base, dados estatísticos do IBGE, artigos e estudos publicados no Google Scholar e EFDeportes, e matérias jornalísticas. Portanto, o trabalho proporcionará ao leitor uma consciência crítica ao analisar o ensino do futsal, seguido pelas abordagens utilizadas, e quais frutos tais abordagens tem rendido a educação brasileira.

**Palavras-chave:** Futsal, educação física; abordagens.

## 1. INTRODUÇÃO

Como bem sabemos A Lei Diretriz e Bases (LDB) no § 3º, do art. 26, nos determina que a Educação Física faça parte da grade curricular da educação básica. Ou seja, a educação física é indispensável para o desenvolvimento global de todos escolares. A Educação Física no ensino médio, terá uma extrema importância, pois irá possibilitar o desenvolvimento cognitivo-motor-afetivo do escolar, mesmo que a especificidade da disciplina esteja totalmente alicerçada a cultura do movimento, incluindo a formação ética, o desenvolvimento intelectual e do pensamento crítico para ser um cidadão de bem na sociedade (PCN's. 2000).

Segundo a afirmação de Nahas (2003), é dever do professor de Educação Física, e todos os outros profissionais de educação do âmbito escolar, construir junto com os alunos uma consciência crítica, que transcende as práticas corporais, objetivando mudar a realidade de uma grande população.

O Conselho Federal de Educação Física (2002), vai nos dizer que o intuito da disciplina em questão, é formar cidadãos críticos para o bem da sociedade, e esse processo teria como ferramentas, os jogos, os esportes, as ginásticas, danças e lutas. Porém, segundo Branco e Kawashima (2008) e o IBGE (2015) o esporte mais popular e mais praticado no Brasil, é o futebol, é daí que vem um interesse tão grande dos escolares, de todas as faixas etárias, pelo futebol, no caso escolar, o futsal. E o futsal, vai promover aos alunos muitas melhorias, como nos diz Coneglian; Silva (2013), no conhecimento, percepções espacial, corporal e temporal, reforçando alguns processos mentais, obtendo mais consciência, capacidades físicas e motoras.

Mutti (2003) entende que o futsal é uma modalidade esportiva que habilita o aluno a trabalhar uma diversidade de aspectos como, o técnico-tático do jogo, raciocínio rápido, coordenação motora, cooperação, respeito, relações públicas e liderança. Ele acredita que o aluno possa adquirir uma grande aprendizagem através da modalidade do futsal com vivências diferenciadas. Por isso o professor terá um papel formador importantíssimo, pois para Silva (2008), ele incentivando práticas como futsal, acabará desenvolvendo cidadãos que consigam inserir a Educação Física no seu cotidiano, ele segue dizendo que, o futsal na escola tem uma formação básica, desenvolvendo habilidades físico mentais, como consciência corporal, flexibilidade, ritmo, agilidade equilíbrio etc.

É de suma importância atentar para o fato da diferença entre o Treinamento Esportivo, Weineck (2003), na educação física, e a aula de educação física. O que vai distinguir, e definir a diferença das tais, serão as abordagens utilizadas.

Para que os problemas como de evasão escolar, ocasionados pela busca da carreira de atleta (MELO, 2010), “desinvestimento pedagógico” ou “abandono pedagógico” (MACHADO, 2010) por parte do professor, mudança de cenário de aulas como “recreio estendido” (FRAGA 2000), e os frutos indesejados do panorama da educação brasileira sejam resolvidos, é necessário analisar o contexto geral educacional, e o específico-didático do próprio professor, agregando os pontos positivos de todas as abordagens, visando uma contribuição educacional heterogênea.

Portanto, em virtude desses fatos, o presente estudo, tem o objetivo de analisar os métodos que se utiliza para o ensino do futsal na escola, as abordagens que o norteiam, e tentar descobrir, se as aulas de educação física, estão sendo apenas “passatempo” ou “recreios estendidos” Lapo (2002), Fraga (2000), e se de alguma forma as aulas estão contribuindo para os escolares de forma heterogênea e global.

## 2. METODOLOGIA

O presente estudo desenvolveu-se a partir de uma revisão bibliográfica de artigos científicos, tendo como base a revisão de literatura com uma abordagem exploratória. Foi realizada uma leitura seletiva para adquirir um conhecimento maior sobre o tema em questão. Os documentos foram selecionados através de dados online como: Google Acadêmico, Scielo, EFDeportes, dados estatísticos de pesquisa como INAF e IBGE, e matérias jornalísticas. Foram selecionados 19 artigos de estudos científicos e houve exclusão, apenas nos artigos que não tratavam com veemência a questão do futsal/futebol no contexto escolar. Foram usadas as seguintes palavras-chaves: Futsal escolar, abordagens educacionais, Educação Física escolar, dados estatísticos educacionais. Por fim, realizada uma leitura analítica para estar a par das ideias dos autores. Sucedeu-se então uma leitura interpretativa com o intuito de acarear as concepções apresentadas.

### 3. MÉTODOS DO FUTSAL ESCOLAR

Segundo Daolio (2006), o desenvolvimento ocorre através das aprendizagens motoras do aluno, acarretando mudanças internas que propiciam uma melhora na performance e auxiliando no alcance de bons resultados na prática. O professor tem o papel de mediar a aprendizagem do aluno, fazendo com que os alunos tenham resultados para o coletivo, porém é necessário que o indivíduo tenha a intenção de querer aprender, assim o papel do professor, além de contribuir para a melhora das habilidades motoras, é formar cidadãos críticos. Saad (2006) corrobora, destacando que o processo de ensino-aprendizagem dos jogos coletivos é essencial, porque possibilita ao aluno tanto condições táticas e ações técnicas, que nada mais são as capacidades cognitivas e capacidades motoras. Fonseca (2007) completa dizendo que, no desenvolvimento motor ocorrem mudanças que resultam em processos neurológicos, como maturação, crescimento, desenvolvimento, aprendizagem, aprendizagem motora, experiência, habilidade motora, habilidade esportiva, movimento padrão de movimento e comportamento motor. O mais interessante, é a colocação de Costa e Nascimento (2004), que não se desfazem de nenhuma abordagem, utilizando todas de forma específica para que a aprendizagem seja efetiva. As habilidades técnicas são instrumentos que tem como premissa, melhorar sua habilidade individual, porém respeitando o processo de aprendizagem motora. Por isso a abordagem tecnicista, será essencial, para que o indivíduo possa desenvolver a técnica.

Não menos importante, é a distinção do que é a aula de educação física escolar, e o que é o treinamento esportivo. De acordo com Weineck (2003, p.18), o termo treinamento, é utilizado na linguagem coloquial em diferentes contextos com o significado de exercício cujo objetivo é o aperfeiçoamento de determinada área.

A definição de treinamento, remete a preparação física, capacidade tática-técnica, performance, desempenho, pelo fato de o objetivo do treinamento esportivo ser alcançar uma meta, um resultado, no caso uma competição. Isso irá chocar de todas as formas o que diz o CONFEF (2002), e Santana (1996), que afirmam que as aulas de educação física, não devem visar o desenvolvimento de atletas, e sim de cidadãos. Porém, se as aulas, forem baseadas utilizando o melhor de todas as abordagens citadas, como tecnicista, crítico-superadora, desenvolvimentista e etc, a aprendizagem dos escolares, terá uma forma HETEROGENEA, e contribuirá em suas vidas de forma variadas, tanto pros alunos que seguirão uma vida no esporte, e aqueles que não seguirão, mas a educação física/cultura de movimento, participará de suas vidas de alguma forma com significância. A mais utilizada para esse fim, a crítico-superadora, que visa dar novas possibilidades ao escolar, através dos jogos.

### 4. RELAÇÃO DO ESCOLAR E O FUTEBOL/FUTSAL

É necessário buscar mais a fundo, a razão pela qual tantos adolescentes, que em sua grande maioria são escolares, tem um sentimento tão prazeroso pela prática do futsal. Segundo Pimenta (2008) os adolescentes que praticam futebol, quando assistem na televisão reportagens que mostram as belas casas, apartamentos, carros luxuosos pertencentes aos atletas profissionais do futebol, se deslumbram, criam sonhos, mas nem imaginam que existe uma realidade totalmente diferente para alguns outros atletas, onde os tais, vivem no anonimato, levando uma vida nômade, onde os contratos de trabalho são de baixos salários, uma realidade que a maioria dos atletas enfrentam no futebol. Os processos que estudam, e investigam a ocorrência de detecção de talentos no futebol, indicam que o mercado desse esporte recruta jovens e adolescentes, em geral, pertencentes as camadas populares e médias, como afirmam Damo (2005), Rial (2006) e Paoli (2007).

Certamente que a influência midiática, faz com que muitos desses adolescentes, sonhem em mudar de condição de vida, através do esporte, portanto, esse adolescente precisa ter a sua motivação bem instruída, e não destruída, se o profissional está habilitado a promover uma educação global ao seus alunos, (tanto no objetivo de formar um cidadão, quanto contribuir para a vida de saúde, cultura de movimento e metas esportivas) é dever do mesmo, não se desviar da especificidade da disciplina que ministra, e exercer uma orientação correta.

### 5. CONCORRÊNCIA ESCOLA X FUTEBOL (EVASÃO ESCOLAR)

Veloso (2009) relata que, dos alunos matriculados em uma escola do Rio de Janeiro, com idade entre 15 e 17 anos, (idade do ensino médio) cerca de 40% deles não estão na série compatível com sua idade e sequer estaria no ensino médio, o que indica um elevado número de repetência. Melo (2010, p.21) esclarece que, o atleta que começa na categoria mirim aos 12 anos (equivalente ao sexto ano) se

completasse o ensino médio aos 17 anos (quando estaria no último ano da categoria sub-17) teria tido uma carga horária de 4.800 horas na escola, contra 4.165 horas aproximadamente, de treinamento no futebol. Isso nos permite vislumbrar o significado do tempo gasto para a formação no futebol. Esse fato aponta para a realidade da evasão escolar, que a escola acaba entrando em concorrência com a formação no futebol. Outra consequência que resulta na evasão, é o processo migratório que há no país, pela busca de se tornar atleta. Melo (2010) afirma que os atletas emigrantes, que vivem em regime de albergamento nos clubes do Rio de Janeiro, possuem maior número de reprovações e atraso escolar do que os atletas que residem com suas famílias. Também Melo (2010), indica que a dedicação a escolarização se torna secundária, nas idades das categorias sub 17 e sub 20 (Ensino médio), quando é exposto o dado sobre a mudança de turno escolar. Dos pesquisados da categoria sub 17, aproximadamente 50% estudam a noite, e da categoria sub 20, 85% frequentam o turno noturno na escola.

O estudo de Damo (2005), que realizou um questionário junto aos alunos de escolas públicas e privadas, de Porto Alegre, indicou que um em cada três meninos pertencentes a escola pública deseja tornar-se jogador de futebol. A relação caiu para metade quando se notou os dados das escolas privadas. Os dados constituídos apontam para o contexto que os escolares estão inseridos, e ratificam as análises teóricas que indicam que, o jovem de um ambiente familiar, cujo capital cultural é menor, maior é a aposta em profissões ou carreiras que não dependam diretamente de escolarização. Isso nos permite observar o papel de responsabilidade que tem o professor, na vida dos alunos. Para Rosa (2009) caso o atleta não consiga passar pelo “funil”, terá que parar de jogar futebol involuntariamente. Em razão disso, muitos acabam em subempregos, a margem da sociedade, ou até mesmo na criminalidade, nas drogas e outros vícios decorrentes do fracasso, da frustração e da desilusão. A instrução correta, pode salvar a vida do aluno, tanto o mantendo motivado nas suas escolhas em relação ao esporte, quanto a sua vida fora do esporte. A realização desse processo, é através de uma educação equilibrada, que não foge da orientação esportiva na vida aluno, e nem foca estreitamente em que todo aluno se torne um atleta (mesmo não sendo possível todos se tornarem), mas que o esporte agregue valores de sucesso a vida de todos os alunos, aproveitando a oportunidade de contribuir na vida dessa maioria em questão, que aspira uma vida como atleta. A importância da educação equilibrada, se dá ao fato de que, essa maioria, que deseja essa futura vida de atleta, se tornará uma minoria, os dados nos mostram isso, e quando essa orientação ocorre com equilíbrio, todos os grupos serão alcançados, pois como já foi citado, Mutti (2003) diz que são diversos os aspectos de ensino-aprendizagem do futsal, tanto nas áreas cognitiva e motora, quanto na aprendizagem do respeito, da liderança, das relações com o adversário, e a relação de ser derrotado e ser vencedor.

## 6. ABORDAGEM EDUCACIONAL NO CONTEXTO GERAL

As abordagens educacionais são inúmeras ao longo de todos os anos de estudos educacionais. Os modelos, foram passando por mudanças, ao longo dos anos, e um dos responsáveis por “revolucionar” a educação brasileira, foi o teórico Paulo Freire. Sua abordagem progressista, de alguma forma, se sustentou até o dia de hoje, com o ‘slogan’ da educação libertária. Freire (1996) defende que o aprender e o ensinar ocorrem em relação dialética, centrando a reflexão referente a autonomia como princípio pedagógico para uma educação libertadora. Tal educação seria voltada a propiciar condições para que o educando desenvolva a subjetividade, criem suas próprias representações de mundo de acordo com suas concepções, construam argumentos e defendam um modelo de sociedade com mais cidadania. Com essa influência, Medina (1983) diz que não cabe à Educação Física, apenas assumir a prática das atividades físicas, mas questioná-las em um movimento de reflexão sobre elas. E segue, dizendo que a tomada de consciência crítica na prática pedagógica, é mais importante do que a prática corporal e os cuidados com o corpo.

Nota-se então a mudança de objetivo das aulas de Educação Física, que, anteriormente era baseada numa abordagem competitivista e tecnicista, que tinha seu objetivo pautado excessivamente, no desenvolvimento da aptidão física, na técnica, e no rendimento esportivo, citando Oliveira (1994). É entendível que, a educação física, seja mais do que formar times para jogos nas escolas, como nos diz Santana (1996), porém Alves (2003), inspirado em Paulo Freire, nos diz que a escola é um espaço que os alunos tem, de livre escolha, para conhecer-se e desenvolver-se. E a questão tratada no presente estudo, é exatamente essa, e nos habilita a pensar, que essa livre escolha, da maioria dos escolares, é de desenvolver-se no esporte, no caso o futebol (futsal). Os fatos, dados estatísticos, e os teóricos, apontam o futebol sendo uma das profissões mais desejadas pelos adolescentes, em virtude disso, o professor não pode perder sua oportunidade de contribuir especificamente para a vida desse grupo. Segundo a LDB Nº 9.394/96, a interdisciplinaridade é uma forma de desenvolver um trabalho integrado dos conteúdos de uma disciplina com outras áreas de conhecimento, a mesma linha de pensamento Libâneo (1994) que

dizia que o processo de ensino se caracteriza pela combinação das atividades programadas de professores e alunos. Por esse fato, o professor de educação física, deve ter a capacidade de julgar e entender que os objetivos específicos de cada disciplina, sendo trabalhados em conjunto, por todo corpo docente, gerarão uma aprendizagem global ao aluno, e não apenas de uma disciplina.

Françoso, Neira (2014) também aplicando o método Paulo Freire, dizem que, suas pedagogias não selecionam previamente os conteúdos, pois eles nasceram do contexto social e das necessidades dos próprios educandos. Porém, Marques e Samulski (2009) nos dizem que o adolescente vê nessa profissão, uma oportunidade de ascensão social e financeira. De certa forma, essa aspiração é uma necessidade para a vida dos tais. Principalmente de adolescentes vindos de condições familiares de baixa renda. Se é uma necessidade da maioria dos adolescentes, e eles tem liberdade para escolher isso, por que não estimular? Porque não como ensinou Paulo Freire, cabe então ao professor aplicar o que disseram Françoso e Neira (2014) anteriormente.

## 7. PANORÂMA EDUCACIONAL BRASILEIRO

Segundo o último levantamento do PISA, Programa Internacional de Avaliação de Estudantes, em 2018 o Brasil permanece ocupando as piores posições do exame. De 79 países avaliados, o Brasil ocupa a 57ª colocação em leitura com 413 pontos, 66ª em ciências, com 384 pontos, 70ª em matemática, com 404 pontos. Todas notas bem abaixo da média do exame. O Indicador de Analfabetismo Funcional (INAF) também em 2018, em pesquisa nos mostrou que 29% dos brasileiros (aproximadamente 38 milhões de pessoas) são considerados analfabetos funcionais. Caracterizado por ter muita dificuldade de entender e se expressar por meio de letras e números em situações cotidianas. Segundo a PNAD (Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios) divulgada pelo IBGE em 2018, mostrou que as metas que foram estipuladas para 2015, da redução no índice de analfabetismo não foi alcançada, embora tivesse tido uma redução sem muita significância. A meta era de 6,5%, porém permanece em 7,0%. O Brasil é líder, no ranking de violência escolar, levantado pela Organização para o Desenvolvimento Econômico (OCDE), com mais de 100 mil professores e diretores do segundo ciclo do Ensino fundamental e do Ensino médio entrevistados. 12,5% de professores ouvidos no Brasil, relataram ser vítimas de agressão verbal, ou intimidação pelos alunos, semanalmente (dados da pesquisa em 2013). A média em 34 países pesquisados, é de 3,4% e o Brasil lidera com índice mais alto. (BBB News Brasil, 28 de agosto de 2014) (G1 22 de agosto de 2017) (Folha de São Paulo, 26 de abril de 2019). Dirk Van Damme, chefe da divisão de inovação e medição de progressos em educação da OCDE, relatou a BBC Brasil, que a escola está bastante aberta a sociedade, e os alunos muitas vezes levam para a aula, seus problemas cotidianos.

## 8. DESENVOLVIMENTO DE UMA ABORDAGEM EQUILIBRADA

Freire (1996) afirma que o objetivo de seu método, é ensinar que seu aluno tenha uma visão crítica a respeito da realidade da vida. E aplicando seu método, o professor de educação física, também precisa analisar tal abordagem com criticidade e equilíbrio. Embora o nome Paulo Freire seja quase uma unanimidade no nosso país, cabe ao professor ter a capacidade de questionar e julgar os pontos positivos, e os negativos, de aplicação.

Peter McLaren e Peter Leonard (1993) dizem que, todas as contradições levantadas pelo método de Paulo Freire, oferecem uma série de questões que precisam ser abordadas por educadores críticos, não apenas no trabalho de Freire, mas também sobre o seu. Por esse fato, um método de educação equilibrado, será importantíssimo, pois as questões de desenvolvimento cognitivo-motor, é o objetivo específico da disciplina, seguido pelo objetivo geral, de formar um cidadão. Logo, para não se desviar da especificidade da sua disciplina, o professor deve revisar e julgar se vale a pena, expressar a intencionalidade do ensino da Educação Física voltado ao desenvolvimento do senso crítico (BRACHT, 1999) e não ao desenvolvimento biológico, em relação ao cognitivo-motor e a cultura da saúde e movimento.

A abordagem equilibrada é relatada por Oliveira (1994, p.89), que embora siga o método freiriano, diz que não pretende excluir o desenvolvimento da aptidão física das preocupações da Educação Física, e nem o desenvolvimento de habilidades motoras por intermédio dos jogos e esportes, sendo assim, correríamos o risco de descaracterizar a profissão. O fundamental é entender que essas atividades são meios e não fins. Ou seja, estimular a prática corporal não é o resultado final, e sim o processo. O equilíbrio não está em polarizar, não é colocar as outras abordagens em extremos opostos, como foi feita com as abordagens tecnicistas, tradicionais, competitivistas por exemplo, as tais foram polarizadas e totalmente excluídas, pelo próprio método freiriano. Em Pedagogia do Oprimido (1974) fica claro essa exclusão de métodos

tradicionais de educação, fazendo uma transição, através da educação 'libertária'. Embora seja real o discurso de Stanley Grabowski (1972), publicado na Syracuse University (Nova Iorque), quando diz que, muitas pessoas que trabalharam com o método Paulo Freire, estão começando a entender que os métodos freirianos, tornam possível ser crítico sobre quase tudo, exceto a esses mesmos métodos em si. Portanto, ser questionador de seu método, é apenas aplicar o que o tal ensina.

Uma das maiores formas de desenvolver o senso crítico, é lendo tudo, e retendo o que é bom, princípio ensinado pelo apóstolo cristão, Paulo (1 Tessalonicenses 5:21). Certamente há algo de bom que possa ser personalizado em todas as abordagens, desde as tradicionais, até as progressistas. Em todas, há valores para aprender e ensinar, ou seja, o processo de ensino-aprendizagem permanece vivo ao revisar e analisar, com criticidade, todas as abordagens. Assim, personalizar e desenvolver uma abordagem equilibrada, tem como princípio, a revisão de todos métodos, customizando-os, buscando os pontos positivos de tudo o que pode contribuir e instruir, e aí sim, excluindo tudo o que possa destruir, visando contribuir para todos os alunos, visto que as classes de alunos são heterogêneas, tendo em vista favorecer o desenvolvimento global de todos eles, seja na vida, seja no esporte.

## 9. APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

A área da Educação Física escolar, enfrenta um paradigma enorme, em relação ao futsal. Em que a prática do esporte, é encarada como passatempo de aula, pejorativamente chamada de "rola a bola". Porém, a análise deste texto, nos apresenta uma gama de metodologias de ensino-aprendizagem, que permite ao profissional, investigá-las com criticidade extraindo o que poderia potencializar esse processo em escolares.

Sem muita 'griffe', a teoria da Aprendizagem Significativa, foi desenvolvida pelo teórico Ausubel (1963). O método, nos explica que a aprendizagem é significativa quando novos conteúdos são relacionados de modo não arbitrário e substancial (não literal) ao que o aluno já sabe. Nesta relação entende-se que as ideias se relacionam com algum aspecto existente especificamente relevante da estrutura cognitiva do aluno, como uma imagem, símbolo, um conceito ou uma proposição. Nada mais do que unir o conhecimento prévio do aluno, com novas informações sistematizadas, a fim de criar um aprendizado significativo nas estruturas internas do escolar. Então quando uma nova informação é conectada com um conceito relevante existente na estrutura cognitiva, as novas ideias, conceitos e proposições podem ser aprendidos com significância e efetividade.

É um método de aprendizagem que tem um objetivo de desenvolvimento autônomo, Ausubel (2003), onde a aprendizagem se origina no saber já construído pelo escolar, e a partir de suas experiências cotidianas. Sendo necessário que o professor conheça a realidade do grupo que atende. Tal método, ensina que cada estudante estabelecerá um percurso próprio de aprendizagem, uma vez que seu ponto de partida está em suas próprias experiências.

Essa seleção de conhecimentos, não é uma merda associação de símbolos e conceitos, Ausubel (2003) afirma que esses conhecimentos devem ser potencialmente significantes, ou seja, devem estar relacionados com os outros, previamente existentes. Eles devem também ser do interesse dos estudantes, já que a aprendizagem significativa depende também da intencionalidade do próprio aprendiz. Para isso, o profissional deve saber manipular as variáveis que estão à sua disposição. Conhecimento da realidade dos escolares em questão, planejamento sistematizado, investigação de metodologias educacionais e sua aplicabilidade para o grupo em geral.

Portanto, o futsal é uma ferramenta poderosa, passiva de uma manipulação significativa no processo de ensino aprendizagem, visando a promoção a saúde, e educação dos escolares, como cita Voser e Giusti (2002). Daí, surge a necessidade do professor de Educação Física, auto analisar sua didática, como diz Peter McLaren e Peter Leonard (1993). Assim, seria pertinente utilizar, com significância, todo conteúdo de futsal/futebol, pela sua popularidade entre os alunos, podendo contribuir de forma heterogênea para todos.

## 10. ROMPENDO COM A CULTURA DO "ROLA A BOLA"

É um tema a ser discutido, com importância, se não o fosse, não seria bastante explorado na formação acadêmica. Embora a Educação Física seja indispensável para o desenvolvimento global de um aluno, (PCN's, 2000), segundo inúmeros artigos e estudos, em muitos contextos, a educação física ainda é vista como um tempo/espço sem intencionalidade efetiva de ensino-aprendizagem, marcada pela falta de



tradição no que se refere a prática curricular ou intencionalidade de ensino da cultura de movimento (como foi dito no decorrer do presente estudo, o método Paulo Freire, transfigurou a intencionalidade das aulas de educação física).

Expressões como “Largobol” “Rola a bola” “professor sombra” são comuns em nosso ambiente. Tais características são identificadas em professores que permitem que seus alunos fiquem a mercê dos seus próprios desejos nos períodos destinados à educação física. Em nosso âmbito acadêmico, tais situações são denominadas como “abandono docentes” ou “desinvestimento pedagógico”, essas denominações, de certa forma, caricaturam os professores de educação física, pois de modo crescente, como diz Machado (2010) as práticas pedagógicas da disciplina se limitam a distribuir e gerir o material didático e gerenciar situações de conflito entre alunos. Lapo (2002) descreve que existem diferentes formas de desinvestimento pedagógico: pode ser temporário, remoção para outras unidades, acomodação e por fim o abandono definitivo/ruptura. Portanto cabe ao profissional se auto esquadrihar continuamente, para que sua prática promova uma contribuição que esteja fundada na essência da educação física, e isso seja levado para a vida do aluno, e que as práticas não sejam apenas “recreios estendidos” como cita Fraga (2000, p. 118).

## 11. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As concepções da análise no decorrer do estudo, certamente enriquecem a prática educacional escolar. Observamos que, unindo e coletando todas as abordagens citadas, sem exclusão ideológica, podemos compreender que a intencionalidade das aulas, não deve estar voltada para o desenvolvimento da consciência crítica, de maneira aleatória, mas específica, Mutti (2003), como apresentou-se a abordagem crítico-superadora, através da cultura de movimento, através dos esportes, através do futebol. Sem trocar a essência por qualquer ideologia. Nunca esquecendo a LDB Nº 9.394/96 e Libâneo (1994), que a educação é feita em conjunto, pela interdisciplinaridade e correlação de todas as disciplinas. Cada uma dentro de suas especificidades, evoluindo no conhecimento específico de cada uma, e a partir disso, adquirir uma consciência crítica que favoreça o exercício da cidadania.

Portanto, a análise nos possibilita, de acordo com a criticidade, buscar uma abordagem equilibrada, ou seja, utilizando todos os pontos de contribuição de cada uma, para contribuir na vida do aluno, de modo que eles utilizem a educação física, a cultura de movimento, e os aprendizados do futebol/futsal e esportes em suas vidas. Objetivando que as aulas, criem um criem significância em suas vidas, como nos apresentou Ausubel (1963) na aprendizagem significativa. Sendo necessário utilizar os melhores pontos de todas as abordagens, pois servirão de contribuição de forma heterógena.

E assim como é de suma importância aprender a ler, ter noções de operações numéricas, conhecimentos geográficos e históricos etc., e isso é utilizado permanentemente na vida, que dessa mesma forma, a educação física seja utilizada. Chutando longe a cultura do “rola a bola” e fazendo um gol de contribuição na vida dos escolares, através das ferramentas de cultura de movimento e esportes.

O mais importante de tudo, é que a análise nos possibilitou enxergar, que é possível gerar significância e aprendizado, através da educação física e futsal, na vida do aluno, incluindo na didática do professor o melhor das abordagens que já são existentes. Porém, isto é teoricamente. Assim, cabe aplicar o que se sabe na teoria.

## REFERÊNCIAS

- [1] ALVES, J. G. B. Atividade física em crianças: promovendo a saúde do adulto. Revista Brasileira Saúde Materno Infantil, v. 3, p. 5 – 6, 2003.
- [2] AUSUBEL, D.P. (1963). The psychology of meaningful verbal learning. New York: Grune & Stratton. Ausubel, D.P. (2003). Aquisição e retenção de conhecimentos. Lisboa: Plátano Edições Técnicas.
- [3] BRANCO, M.F.; KAWASHIMA, L. B. A pedagogia do futsal no contexto educacional da escola. EFDeports. Vol. 13. Núm. 119. p.11. 2008.
- [4] BRACHT, V. A Constituição das Teorias Pedagógicas em Educação Física. Caderno Cedes, Campinas, ano XIX, n. 58, p. 69 – 88, 1999.
- [5] BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96. Brasília: Senado Federal; 1996. BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Médio. Brasília: MEC/SEF, 2000. 109p.

- [6] CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Educação Física escolar. Disponível em: <http://www.confef.org.br/extra/revistaef/show.asp?id=3457>.
- [7] CONEGLIAN, J. C.; SILVA, E. R. A importância da prática do futsal na Educação Física escolar. EFDeportes.com – Revista Digital. Buenos Aires: v. 18, n.181, 2013.
- [8] DAOLIO, J. Cultura: Educação Física e Futebol. 3. ed. Campinas: SP. Unicamp, 2006.
- [9] DAMO, A. Do dom a profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social)- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- [10] FONSECA, C. Futsal: O Berço do futebol brasileiro. São Paulo: Aleph, 2007. FRANÇOSO, S.; NEIRA, M. G. Contribuições do legado freireano para o currículo da Educação Física. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 36, n. 2, 2014.
- [11] FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- [12] GRABOWSKI, STANLEY M., Ed. Paulo Freire: A Revolutionary Dilemma for the Adult Educator. Syracuse Univ., N.Y. Publications Program in Continuing Education.. Nov 1972.
- [13] IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2015.
- [14] IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2018 disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21255-analfabetismo-cai-em-2017-mas-segue-acima-da-meta-para-2015>.
- [15] INDICADOR DE ANALFABETISMO FUNCIONAL 2018 disponível em: [http://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2016/09/INAFEstudosEspeciais\\_2016\\_Letramento\\_e\\_Mundo\\_do\\_Trabalho.pdf](http://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2016/09/INAFEstudosEspeciais_2016_Letramento_e_Mundo_do_Trabalho.pdf).
- [16] LAPO, F. R.; BUENO, B. O. O abandono do magistério: vínculos e rupturas com o trabalho docente. Revista Psicologia USP, São Paulo, vol. 13, n.2, 243-276, 2002.
- [17] LIBÂNIO, J. C. Didática. São Paulo: Cortez, 1994 MACHADO, T. da S. et al. As práticas de desinvestimento pedagógico na educação física escolar. Rev.Movimento, Porto Alegre, v. 16, n.2, p. 129-147, abr/jun. 2010.
- [18] MARQUES, M. P. e SAMULSKI, D. M. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v.23, n.2, p.103-19, abr./jun. 2009.
- [19] MEDINA, J. P. S. A Educação Física cuida do corpo...e “mente”: bases para a renovação e transformação da Educação Física. Campinas: Papirus, 1983.
- [20] MELO, L. B. S. Formação e escolarização de jogadores de futebol do Estado do Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.
- [21] MUTTI, Daniel. Futsal da iniciação ao alto nível. São Paulo: 2ª Ed. Phorte, 2003.
- [22] MUTTI, D. Futsal: da Iniciação ao alto nível. 2 ed. São Paulo: Phorte, 2003. NAHAS, M.V. Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceito e sugestões para um estilo de vida ativo. Londrina: Midiograf, 2003.
- [23] OLIVEIRA, V. M. Que É Educação Física. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- [24] ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE) Pesquisa 2013. Disponível em: <http://flacso.org.br/?p=23194>.
- [25] PAOLI, P. B. Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos. 2007. 178 f. Tese (Doutorado em Educação Física)-Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007.
- [26] PETER MCLAREN; PETER LEONARD (eds.), Paulo Freire: A Critical Encounter. Routledge. pp. 8--24 (1993).
- [27] PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. O sonho na sociedade contemporânea: juventude e futebol. Revista do programa de estudos pós-graduados em ciências sociais da PUC-SP; ponto-e-vírgula, nº 3, p. 112-129, 2008.
- [28] RIAL, C. S. Futebolistas brasileiros na Espanha: emigrantes porém... Revista de Dialectología y Tradiciones Populares, Madrid, v. 61, n. 2, p. 163-190, jul./dez. 2006.
- [29] ROSA, S. E. M. Aspirante a craque de futebol hoje ou marginal do amanhã? Sorocaba-SP e na. Faculdade Anhanguera Campus Sorocaba, 2009. Disponível <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto>.
- [30] ROSA, M. J. A. Violência no ambiente escolar: refletindo sobre as consequências para o processo ensino aprendizagem. Revista Fórum Identidades, 2010.
- [31] SAAD, M. A. Iniciação nos jogos esportivos coletivos. Revista Digital Buenos Aires, v.11, n.95, 2006.

- [32] SAMULSKI, D. S. Psicologia do esporte: manual para a educação física, psicologia e fisioterapia. Barueri, SP: Manole, 2002.
- [33] SANTANA, W. C. Futsal: Metodologia da Participação, Londrina, 1996 SILVA, N. A. O futsal na área escolar. Publicado em, v. 23, 2008. Disponível em: [www.webartigos.com/artigos/o-futsal-na-area-escolar/3828](http://www.webartigos.com/artigos/o-futsal-na-area-escolar/3828).
- [34] VELOSO, F. et al. (Org.). Educação básica no Brasil: construindo o país do futuro. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. p. 3-24.
- [35] VOSER, R. C., GIUSTI, J. G. O futsal e a escola: uma perspectiva pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2002.

# Capítulo 7

## *A dança e suas possíveis contribuições no processo de desenvolvimento motor na educação infantil de crianças de 4 a 5 anos*

*Giovanna Emily Santiago Gonçalves*

*Pâmila Batista Gomes*

*Fanny Aparecida Condé Teixeira*

*Jaqueline Monique Marinho da Silva*

**Resumo:** A dança sempre esteve presente na história desde a pré-história, sendo importante na vida do homem e na sociedade, seja como lazer, expressão ou culto aos deuses. A dança não pode ser descrita como uma sequência de saltos e passos em um determinado ritmo, pois vai muito além. A dança quando é trabalhada pedagogicamente nas escolas, através de um trabalho progressivo e planejado, consegue contribuir positivamente para um melhor desenvolvimento das habilidades motoras da criança, além de incentivar a sua liberdade e capacidade de expressão. Diante disso, a dança para fins educacionais beneficia o desempenho motor no que diz respeito aos elementos básicos da motricidade que consistem em motricidade fina, global, equilíbrio, esquema corporal, organização espacial, temporal e lateralidade. O presente estudo tem como objetivo mostrar possíveis contribuições da dança no processo de desenvolvimento motor na educação infantil, especificamente de crianças com 4 e 5 anos. Este estudo se caracterizou do tipo bibliográfico, onde foi feito um levantamento bibliográfico acerca do assunto abordado. Concluiu-se que a dança na educação infantil tem muito a contribuir no processo de desenvolvimento motor pois, permite à criança se aproximar de sua história, de sua cultura, além de estimular sua imaginação, criatividade e liberdade de expressão através da vivência corporal e experiência do movimento. A dança possui o poder de trabalhar conjuntamente vários aspectos da criança, proporcionando ao aluno uma interação com seu próprio eu e ao mundo do qual faz parte.

**Palavras-chave:** Dança, desenvolvimento motor, educação infantil.

## 1. INTRODUÇÃO

A dança é uma forma de expressão de movimentos podendo ser ou não induzidos através música. É um conteúdo de suma importância na educação infantil, pois trabalha a linguagem corporal no processo de ensino e aprendizagem, podendo ainda despertar, emoção, prazer e socialização.

O desenvolvimento motor é uma das etapas do estágio da motricidade o qual está ligado diretamente na vida da criança, principalmente no período inicial da sua vida, envolve também aspectos sociais, intelectuais e culturais.

Toda criança passa pelo estágio de desenvolvimento da motricidade humana, no entanto, cada uma tem suas individualidades, pois a motricidade que diz respeito à maturação do sistema nervoso central, à interação com o ambiente em que a criança está inserida e aos estímulos dados durante este desenvolvimento (SANTO et al. apud GALLAHUE, 2016).

Para Gallahue (2005), os estágios estão divididos em três fases, que são: período de aprendizagem, infância precoce e a infância intermediária-avançada. Na fase infância precoce que é de 3-5 anos as crianças já possuem uma compreensão melhor do mundo na qual estão inseridas, tornando-se gradativamente menos individualista e com melhor entendimento das suas ações e como estas ações podem afetar o seu redor. Segundo Harrow (1983), essa fase da criança de 3-5 anos é o período mais delicado para aplicar corretamente as habilidades motoras. Diante disso, essas habilidades devem ser desenvolvidas em crianças da pré-escola, contribuindo assim para o seu melhor desenvolvimento. A criança de modo geral é curiosa e ativa, buscando sempre explorar o mundo na qual está inserida. Nessa fase, a criança também aprende que existem determinadas coisas que elas podem ou não fazer, e ainda nesse mesmo período, elas começam a criar aspectos básicos de responsabilidade e um grau de independência. Assim a criança se desenvolve através da experimentação de movimentos, pois à medida que os executa de diferentes formas sua coordenação e sua precisão de ação são estimuladas. Diante disso, a dança para fins educacionais beneficia o desenvolvimento motor no que diz respeito aos elementos básicos da motricidade que consistem em motricidade fina, global, equilíbrio, esquema corporal, organização espacial, temporal e lateralidade.

Anjos e Ferraro (2017), enfatizam que diferentemente dos outros campos de atuação e metodologias, a dança prioriza a liberdade de expressão, facilitando a criatividade, trabalhando diretamente com as emoções, interações com outras pessoas, com a música e com o próprio corpo, propiciando um autoconhecimento e conseqüentemente, ultrapassando seus limites.

Quando a dança é trabalhada pedagogicamente pelas escolas, as crianças desenvolvem melhor suas habilidades e possuem maior liberdade para se expressar. Isso torna-se possível através de um trabalho progressivo e planejado que almeja o desenvolvimento do aluno de forma íntegra (CARVALHO apud FERRARI, 2003).

Anjos e Ferraro apud Krneta (2017), apontam melhorias significantes no desenvolvimento das habilidades motoras das crianças da educação infantil no que se diz respeito a cinesiologia, ou seja, alongamentos, exercícios e/ou movimentos que demandam força. Nesse sentido, a dança se apresenta como uma possibilidade, pois em uma aula de dança podemos explorar o contato com o solo com diferentes tipos de apoio, trabalhando força, resistência e movimentos amplos, com diferentes partes do corpo explorando o alongamento do aluno (ROSSI, 2014).

O presente estudo buscará mostrar a dança e suas possíveis contribuições no processo de desenvolvimento motor na educação infantil, especificamente para crianças de 4 e 5 anos.

## 2. METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa exploratória realizada por meio de um levantamento bibliográfico. Segundo Gil (2007), a pesquisa exploratória tem o objetivo de maior aproximação com o problema e por meio dele torna-se possível o levantamento de hipóteses. Para tanto, pode haver levantamento bibliográfico, entrevistas, análises de exemplos que facilitem a compreensão do objeto estudado.

De acordo com Gil (2010), a pesquisa bibliográfica é feita com base de material já elaborado, retirados principalmente de livros e artigos científicos. Assim sendo, foi feito um levantamento bibliográfico através das bases de dados disponíveis online, como: Scielo, Google acadêmico, lilacs. Para a realização das pesquisas foram utilizadas as seguintes palavras-chaves: coordenação motora, infância, dança. Após a coleta dos dados estes foram tratados qualitativamente, por meio da análise e síntese.

Segundo (MINAYO, 2013), a pesquisa qualitativa é entendida como aquela que se ocupa do nível subjetivo e relacional da realidade social e é tratado por meio da história, do universo, dos significados, dos motivos, dos valores e das atitudes dos autores sociais.

Optamos por este tipo de pesquisa, por considerá-la adequada neste momento de pandemia e não foi possível ir a campo.

Essa pesquisa tem caráter social básica e visa distribuir meio de conhecimentos através de teorias científicas, ela refere-se ao estudo destinado a aumentar a base de conhecimentos científicos. Para Schuwartzman (1979), a pesquisa básica é fundamental, suas informações devem ser abertas à sociedade, constituindo-se principalmente como fonte de aquisição e de função do conhecimento.

Quanto aos fins, esta pesquisa se caracteriza por descritiva. A pesquisa descritiva expõe características de determinada população ou fenômeno, estabelece correlações entre variáveis e define sua natureza (Vergara, 2000, p.47). Nas pesquisas descritivas há o registro dos fatos, para posteriormente serem analisados, classificados e interpretados (TRIVIÑOS, 1987).

### **3. HISTÓRIA DA DANÇA**

A dança sempre esteve presente na história desde a pré-história. Ragel (2002), em seus estudos sobre a história da dança diz que, ela é tão antiga como a própria vida, pois ele acredita que a dança nasceu das expressões de emoções primitivas e na ligação do homem com a natureza. A dança sempre foi importante na vida do homem e na sociedade, seja como lazer, expressão, ou de culto aos deuses.

Desde o início da civilização, a dança, antes do desenvolvimento da fala, pode ser uma forma de expressão e comunicação compreendida por todos os povos, por mais distantes que fossem. Era a possibilidade mais simples da representação de suas paixões, angústias, emoções, sentimentos, enfim, de seus pensamentos (TADRA, 2009, p. 19).

Para Nanni (1995) a evolução da dança com o passar do tempo não é por acaso, ela acompanha o processo de evolução da sociedade, conseqüentemente, seus padrões sociais e econômicos nascem da necessidade do ser humano expressar suas emoções, desejos e anseios.

A dança não pode ser descrita como uma sequência de saltos e passos em um determinado ritmo, pois vai muito além de tudo isso, como afirma Rebelo (2014, p. 29) “Uma vez entendida a riqueza das possibilidades de movimento de uma pessoa, torna-se impossível reduzir o ensino da dança a uma mera e simples repetição de alguns passos e gestos”. A dança é a arte que liga a alma ao corpo ela pode ser individual ou coletiva. (SOARES, 1998).

Com a miscigenação dos povos, a dança foi se misturando e transformando suas formas de expressões e interpretações. Diante disso, nota-se que o ser humano e a dança evoluíram juntos lado a lado, principalmente nos aspectos de movimentos, emoções, expressões, socializações culturais e conceituais (RINALDI, 2009).

### **4. DESENVOLVIMENTO MOTOR**

O desenvolvimento motor na infância é descrito pelas fases dos movimentos rudimentares, reflexos fundamentais e especializados. Daolio (2007) diz que o desenvolvimento dos movimentos considerados básicos, permite que a criança crie ao decorrer do tempo movimentos mais específicos, complexos e amplos que a cultura da dança pode oferecer.

A partir desse desenvolvimento, a criança começa a dominar seu corpo de diferentes formas, começa a se locomover de maneiras variadas e manipular objetos e instrumentos diversos.

Os elementos básicos do desenvolvimento motor são: motricidade fina, motricidade global, equilíbrio, esquema corporal, organização espacial e organização temporal que ajudam diretamente no domínio do corpo da criança em desenvolvimento.

A motricidade fina, segundo Silveira (2005) são atividades de movimentos pequenos que utilizam forças mínimas, porém com uma grande precisão, executadas principalmente com mãos e dedos.

A motricidade global para Mansur et al (2006) são movimentos que demandam habilidades e competências para realizar ações simultâneas, especialmente na execução de movimentos voluntários complexos.

Santos (2008) explica que o equilíbrio ocorre quando forças diferentes atuam no corpo e se compensam, se anulando reciprocamente. Ou seja, no domínio que temos ao caminhar, quanto menos controle estivermos no nosso corpo, mais energia consumiremos para realizar tal atividade.

O esquema corporal para Ferreira (2007) é a representação do corpo, da personalidade da criança e sua relação com o mundo a sua volta. É a organização de impressões que cada criança tem do seu próprio corpo.

Santos (2008) diz que a organização espacial é a capacidade que a criança tem de localizar a si mesmo e apontar a localização de outros objetos em determinados lugares.

A organização temporal para Almeida (2007) é explicada com a capacidade que a criança tem de diferenciar a duração e a ordem dos fatos que ocorrem em sua volta, tais como: minutos, horas, dias, semanas etc.

## 5. RITMO E MOVIMENTO = DANÇA

São desenvolvidos na dança quatro tipos de impulsos essenciais no indivíduo, sendo eles: sentimento, expressão, movimento e ritmo que estão diretamente ligados. Ferreira (2007), apud Morato (2005), diz que o ritmo é = a emoção e a expressão é = a cultura + movimento que é = a dança.

O Ritmo é também a essência da poesia onde se agrupam os valores de tempo combinados por meio de acentos como a volta periódica de tempos fortes e fracos num verso ou numa frase musical; ou movimento com sucessão irregular de elementos fortes e fracos; ou harmoniosa correlação das partes; ou cadência (ARTAXO, p. 60).

Quando se trabalha o ritmo nas crianças, elas acabam desenvolvendo um conjunto de capacidades que são: coordenação, equilíbrio, flexibilidade, velocidade, orientação de espaço e tempo, resistência e percepções: visuais e auditivas, essas capacidades possibilitam a descoberta do seu corpo e as variedades de movimentos que elas podem executar.

A dança traz a possibilidade de experimentar o movimento espontâneo e livre, o que a difere de todos os outros exercícios que podem necessitar de um método ou técnica específicas. O movimento ocorre por meio de um processo muito importante que envolve a sensação, a cognição, a percepção, a pulsão e o movimento em si.

Esse processo segundo Bregolato (2007, p. 42).

Acontece através do sistema nervoso e integra corpo e espírito. O corpo compõe a realidade objetiva da pessoa, como artérias, músculos, ossos e vísceras. O espírito compõe a realidade subjetiva como sensibilidade, afetividade e pensamento. Todo movimento é caracterizado pelo forte e pelo fraco, pelo acento e pelo escoar, pelo contrair e pelo relaxar, definindo o movimento natural. Esta unidade de movimento, somando contração e relaxamento, forma o ritmo do movimento corporal.

O movimento pode ocorrer de forma quase imediata, é uma experiência prazerosa. A dança aumenta a capacidade de movimentos, fazendo com que a criança que a prática constantemente, aumente suas habilidades motoras desde a coordenação, lateralidade, equilíbrio, motricidade fina e global, noção de espacial e temporal.

## 6. A IMPORTÂNCIA DO RITMO NA VIDA DA CRIANÇA

Muito antes de nascer, a criança, ainda no útero, já tem contato indireto através de sua mãe com a música, ou seja, com o ritmo, que acontece por meio dos seus batimentos cardíacos. A música é um fenômeno corporal, que acontece em todo momento (ARTAXO, 2018 apud JEANDOT, 2008).

Desde muito cedo, nos seus primeiros anos de vida, a criança já é capaz de se movimentar e de se balançar sem muita estabilidade quando escuta uma música. Segundo Artaxo (2008 apud DAVIES), a criança

começa a estabelecer sincronismo e precisão nos movimentos por volta dos três anos de idade, e atinge os movimentos precisos, quase que totais, aos seis anos de idade, isso se dá porque a criança está mais desenvolvida.

Ribeiro (2009) salienta que é de suma importância sensibilizar as crianças, mostrando a liberdade de movimento, expressões e emoções que a dança pode-lhe proporcionar.

Ao trabalhar a dança e conseqüentemente o ritmo, a criança segundo Artaxo (2008), desenvolve:

A organização temporal; Desenvolve a capacidade física do educando; Procura a descoberta do próprio corpo e de suas possibilidades de movimento; Desenvolve o ritmo natural; Desenvolve a criatividade; Possibilita o trabalho em grupo, despertando o sentido de cooperação; disciplina, solidariedade, comunicação, liderança, entrosamento e motivação; Reforça a memória; Estimula a atividade de executante, tornando-a prazerosa; Incentivar a economia do trabalho retardando a fadiga e aumentando os resultados; Aperfeiçoa a coordenação; Desperta a audição; Disciplina-se.

## 7. DANÇA E OS BENEFÍCIOS MOTORES

A dança nada mais é que movimentos corporais, que admitem através do ritmo, movimentos com uma certa harmonia e organização temporal, mostrando assim para os alunos sua capacidade de se expressar livremente. Falsarella et al (2008), afirma que a dança aumenta a resistência corporal, melhora a postura, a flexibilidade e a estética.

Cavasin e Fischer (2003), salienta que povos antigos utilizavam a dança para treinamento de guerra, como era o caso do povo grego, que acreditavam que a dança melhoraria o desempenho de seus guerreiros. Ainda segundo nossos autores, é

essencial que façam uma observação no grau de desenvolvimento motor das crianças.

Para Ferreira (2005) a dança pode melhorar a respiração, o condicionamento físico, fortalecimento dos tônus musculares, coordenação motora, trabalha ainda a interação social e afetiva do aluno. A dança apresenta-se como um meio de aquisição de conhecimentos e de capacidades. Considerando seu valor educativo e seu potencial de integração de conteúdos e pessoas, possibilita a vivência/ desenvolvimento dos aspectos cognitivo, afetivo e psicomotor (LOTH et al., 2012).

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se observar que a dança, na educação infantil, tem muito a contribuir no processo de desenvolvimento motor, porque permite ao aluno conhecer a sua história, além de estimular a imaginação, criatividade, liberdade, expressão entre outros. A dança possui o poder de trabalhar conjuntamente vários aspectos motores, proporcionando então a criança uma interação com seu próprio eu e ao mundo do qual faz parte. Com isso, quando a escola introduz a dança no seu planejamento pedagógico, ela possibilita ao aluno um conhecimento cultural do movimento e seus aspectos.

Dois fatores bastantes significativos que ficaram em evidência foram a contribuição da autovalorização e do autoconhecimento, visto que muitos alunos adotam uma postura tímida por não se acharem bom em algo ou por medo do julgamento dos colegas, até mesmo por se sentirem, muitas das vezes, insuficientes, e ao trabalhar a dança, o aluno fica mais confiante pela maneira no qual ela é imposta a eles.

Além disto, a dança trabalha a respiração, condicionamento físico, coordenação motora, além de adquirir um conjunto de capacidades como: flexibilidade, noção de espaço e tempo, velocidade, equilíbrio e outros. O aluno acaba descobrindo as inúmeras possibilidades de movimento que o seu corpo pode executar através da dança.

Por fim, a dança é liberdade de expressão, não existe uma maneira certa ou errada de executar, envolve muito mais a sensação, a emoção, a espontaneidade do que outras coisas. Como dito por um autor no decorrer do trabalho: “dança é a arte que liga a alma ao corpo, ela pode ser individual ou coletiva”.



## REFERÊNCIAS

- [1] ALMEIDA, G. M. F. D. Deficiência Mental: Avaliação e classificação do desenvolvimento motor. 2007. Dissertação (Mestrado) - Universidade Do Estado De Santa Catarina, Florianópolis.
- [2] ARTAXO, I. Ritmo e Movimento – teoria e Prática. Editora Phorte. São Paulo, Cap. 01, 08, 10. 2008.
- [3] ANJOS, I.V.C.; FERRARO, A.A. A influência da dança educativa no desenvolvimento motor de crianças. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. 2017.
- [4] BREGOLATO, R.A., Cultura Corporal da Dança. Coleção Educação Física Escolar: no princípio de totalidade e na concepção histórico-crítica-social. Editora Icone Ltda, v. 1, 3 ed., São Paulo, 2007.
- [5] CAVASIN, C.R; FISCHER J. A Dança na Aprendizagem. Revista Leonardo Pós órgão de divulgação científica e cultural do Instituto Catarinense de Pós-Graduação, v.1, n.3, agos/dez. 2003.
- [6] CARVALHO, E. M. S. A dança no contexto escolar. Centro Universitário de Brasília – uniceub. Faculdade de ciência da educação e saúde – FACES. Disponível em : < <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/7552/1/21339712.pdf>> Acessado no dia 12 de mar 2020.
- [7] FALSARELLA, A.P.; AMORIM, D.B. A importância da dança no Desenvolvimento Psicomotor de crianças e adolescentes. Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, vol. 6, Ed. Especial, p.306-3017, jul. 2008.
- [8] FERREIRA, J. R. P. Saúde Escolar: Aspectos Biopsicossociais de Crianças com dificuldades de Aprendizagem. 2007. Dissertação De Mestrado (Mestrado) - Universidade Do Estado De Santa Catarina, Florianópolis.
- [9] FERREIRA, V. Dança escolar. Rio de Janeiro: Sprint, 2005.
- [10] GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos. 3. ed. São Paulo: Ed. Phorte, 2005.
- [11] GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2010.
- [12] GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- [13] HARROW, A. J. Taxionomia do Domínio Psicomotor. Rio de Janeiro. Globo, 1983
- [14] MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Metodologia do trabalho científico. 4ed.São Paulo: Editora Atlas, 1992.
- [15] MANSUR, S. S.; MARCON, A. J. Perfil Motor de Crianças e Adolescentes com Deficiência. Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, São Paulo, n, p.9-15, 16 mar. 2006.
- [16] RANGEL, N.B.C.Dança, Educação, Educação Física: Proposta de ensino da dança e o universo da Educação Física. Fontoura Edirora Ltda, São Paulo, 1 ed., mai/2002.
- [17] RIBEIRO, L.D. A importância da dança no desenvolvimento motor das crianças. Faculdade Calafiori. – Monografia. São Sebastião do Paraíso, Minais Gerais, 2009.
- [18] RINALDI, L. P. B. A dança na educação física escolar e a metodologia crítico superadora. Maringá – PR, 2009.
- [19] REBELO, C. P. S. A Importância da Dança, enquanto terapia, na Inclusão de Crianças com Paralisia Cerebral. 2014. 164 f. Tese de Mestrado em Ciências da Educação na Especialidade de Educação Especial: Domínio Cognitivo e Motor, Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa. 2014.
- [20] SANTO, L.P.E.; FERNANDES, C.T.; MACIEL, C.M.L.A.; FILHO, A.D.R. As contribuições da dança no desempenho motor de crianças da educação infantil.
- [21] SILVEIRA, C. R. A. Avaliação Motora De Pré-Escolares: Relações Entre Idade Motora E Idade Cronológica. Edeportes: - Año 10 - N° 83 - Abril de 2005, Buenos Aires, n. , p.1-1, abr. 2005.
- [22] SOARES, C. L. Imagens da Educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. Campinas: Autores Associados, 1998.
- [23] TADRA, D. S. A. Metodologia do ensino de artes: linguagem da dança. Curitiba: ibepex, 2009.
- [24] TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

# Capítulo 8

## *A desvalorização da disciplina de Educação Física nas escolas de Educação Básica*

*Ademar Rego Braga Neto*

*Luiz Gonzaga de Freitas Neto*

*Joaquim Albuquerque Viana*

*Eva Vilma Alves da Silva*

**Resumo:** A Educação Física historicamente tem suas bases associadas às concepções de “movimento e corpo”, ou seja, limitando-se somente aos aspectos fisiológicos e técnicos. Em 1980, surgiram movimentos de críticas à essa concepção que, procuravam elaborar teorias para mudar a sua prática. A Educação Física foi introduzida como componente curricular obrigatória nas escolas, através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº9.394 de 20 de dezembro de 1996). O professor de Educação Física passa por muitas dificuldades no processo de ensino-aprendizagem do aluno dentro da escola, principalmente na rede de ensino público. Este trabalho tem como objeto mostrar a desvalorização do professor de educação física dentro das escolas públicas e privadas e fazer a comunidade escolar entender sua real importância. Este estudo foi realizado por meio de uma revisão de literatura especializada, realizada entre fevereiro e junho de 2020, na qual foram feitas consultas em livros publicados; em artigos científicos e teses, selecionados através de busca no banco de dados do Scielo e Google acadêmico. Concluiu-se que os professores encontram diversas barreiras para realizar um trabalho de qualidade dentro das escolas sejam elas da rede pública ou privada. O estudo mostrou que a disciplina ainda é muito mal vista pela sociedade em geral (políticos, professores, alunos e pais), com isso o investimento em matérias e espaço para a prática das aulas é muito pouco.

**Palavras-chave:** Professor; Educação Física; Desvalorização.

## 1. INTRODUÇÃO

A prática da Educação Física nas escolas, como componente curricular na educação básica está amparada pela lei de nº 10.973/2003. O profissional de educação física, assim como qualquer outro profissional da educação, tem o objetivo de despertar o desenvolvimento cognitivo e social, buscando a autocrítica e a autonomia dos seus alunos. A imagem do professor de Educação Física escolar sempre esteve ligada ao esporte, à saúde e à disciplina. Desde o início, quando a Educação Física foi introduzida nas escolas como matéria do currículo e parte integrante da educação formal, ela ocupou um espaço modesto e foi marcada por uma história de muitas crises de identidade (ARANTES, 2008).

A LDB<sup>1</sup>, o RCNEI<sup>2</sup> e os PCN's<sup>3</sup> propõem uma reorganização para a EF<sup>4</sup>, como componente curricular da Educação Básica, a educação física começa a ser refletida de forma integral, valorizando o corpo e a mente dos alunos. FREIRE e SCAGLIA (2009) afirmam que a escola não pode pensar somente na cabeça da criança, mas no corpo inteiro. A Educação Física, dentre tantos objetivos a serem alcançados, deve buscar o desenvolvimento de todas as dimensões intelectuais, sensoriais, afetivas, gestuais. Do contrário, estará ficando aquém de suas possibilidades, empobrecendo o ensinamento e, por conseguinte a aprendizagem, perdendo a oportunidade de promover.

Apesar da disciplina de Educação Física desenvolver o aspecto social e cognitivo, a mesma ainda não é bem vista no âmbito educacional como matéria de suma importância para ser estudada. No Brasil, a Educação Física escolar encontra-se numa situação não tão favorável ao desenvolvimento da criança, pois existe uma grande dificuldade para que os docentes consigam exercer suas funções de forma eficiente e eficaz.

Em Rodrigues et al (2016), nota-se que a Educação Física vem perdendo espaço, resultando em alunos e professores desmotivados, dificultando a prática de um trabalho pedagógico bem aplicado. Logo, as aulas estão sendo reduzidas, especificando como exemplo, o que ocorreu anteriormente quando o encaminhou ao congresso nacional uma medida provisória que acaba com a obrigatoriedade da Educação Física no ensino médio. Isto, ocorreu porque a disciplina é chamada “a hora de brincar” e conseqüentemente o profissional marginalizado como “quem só joga a bola”, é desvalorizada diante a comunidade escolar, pois o fato da disciplina no ensino médio não está vinculada aos vestibulares e aos concursos, ela não é vista como algo importante para o desenvolvimento cognitivo do indivíduo.

Junior et al (2013) diz que as atividades físicas sempre se encontram em um nível inferior ligadas às atividades, reconhecidamente, intelectuais. Assim, Betti (1992) aponta que dois aspectos que contribuem diretamente para a desvalorização da educação física. O primeiro diz respeito à maneira simples sem valor em que a área é vista, O segundo, refere-se à ideia de que o contato intenso entre as pessoas e as práticas corporais, dando a injusta impressão de que a área da Educação Física e o profissional seriam quase que dispensáveis, inclusive no ambiente escolar. Nesse sentido, Lovisolo (2002) afirma que a educação, incluindo a Educação Física escolar, tem por objetivo a formação intelectual, emotiva e corporal da pessoa.

A Educação Física é vista como uma disciplina complementar, ou seja, a mesma é vista por todos como uma matéria cujo objetivo é somente levar os alunos para “brincar” na quadra, porém, acabam esquecendo que até para brincar existem regras, métodos e recursos. O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI) lembra a importância do brincar, trazendo a relação do jogo com o desenvolvimento cognitivo, motor, social e afetivo das crianças. A educação física tem que parar de ser vista na escola como recreação, pois a mesma é planejada, sistemática e acompanha um processo de desenvolvimento do indivíduo como um todo, ou seja, a ginástica no âmbito do Ensino Fundamental I, os jogos e brincadeiras no Ensino Fundamental II e esportes no Ensino Médio, têm como objetivo a construção do caráter do indivíduo em todos os seus aspectos, ou seja, não é realizada de qualquer forma.

Dessa forma o trabalho aqui proposto vem mostrar a desvalorização do professor de Educação Física dentro das escolas públicas e privadas e contribuir para que a comunidade escolar entenda sua real importância.

---

<sup>1</sup> Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira.

<sup>2</sup> Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil.

<sup>3</sup> Parâmetros Curriculares Nacionais.

<sup>4</sup> Educação Física.

## 2. METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de uma revisão bibliográfica de caráter exploratório e descritivo. Para tanto, procurou-se identificar os trabalhos com temas similares ao estudo em questão da Desvalorização da Disciplina de Educação Física nas Escolas de Educação Básica.

A coleta de dados se deu com a partir das buscas nas bases Lilacs, Scielo, Google acadêmico, utilizando-se as palavras-chave: desvalorização, educação física e professor, em que resultou em quase 50 artigos.

A partir da leitura dos títulos e resumos encontrados, foram excluídos os trabalhos com temática em desacordo aos interesses do estudo (25) e em duplicidade (15), permanecendo um total de 10 artigos selecionados para análise.

Os referidos artigos foram lidos por completo principalmente os que mais se enquadravam dentro do tema do estudo proposto.

## 3. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

A educação física historicamente tem suas bases associadas às concepções de “movimento e corpo”, ou seja, limitando-se somente aos aspectos fisiológicos e técnicos. Júnior (2011) diz que em vários momentos a história da Educação Física é confundida com as instituições militares e médicas. Salienta ainda, que durante vários anos essas instituições acabaram por delimitar e definir o caminho da Educação Física.

Rocha et al apud Redivo (2017) afirmam que a implementação da Educação Física dentro das escolas foi trabalho longo e bastante discutido durante anos. Dentro desse contexto, os exercícios físicos e suas diversas formas, passaram a ser vistos como instrumento de suma importância na formação dos exércitos.

A educação física no Brasil surge ligada intimamente à formação e educação corporal disciplinadora, com objetivos dos mais variados: militares, de saúde, estéticos, esportivos de alto rendimento ou não, recreativos, servindo, muitas vezes, a mecanismos de alienação ou propósitos políticos, valendo-se da prática ou de eventos esportivos para desviar a atenção das tensões políticas e das lutas ideológicas. (JÚNIOR et al, 2013).

Em 1980, surgiu movimentos de críticas à Educação Física, procurando elaborar teorias para mudar a sua prática. Essas teorias tinham como objetivo principal focar a prática educação física, defendiam a ideia da observação do indivíduo e seus costumes e características, ou seja, uma abordagem cultural (Revido apud Bracht, 2010).

Para Kuzminski (2004) é primordial para a Educação Física que se faça uma reflexão sobre as atividades culturais de movimento com finalidades de lazer, expressões de emoções, afetos, sentimentos, prevenção e manutenção da saúde. Ou seja, ver a educação com outros olhos, não somente, como passatempo, brincadeira, diversão e lazer, pois é mais que isso, ela é de suma importância para os alunos, assim como qualquer outra matéria do componente curricular. Brasil (2007) afirma que através da educação física é possível aumentar a potencialidade de cada indivíduo partindo de cada especificidade abordada. Diante disso, os PCN's salientam que a Educação Física Escolar é fundamental e deve assegurar que os alunos tenham acesso ao conhecimento tanto prático como conceitual.

Rocha et el apud Silva (2017) diz que a criança através da Educação Física escola escolar pode melhorar suas capacidades motoras e cognitivas, sendo assim, a prática pedagógica da educação física é imprescindível nos primeiros anos escolares da criança. Nesse sentido Miquelin et al (2014) reafirma que é geralmente na escola que as crianças passam a ter o seu primeiro contato com atividades físicas planejadas, fazendo com que elas possam entender e moldar todas as suas habilidades motoras e cognitivas, dentro e fora do ambiente escolar.

A Educação Física foi introduzida como componente curricular obrigatória nas escolas através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº9.394 de 20 de dezembro de 1996). Segundo Betti et al (2002) a partir dessa inclusão, a educação física passou a ter como objetivo a integração do aluno a cultura corporal do movimento utilizando como principal recurso o seu corpo, proporcionando ao aluno a vivência de esportes e outros componentes da cultura corporal. Ainda de acordo com o mesmo autor a educação como disciplina deve:

(...) formar um cidadão capaz de posicionar-se criticamente diante das novas formas da cultura corporal de movimento – o esporte espetáculo dos meios de comunicação, as atividades de academia, as práticas alternativas etc. Por outro lado, é preciso ter claro que a Escola brasileira, mesmo que quisesse, não poderia equiparar-se em estrutura e funcionamento às academias e clubes, mesmo porque é outra a sua função (BETTI et al, 2002).

Rocha et al (2017) afirma que a Educação Física não é simplesmente a prática esportiva como recreação e lazer. Ela é muito mais que isso, ele tem a capacidade de instruir os alunos a atuarem de forma crítica e reflexiva, dentro e fora da escola como ser pensante, contribuindo assim para a formação dos mesmos no âmbito físico, mental, social, emocional e pedagógico.

A prática da Educação Física na escola poderá “favorecer a autonomia dos alunos para monitorar as próprias atividades, regulando o esforço, traçando metas, conhecendo as potencialidades e limitações e sabendo distinguir situações de trabalho corporal que podem ser prejudiciais” (PCN’s, 2007).

Com as novas abordagens acerca do conteúdo prático pedagógico da Educação Física escolar, os Parâmetros Curriculares Nacionais, sugerem que a disciplina seja trabalhada de maneira interdisciplinar e transdisciplinar, ou seja, de diferentes dimensões envolvendo múltiplas atividades que possam englobar questões sociais, éticas e outros.

Os conteúdos selecionados para as aulas de Educação Física devem ter relevância social, ser contemporâneos e adequados à realidade dos alunos para que estes possam confrontar conhecimentos científicos e populares objetivando ampliar seu acervo de aprendizado e assim tenham a possibilidade de transformar a realidade (PRADO, 2015).

Apesar da Educação Física ser de suma importância, e comprovado isso ao longo dos anos, a disciplina ainda é vista como uma matéria sem relevância em relação às demais.

#### 4. O TRABALHO DOS PROFESSORES NA ESCOLA

Para Mota (2016) a educação no contexto geral não somente a Educação Física, mas todas as matérias do componente curricular, está atravessando por grandes crises e dificuldades, desde a baixa qualidade no ensino até o descaso com os professores. Segundo o mesmo autor, isso dificulta ainda mais a situação das aulas de Educação Física dentro das escolas seja elas do ensino público ou privado, por ser vista como uma disciplina sem “status”, que quer dizer, que a mesma é vista como uma disciplina sem importância, que conseqüentemente acaba por desvalorizar a importância do profissional de Educação Física. Está é a primeira de dificuldade enfrenta pelo professor de Educação Física que é tentar mostrar a importância e a necessidade das aulas no âmbito escolar. A Educação Física deve ser reconhecida na escola, encontrar sua identidade, sua causa de existir como componente curricular obrigatório na escola, e isso só acontecerá se sua importância for discutida por todos dentro e fora do âmbito escolar (DARIDO, 2006).

Diante deste cenário o professor de Educação Física passa por muitas dificuldades no processo de ensino-aprendizagem do aluno dentro da escola, principalmente na rede de ensino público, conforme Mota (2016) as dificuldades enfrentadas pelos por estes profissionais acabam por desmotivá-los. Dentre as maiores dificuldades estão: espaços inadequados, falta de matéria, a resistência dos alunos aprender às novas abordagens que não sejam futebol, vôlei e queimada e a maior de todas as dificuldades a falta de desinteresse dos alunos pelas aulas de Educação Física.

Mota (2016) diz que as dificuldades dos profissionais de Educação Física já são grandes e ainda existir profissionais que deixam a desejar as aulas que não ter um grau de planejamento para executar as suas aulas seja por falta de tempo ou de desinteresse, o que acaba contribuindo para a desvalorização das aulas diante das outras matérias. Todas estas dificuldades afetam diretamente o trabalho de inúmeros docentes

na escola, pois muitos deles acabam se vendo presos ao tentar modificar o cenário da Educação Física na escola (DARIDO, 2006).

## 5. DISPENSAS DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

No decorrer da história da Educação Física entre a década de 1960 – 1970 algumas leis foram aprovadas, leis essas que possibilitaram que os alunos pudessem pedir dispensas das aulas.

Na primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 4024 de 20 de dezembro de 1961, afirma que a Educação Física é contemplada no artigo 22, cujo texto é descrito da seguinte forma: “Será obrigatória a prática da Educação Física nos cursos primário e médio, até a idade de 18 anos” (BRASIL, 1961). A descrição da Educação Física presente nesta lei ligada diretamente a capacitação física do aluno, que tinha como objetivo principal preparar o futuro trabalhador com saúde que seria de suma importância para o processo de industrialização vivido pelo país naquele período.

Anos mais tarde LDB foi revista, através da Lei nº 5692 de 11 de agosto de 1971 (BRASIL, 1971). Castellani apud Mota (2016) ressalta que esta lei deixa de fazer alusão ao limite de idade da prática da Educação Física, optando por normalizar a questão através de outro mecanismo, que passou a ser colocado em prática a partir de 1º de Novembro daquele mesmo ano, pela promulgação do Decreto nº 69450, que se aportava aos quatro incisos do artigo 6º às condições que permitiam a ausência do aluno a prática da Educação Física, com base na seguinte redação:

Em qualquer nível de todos os sistemas de ensino, é facultativa a participação nas atividades físicas programadas: a) aos alunos do curso noturno que comprovarem, mediante carteira profissional ou funcional, devidamente assinada, exercer emprego remunerado em jornada igual ou superior a seis horas; b) aos alunos maiores de 30 anos de idade; c) aos alunos que esti-verem prestando serviço militar na tropa; d) aos alunos amparados pelo Decreto-lei 1044 de 21 de outubro de 1969, mediante laudo do médico assistente do estabelecimento (MOTA apud CASTELLANI FILHO, 2016).

Com isso, a trajetória da Educação Física nas escolas foi aberta uma série de possibilidades que permitiam que os alunos pedissem dispensas das aulas. No dia 01 de dezembro de 2003, a facultatividade foi alterada, por meio da Lei nº 10793. Essa Lei alterou a redação do art. 26, § 3º, e o art. 92 da Lei 9294, de 20 de dezembro de 1996. Diante disso, ficou definido que as aulas de Educação Física

fossem facultativas para os alunos que, independente do horário em que ele estudasse, se enquadrasse em algumas das seguintes situações previstas em lei:

I – Que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas; II – maior de trinta anos de idade; III – que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física; IV – amparado pelo Decreto-Lei no 1.044, de 21 de outubro de 1969; V – (VETADO) VI – que tenha prole (BRASIL, 2003).

Desta forma esta lei que as pessoas possuem uma visão bastante excludente do papel da Educação Física na escola, passando por uma disciplina sem valor diante das demais.

## 6. BENEFÍCIOS DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Mota (2016) salienta que a matéria da Educação Física possibilita ao aluno a compreensão do movimento, contribui no desenvolvimento do aluno no todo, quando bem trabalhada ajuda na interdisciplinaridade com as demais matérias, além de proporcionar uma interação com outras pessoas, promovendo assim o desenvolvimento geral do aluno nos aspectos biopsicossocial.

Mota apud Xavier (2016) fala que quando o aluno faz as aulas de Educação Física é possível aumentar o interesse, motivação e concentração, além de auxiliar na compreensão e memorização das informações no geral, ou seja, não somente nas aulas de Educação Física, estimula ainda o aluno a ficar mais observador, associando teoria e prática com mais facilidade.

Rodrigues (2013) diz que de segundo os PCN's, a prática da Educação Física é de suma importância, pois analisa todas as condições necessárias para trabalhar o corpo e seus movimentos. Destaca ainda que a

Educação Física deve ser compreendida como o campo do conhecimento que estuda a cultura do corpo e seus respectivos movimentos.

Para Zunino (2008) afirma que a Educação Física é umas das maneiras mais competentes na qual o ser humano é capaz de socializar, e tem uma das ferramentas mais eficientes de obtenção de habilidades motoras e psicomotoras. Diante disso, é necessário ressaltar que a Educação Física, movimentando o corpo e pode ser muito bem trabalhada pedagogicamente no âmbito escolar com danças, lutas, ginásticas, esportes e jogos (RODRIGUES, 2013).

## **7. VISÃO GERAL DA DESVALORIZAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

A Educação Física escolar é um campo de conhecimento que ao longo de toda sua história passou por grandes mudanças. Inicialmente, era vista somente como atividade de lazer e recreação, no entanto, na atualidade é considerada por diversos autores e pesquisadores como uma disciplina de suma importância para o desenvolvimento da criança além de ser um componente curricular obrigatório da educação.

Nota-se que apesar de toda sua importância a Educação Física ainda encontrar diversos obstáculos para ser realizar um trabalho eficaz e eficiente no âmbito escolar, pois além dos profissionais serem desvalorizado pela sociedade no todo, a disciplina tem pouco investimento tanto no quesito espaço quanto de materiais específicos para sua prática. Consequentemente a estas situações os professores acabam por se desmotivarem a planejar atividades mais específicas que possa trabalhar o corpo em movimento como mais eficiência.

No entanto, é sempre importante lembrar que todos os docentes em geral possuem um papel super importante no desenvolvimento dos alunos e na formação de cidadão com mais consciência do seu papel na sociedade em que está inserido. Pois, a Educação Física não só auxilia no desenvolvimento físicos da criança, mas também é capaz de promover momentos de socialização, interações, companheirismos e de prazeres.

O professor de Educação Física não é apenas só mais um docente no âmbito esportivo que trabalha jogos, esportes, brincadeiras e que proporcionar momentos de lazer e prazer, mas sim aquele profissional que tem ferramentas suficiente pra desenvolver um bom trabalho apesar de todas as barreiras encontradas, capaz de transmitir inúmeros conhecimentos teóricos e práticos que podem auxiliar diretamente na formação de um bom cidadão.

## **8. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste estudo realizado mediante a desvalorização da disciplina de Educação Física nas escolas de educação básica, concluiu-se que os professores encontram diversas barreiras pra realizar um trabalho de qualidade dentro das escolas seja ela da rede pública ou privada, o estudo mostrou que a disciplina ainda é muito mal vista pela sociedade em geral (políticos, professores, alunos e pais), com isso o investimento em matérias e espaço para a prática das aulas é muito pouco. Diante disso, os professores acabam perdendo sua motivação e garra de quando estavam sentados na sala de aula, antes de se formar. No entanto, os professores também devem adotar algum tipo de mudança em sua postura ao impor a importância do seu trabalho dentro da escola.

Ao longo da história a Disciplina Educação Física sofreu inúmeras transformações, adequando-se sempre a sociedade que vive em constante processo de evolução, algumas vezes essas mudanças não foram positivas. Porém, é importante ressaltar que a Educação Física busca assim como as demais matérias formar cidadão críticos e pensantes, capazes de identificar o meio a qual está inserido.

Por fim, a Educação Física precisa parar de ser vista como uma disciplina sem importância, incapaz de agregar conhecimento ao aluno, pois a Educação Física é trabalhar em conjunto com todas as demais matérias, além de trabalhar a socialização, interação e aspectos biológicos e psicológicos dos alunos. Um professor comprometido é capaz de motivar alunos a serem pessoas melhores.

## REFERÊNCIAS

- [1] ARANTES, A. C. A história da educação física escolar no Brasil, revista digital, ano 13 nº 124, Buenos Aires, 2008.
- [2] BETTI, M.; ZULIANI, L.R. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. Revista Mackenzie da educação física e esporte, v. 01, n 01; p. 73- 81; 2002.
- [3] BETTI, M. Perspectivas na formação profissional. In: Gebara A, Moreira WW. Educação física & esportes: perspectivas para o século XXI. Campinas: Papirus; 1992. (Coleção Corpo & Motricidade).
- [4] BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. S.E.F. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física. Brasília: MEC / SEF, 2007.
- [5] DARIDO, S. C. et.al. Realidade dos professores de educação física na escola: suas dificuldades e sugestões – Revista Mineira de Educação Física, Viçosa, v. 14, n. 1, p. 109-137, 2006.
- [6] FREIRE, J.B.; SCAGLIA, A.J. Educação como prática corporal. São Paulo: Scipione; 2009
- [7] JÚNIOR, A.E.B. Educação Física Escolar no Brasil e seus Resquícios Históricos. Revista de Educação do IDEAU, Getúlio Vargas, RS, v. 6, n. 13, p. 1-15, jan./jul. 2011.
- [8] JUNIOR, N.B.; TASSONI, E.C.M. A Educação Física, o docente e a escola: concepções e práticas pedagógicas. Rev. Bras. Edu. Fís. Esporte, v. 27, n. 3, p. 467-483, jul./set., 2013.
- [9] KUZMINSKI, D. M. O Papel do Professor de Educação Física do Ensino Fundamental: séries iniciais no município de São José dos Pinhais. In: V Congresso Nacional de Educação EDUCERE e III Congresso Nacional da Área de Educação, 2004.
- [10] LOVISOLO, H. Da educação física escolar: intelecto, emoção e corpo. Motriz, Rio Claro, vol. 8, n. 3, p. 99-103, set./dez. 2002.
- [11] MIQUELIN, E. C; FERNANDES, M.C.; PAGANI, M.M.; SILVA, R.L. A Educação Física e seus benefícios para alunos do Ensino Fundamental. 2014.
- [12] MOTA, A. C. S.; AMARO, D. A. A Realidade Vivida Pelos Profissionais de Educação Física Dentro das Escolas. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo Do Conhecimento. Ano 01, Edição 01, Vol. 10, pp. 281-290, Novembro de 2016. ISSN: 2448-0959.
- [13] PRADO, B. M. B. Educação Física Escolar: um novo olhar. Revista de Educação do IDEAU, Getúlio Vargas, RS, v. 10, n. 21, p. 1-13, jan./jul. 2015.
- [14] ROCHA, C.L.; BARACHO, M.S. Dificuldades enfrentadas pelos professores de educação física em escolas públicas: Breve Revisão. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Diamantina, 2017.
- [15] RODRIGUES, G.; OLIVEIRA, J.; ANDRADE.; PORTILHO, W.A. A (des)valorização da educação física na escola: opinião dos professores, diretores e supervisores. Revista Educação, Meio Ambiente e Saúde, 2016.
- [16] RODRIGUES, I. V. A Importância da prática da Educação Física no Ensino Fundamental I. Portal Educação. 2013.
- [17] ZUNINO, A. P. Educação física: ensino fundamental, 6º – 9º. Curitiba: Positivo, 2008.



# Capítulo 9

## *A importância do brincar nas aulas de educação física para o desenvolvimento motor dos escolares do Ensino Fundamental I*

*Bianca Gomes Pinheiro  
Kesia Maria Wesen Pinto  
Keegan Bezerra Ponce  
Gleiser Barroso Barbosa*

**Resumo:** O presente artigo aborda a importância do brincar nas aulas de Educação Física para o desenvolvimento motor dos escolares do Ensino Fundamental I. O trabalho realizado baseou-se no aspecto dos jogos, utilizando os conteúdos pré-estabelecidos pelo Plano de Componente Curricular, unindo a característica que toda criança apresenta em gostar de brincar. Discute como as atividades lúdicas tornam-se fundamentais dentro desse processo, pois proporcionam o prazer às crianças, além de contribuírem para o seu desenvolvimento motor, intelectual e social. O brincar representa um papel importantíssimo no universo como no interesse da criança, devendo por isso serem utilizadas como um importante instrumento de ensino. Através da brincadeira, a criança tem a possibilidade de se relacionar consigo e com o meio, além de ter, a partir do seu conhecimento acerca do brincar, um contato mais prazeroso com os fundamentos específicos das modalidades esportivas que são desenvolvidas nas aulas de Educação Física.

**Palavras-chave:** Atividade lúdicas; Jogos; Brincar.

## 1. INTRODUÇÃO

É na infância que o ser humano se desenvolve e, através do brincar que a criança aprende, interage, explora e facilita o desenvolvimento motor da mesma. Segundo Leontiev (2006), o brincar é a principal atividade das crianças pequenas, pois é ela que vai impulsionar a criança para outro nível de desenvolvimento.

Essas experiências motoras são aperfeiçoadas e a progressão de um período para o outro, que chamamos de estágio, sofre influência de fatores emocional, físico e social, que estão associados à família e a escola. É na vivência escolar que a criança explora o vasto leque do desenvolvimento motor. Dos 6 aos 10 anos de idade, caracteriza-se como a fase mais longa para a formação psicomotor da criança.

A criança brinca até mesmo quando está quieta no seu cantinho, podendo assim está brincando através de sua imaginação, como também pode estar no meio de brincadeiras com outras crianças e não está envolvida. O brincar é espontâneo, livre e social, sendo assim tem que ser prazeroso e não obrigatório. Por meio do brincar, as crianças além de se divertirem aprendem a criar, inventar, a movimentar-se e a se relacionar melhor com o meio social.

Corroborando com a importância do brincar na infância, o autor Mastroianni afirma que:

“A atividade lúdica ou a capacidade de brincar tem um papel fundamental na estruturação do psiquismo da criança. É no brincar que a criança une elementos de fantasia e realidade e começa a distinguir o real do imaginário. Brincando, a criança desenvolve não só a imaginação, mas também fundamenta afetos, elabora conflitos e ansiedades, explora habilidades e, à medida que assume múltiplos papéis, fecunda competências cognitivas e interativas.” (MASTROIANNI, 2004, p.4).

Todos esses benefícios do brincar devem ser reforçados no meio escolar, pois facilita o aprendizado e ativa a criatividade.

O professor de Educação Física, como facilitador no processo de ensino aprendizagem, deve enxergar o ato de brincar, como ferramenta pedagógica na construção do desenvolvimento motor da criança. Despertar na criança o prazer pela ludicidade, permite que ele busque novas estratégias de ensino, fugindo assim, do convencional, trazendo um reconhecimento louvável ao escolar através do brincar, proporcionando momentos de diversão e também afetividade entre os mesmos.

De acordo com Bezerra:

“Independente das condições que a escola e o sistema educacional proporcionam à sua prática docente, é da responsabilidade de cada professor motivar suas aulas, tornando-as atrativas e prazerosas, preparando a criança para que esta vá se constituindo um sujeito crítico de suas próprias ações no meio em que vive.” (BEZERRA, 2006, p. 5).

A relevância deste Trabalho de Conclusão de Curso é identificar a importância do brincar como ferramenta educacional para o desenvolvimento motor dos escolares do Ensino Fundamental I, contribuindo assim, para a utilização do brincar como um recurso pedagógico no cotidiano das aulas de Educação Física.

## 2. O BRINCAR, JOGOS E BRINCADEIRAS DENTRO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Brincar é também um direito da criança reconhecido pela Declaração Universal dos Direitos da Criança da qual o Brasil é signatário. Nesta Declaração, o artigo 31 afirma: “Os estados reconhecem o direito da criança de descansar e desfrutar, da diversão e realizar exercícios recreacionais apropriadas à sua idade e de participar ativamente da vida cultural e das artes”.

O brincar como um modo de ser e estar no mundo, como uma das prioridades de estudo nos espaços de debate pedagógicos, nos programas de formação continuada, nos tempos de planejamento, o brincar como uma expressão legítima e única da infância, o lúdico como um dos princípios para a prática pedagógica, a brincadeira nos tempos e espaços da escola e das salas de aula, a diversão como oportunidade de se relacionar mais com as crianças que constituem no Ensino Fundamental I.

Do ponto de vista, didático, as brincadeiras dentro da Educação Física escolar promovem situações em que as crianças aprendem princípios, comportamentos e desenvolvem diversas habilidades, integrando aspectos cognitivos, sociais e físicos.

Além de signatário da Declaração, o Brasil tem um Plano Nacional pela Primeira Infância (PNPI), aprovado pelo Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente - CONANDA, portanto norteador das políticas públicas para esta fase da vida, o qual reitera o brincar como um direito da criança e explicita em seus objetivos, tais como:

Oferecer espaço lúdicos que atendam às demandas da infância, acolhendo a singularidade do indivíduo, e que contemplem a diferenças culturas, produzida também pelas crianças e que formam um conjunto de padrões de comportamento, crianças e valores morais e materiais.

Apesar desse reconhecimento, ainda se vê o brincar como atividade que deve acontecer nos intervalos do que é realmente "importante". O conhecimento do valor do brincar, tão certo exprime-se na Declaração e reiterada pelo PNPI é ainda pouco reconhecida na sociedade como um todo.

Sendo assim a Educação Física escolar vem tentar construir uma nova imagem mostrando que o brincar se aprende a cuidar dos conceitos cognitivos, sociais, afetivos e motores de forma integrada tudo tendo como apoio um profissional de Educação Física.

O brincar faz parte da natureza humana do homem, ele é um ser que brinca - homo ludens. De acordo com a teoria histórico-cultural o homem aprende por meio das atividades que realiza, orientada por parceiros mais experientes. Os processos psicológicos superiores (a inteligência, a memória, a personalidade, a consciência, as emoções etc.) são funções especificamente humanas que ocorrem a partir dos processos de vida social e se desenvolvem especialmente na atividade principal da criança, que é o brincar.

As habilidades motoras podem, ser subdivididas em três categorias. As três categorias do movimento - equilíbrio, locomoção e manipulação - classificam a função intencional do movimento de um indivíduo (GALLAHUE; OZMUN, 2002). Habilidades de dominar abrangem movimentos grossos e finos.

O termo manipulação motora fina relaciona-se a atividade de segurar objetos, que enfatizam o controle motor, a precisão e a exatidão do movimento. Amarrar os sapatos, colorir e cortar com tesoura são exemplos de habilidades motoras fundamentais manipulativas finas. Muitos autores têm descrito a maneira como tipos específicos de atividades motoras podem favorecer a aprendizagem de conceitos de linguagem, de competência artística, de operações básicas de matemática e de estudos sociais e ciências (GALLAHUE, 1996; BUSCHNER, 1994; PELLEGRINE E BOYD, 1993).

O aprendizado ativo pelo meio de atividades motoras é capaz, ainda de proporcionar as crianças a lidarem com seu mundo real, em termos concretos ao invés de abstrações. Normalmente, as crianças percebem a mudança do modo que algo divertido, diferenciado das rotinas de "trabalho" da sala de aula.

É necessário expressar, no entanto, que a todo tempo as crianças se beneficiam academicamente por meio de uma participação ativa em atividades de movimento. Isso é satisfatório nas aulas de Educação Física ditas tradicionais.

Os exercícios propostos às crianças devem ter um fruir funcional, devem ser prazerosas em si mesmas, devem atrair as crianças simplesmente por serem agradáveis a elas. O educador ao sugerir as atividades deve estimular na criança a vontade de praticar uma atividade que vai provocar-lhes descontração e alegria.

A atividade proposta deve ser protagonista de todo o sentido da criança ter ido à escola, são essas atividades que tornam a escola prazerosa e enchem a vida escolar dos alunos de alegrias e significados, elas então devem ser surpreendentemente lúdicas, devem ser propostas com certa magia, com magnetismo.

Sendo assim, o profissional deve estar atento ao tempo adequado para o seu desenvolvimento, os materiais também devem ser pensados com antecedência e devem estar apropriados às idades e o exercício que foi proposto, lembrando que as atividades não podem ser nem fáceis nem difíceis demais, para que não se tornem desmotivante.

O papel do professor de Educação Física é presenciar, e até mesmo brincar com a criança. É importante coordenar a estrutura e espaço, de modo a incentivar a criança a necessidade de brincar, também visando facilitar a escolha das brincadeiras.

Sabemos que a criança brinca pelo motivo de gostar de brincar, e no momento em que isso não acontece, alguma coisa pode não estar bem com ela. Sendo assim a criança transfere consigo a inquietude do descobrimento da curiosidade e do querer aprender as coisas.

Jogos e brincadeiras colaboram para o desenvolvimento motor, emocional e cognitivo da criança. É brincando com o mundo que ela desenvolve a imaginação, a criatividade e a atenção.

O ato de brincar no Ensino Fundamental I muitas vezes é interpretado somente como brincadeira, deixando de se notar o quanto a brincadeira é importante transformadora de conhecimentos. Não é apenas o brincar, mas também brincar com objetivos, com um olhar sensível e atento as necessidades de cada criança.

É observar os gostos e desgostos das crianças, criando possibilidades e desafios. As crianças jogam, interpretam, expondo a felicidade na diversão seja essa uma invenção ou apenas uma imitação do mundo adulto. Buscam transportar com naturalidade aquilo que ocorre no seu ambiente sociável.

### **3. METODOLOGIA**

Para chegar a um objetivo determinado, seja o do conhecimento científico como outras maneiras de avaliar estão inseridas nas averiguações de estudos, nos quais são realizados por meio dos processos técnicos ou intelectuais.

Utilizamos o método de pesquisa: bibliográfica, documental e exploratória. Um trabalho no qual se trata de um estudo de cunho de abordagem qualitativa, que tem como objetivo Identificar a importância do brincar como ferramenta educacional para o desenvolvimento motor dos escolares do Ensino Fundamental I, na Educação Física dentro da instituição de ensino, como também analisar sua contribuição para o desenvolvimento de uma prática educativa eficiente.

Para tanto, pesquisamos 23 artigos entre os meses de fevereiro a maio de 2020. Para executar as pesquisas, utilizamos os sites de buscas, tais como google acadêmico, Scielo e Slideshar, as palavras-chave: “brincar”, “desenvolvimento motor” e “educação física escolar”. De acordo com Silva e Silveira (2007) a pesquisa qualitativa é caracterizada por sua forma compreensiva, humanista e ecológica, sendo adaptadas para análises com mais complexidade. Por intermédio desta pesquisa, se promoveu uma discussão fundamentada nos dados coletados no contato com os sujeitos da pesquisa, contemplando assuntos de ordem prática e teórica.

### **4. SÉRIE/ANO PARA O QUAL O ARTIGO SE DESTINA**

O presente trabalho se destina no Ensino Fundamental I, bem como os benefícios da Educação Física na vida de cada indivíduo, como se deve trabalhar e usar o brincar como uma forma de aprendizado, obtendo através da Educação Física o desenvolvimento dos aspectos motores, cognitivos, sociais e afetivos de forma integrada.

### **5. PROBLEMATIZAÇÃO**

A Educação Física é vista como uma atividade que tem uma finalidade de aprendizado, ela pode contribuir para o desenvolvimento dos educandos, durante toda sua etapa de crescimento.

Por esse motivo o jogo é uma ferramenta que desenvolve o prazer na criança, buscando a liberdade necessária para a criatividade e finalmente procurando valores sociais que possam construir para melhorar o futuro de todos.

O professor deverá estimular o educando a inventar e criar novos jogos, contribuindo para que todos sejam incluídos nas diversas situações lúdicas.

Sendo assim o brincar tem um vasto valor na educação no Ensino Fundamental I, cabendo ao docente de Educação Física o desenvolver de estratégias utilizando isso a seu favor e também em favor de seus educandos, sendo o lúdico um ótimo aliado para alcançar seus objetivos de ensino/aprendizagem, estimulando o desenvolvimento cognitivo, social, moral e físico-motor e propiciando aprendizagens específicas.

Para a criança, o brincar é uma maneira de liberar energias, mas infelizmente seu espaço para o lazer nas grandes cidades é cada vez menor e perigoso, ficando em sua casa estando com seu tempo disponível jogando jogos eletrônicos, como o celular e o computador que torna o lugar das atividades culturais e sociais.

## 6. O BRINCAR NO PASSADO E NO PRESENTE

Há muitos anos as crianças eram vistas como um adulto infantil. Elas ficavam na maioria do seu tempo com seus pais, realizando deveres domésticos, não eram estimuladas a brincar e a brincadeira era vista como futilidade.

Os dias agora mudaram e o brincar é essencial para o desenvolvimento integral da criança. De acordo com a Declaração Universal dos Direitos da Criança, “Toda criança tem direito à alimentação, habitação, recreação e assistência médica”. Portanto, cabe à família, escola e sociedade garantir e colocar em prática este direito. Hoje, os jogos, brinquedo e a brincadeira tomaram conta do mundo infantil, encontramos no mercado brinquedos para todas as idades e gostos.

No entanto, nosso dia a dia também é movido pela compreensão de que a criança precisa entender quando é hora de brincar e ir assumindo algumas responsabilidades desde cedo. Nessa perspectiva, Santos (2000, p. 57) destaca que:

Culturalmente somos programados para não sermos lúdicos. Basta lembrarmos quantas vezes em nossas vidas já ouvimos frases como estas: “Chega de brincar, agora é hora de estudar”; “Brincadeira tem hora”; “Fale a verdade, não brinque”; “A vida não é uma brincadeira”. E assim fomos construindo nossas ideias sobre o lúdico.

Brincamos por instinto, desde quando éramos bebês, brincamos com nosso próprio corpo à medida que vamos crescendo precisamos controlar essa nossa vontade, em prol de regras impostas pela sociedade.

Brincar, brinquedo e brincadeira usos e significações, descreve que o papel do brincar emerge na sociedade contemporânea para resgatar os valores mais essenciais dos seres humanos, todos fundamentais e pertencente, dito como:

- ter capacidade, competência na cura psíquica e física, forma de conversa entre iguais e entre as várias gerações;
- instrumento de progresso e ponte para o aprendizado;
- possibilidade de resgatar o patrimônio lúdico-cultural nos diferentes contextos socioeconômicos;
- potencialidade criativa;
- inserção em uma sociedade regrada;
- momento de comunhão com os outros, de se colocar no lugar do outro (empatia);
- de ganhar hoje e perder amanhã;
- de liderar e ser conduzido;
- de falar e de ouvir;
- incentivo ao trabalho solidário, em equipe, a uma postura mais cooperativa e ecológica;
- caminho de entendimento e conquista de potenciais ocultos;
- incentivo à liberdade, à livre escolha, à modificação e à tomada de medidas.

O brincar sempre esteve presente no cotidiano das pessoas, independentemente de classe social, raça, gênero e cultura. Isso mostra a grande riqueza do brincar para o avanço humano. Diante do exposto, torna-se fundamental com que venhamos formular o próprio conceito de brincadeira, visando à construção do conhecimento e da identidade da criança.

## 7. CONCEITUANDO O BRINQUEDO E BRINCADEIRA

O brinquedo e a brincadeira estão diretamente ligados ao ato de brincar. Brincar - Essa palavra tem origem latina. Vem de vinculum que quer dizer laço, algema, e é derivada do verbo vincire, que significa prender, seduzir, encantar. Vinculum virou brinco e originou o verbo brincar. Para Vygotsky (1998), o brincar da criança é imaginação em ação, ela se envolve em um mundo ilusório e imaginário onde seus anseios podem ser realizados no momento em que quiser. Esse mundo é o brincar.

Corroborando com Froebel (2001), a brincadeira é a atividade espiritual mais pura do homem neste estágio e, ao mesmo tempo, típica da vida humana enquanto um todo, ou seja, quando a criança brinca, ela expressa sentimentos de alegria, sensação de liberdade, contentamento, descanso interno e externo. Ainda, o autor considera a brincadeira como ação metafórica, livre e espontânea, sendo assim, importante para o desenvolvimento da criança.

## 8. A LUDICIDADE NOS DIFERENTES TIPOS DE AMBIENTES

A área da psicologia preserva o valor dos brinquedos no crescimento da criança, pois estes auxiliam no desenvolvimento cognitivo e motor. Ao brincar ou jogar a criança desenvolve infinitas capacidades e competências.

Ela demonstra sentimentos e emoções, aumentando assim o conhecimento e habilidades motoras, cognitivas, afetivas e sociais, construindo assim a sua identidade. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's – de Educação Física (1997, p. 27):

O processo de ensino e aprendizagem em Educação Física, portanto, não se restringe ao simples exercício de certas habilidades e destrezas, mas sim de capacitar o indivíduo a refletir sobre suas possibilidades corporais e, com autonomia, exercê-las de maneira social e culturalmente significativa e adequada.

O aluno precisa ser considerado num todo, o professor precisa desenvolver diferentes situações para inter-relacionar os aspectos cognitivos, afetivos e corporais, pois as situações lúdicas, competitivas ou não, são contextos apropriado para o aprendizado, pois aprovam a atividade de uma extensa movimentação que buscam a atenção do aluno na tentativa de executá-los de forma satisfatória e adequada (PCN, 1997).

Sobre a importância da brincadeira para o desenvolvimento infantil, Kishimoto (2002, p. 150) enfatiza que:

Crianças que brincam aprendem a decodificar o pensamento dos parceiros por meio da metacognição, o processo de substituição de significados, típico de processos simbólicos. É essa perspectiva que permite o desenvolvimento cognitivo. Uma educação que expõe o pré-escolar aos contos e brincadeiras carregadas de imagens sociais e culturais contribui para o desenvolvimento de representações de natureza icônica, necessários ao aparecimento do simbolismo. Possibilitar que o ser humano se desenvolva pelo movimento (enativo), pelo grafismo e imagens mentais (icônico) e atinja o lógico-científico (simbólico) significa respeitar suas formas de representação do mundo.

A escola já reconhece o quanto é importante as atividades, porém ainda resiste, pois se preocupa demasiadamente em transmitir conteúdos de forma tradicional, teoria + avaliação = ao resultado de aprendizagem. Os jogos passam a ficar em último plano.

Os tempos mudaram e a escola também precisa acompanhar essa mudança, o professor de Educação Física precisa entender que o lúdico também ajuda no crescimento do educando, mas não é o brincar por brincar ou o jogar por jogar. O professor precisa acompanhar cada atividade, observar, realizar anotações, se necessário intervir, envolver em algumas atividades a fim de interagir com o educando e assim contribuir na sua formação como sujeito. Para Moyles (2002, p.137):

O brincar dirigido tem abordagem formativa, no sentido que a intervenção se destina, seguindo-se a observação do brincar livre, a ampliar o desempenho e a aprendizagem da criança e oferecer-lhe alguma coisa a partir da qual ela possa começar a pensar sozinha.

Segundo Gallahue (2001), o desenvolvimento motor é uma contínua alteração do comportamento ao longo do ciclo da vida, realizando pela interação entre as necessidades da tarefa, as necessidades biológicas do indivíduo e as condições do ambiente.

É importante oferecer condições básicas de vida desde criança recém nascida, para um desenvolvimento contínuo de acordo com o seu crescimento. Cada fase tem características próprias que são alcançados quando inseridas no todo. O desenvolvimento está relacionado com experiências individuais de cada criança e o tipo de incentivo.

Alguns indicadores podem ajudar na observação da grandeza do lúdico e auxiliam na compreensão de resistências, desinteresses e algumas limitações das crianças. Para o autor as atividades devem ter:

**Desafios** - O brincar para ser lúdica deve ser interessante, e para ser interessante depende de como ela foi proposta pelo professor, ou seja, para favorecer desafios um plano bastante eficaz é oferecer ao educando situações-problemas por meio de jogos e brincadeiras colocando obstáculos que a leve a buscar a superação. Os jogos surpreendem, é desafiador e irresistível. Os jogos com bolas são os mais indicados para proporcionar esses desafios.

**Possibilidades** - o brincar para as crianças devem ser necessárias e possíveis devem ser desejadas e realizáveis, além de serem compreensíveis para quem as realiza, assim, as crianças precisam dispor de recursos internos ou externos suficientes para realização da atividade proposta ou pelo menos parte dela, se estas habilidade faltarem a atividade ficará perdida. As atividades inadmissíveis geram respostas evasivas, desculpas, desinteresse e sonegação de informações.

**Dimensão simbólica** - A dimensão simbólica envolve a projeção de desejos, sentimentos e valores que apresentam probabilidades cognitivas das crianças, seus modos de adquirir e incorporar o mundo e a cultura em que vivem. O simbolismo lúdico compõe as atividades que as crianças realizam e são por elas interpretadas à medida que estas estão ligadas a algo que lhes fazem sentido, algo dentro de sua vivência.

**O lúdico** - é altamente simbólico e aumenta as possibilidades de ampliação do mundo para a criança, esta dimensão é fundamental, uma vez que define uma nova lente para a criança olhar o mundo, dentro da perspectiva da imaginação, do conceito, do sonho e da representação que compõe o jogo simbólico.

**Expressão Construtiva** - Faz parte do brincar o olhar atento, aberto e disponível para considerarmos diversos pontos de vista. O lúdico não possui um roteiro rígido e pré-definido. Esta dimensão estuda possibilidades, os indicadores da construção da criança sob o olhar investigativo e atento do professor de Educação Física, que deve estar pronto para estudar probabilidade, imaginar plano, métodos rever posições que auxiliam no desenvolvimento do processo construtivo da criança.

## 9. CONCLUSÃO

Os jogos, as brincadeiras e o brincar são atividades que estão incluídas na vida das crianças. Essas palavras muito conhecidas por todos nós, elas representam a capacidade de imaginarmos de sermos outras pessoas, outro planeta, de ser louco, viver a loucura, divertir-se.

O desenvolvimento motor é o processo contínuo e demorado e, pelo fato que as modificações mais acentuadas ocorrerem nos primeiros anos de vida da criança, é apresentado através das fases e etapas.

As crianças adquirem informações sobre o ambiente, desenvolvendo movimentos que exercem um papel importante para a sobrevivência e o desempenho motor da criança. Assim, o lúdico como, os jogos e as brincadeiras, são pontos necessários para o crescimento das crianças.

Ao brincar, a criança, descobre a curiosidade e aprende a ter confiança. Aprende a conviver em grupo e equipe aprende a lidar com decepções, melhora a atenção e a dedicação no que está em sua volta. Brincar é necessário para a saúde física, emocional e mental da criança.

Conclui-se que o jogo auxilia no aprendizado e no desenvolvimento motor das crianças. Esse processo de desenvolvimento motor é prolongado e contínuo que começa nos primeiros anos de vida da criança até chegar à fase adulta.

A Educação Física no Ensino Fundamental I proporciona um ambiente em que a criança aprende, brinca se desenvolve, se relaciona com outras crianças, dialoga e desenvolve seu aspecto motor, mas também cognitivo, social e afetivo.

## REFERÊNCIAS

- [1] BUSHNER, C. A (1994). Ensinar as crianças movimentos e habilidades e conceitos. Champaign, IL: Human Kinetics.
- [2] FROEBEL, Friedrich W. August. A Educação do Homem. [tradução de Maria Helena Câmara Bastos]. Passo Fundo: UPF, 2001.
- [3] GALLAHUE, D. L & OZMUN, J. C. Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos. São Paulo: Phorte, 2001.
- [4] GALLAHUE, D. L. (1996). Educação Física para o desenvolvimento das crianças de hoje. Dubuque, IA: Brown & Benchmark.
- [5] GALLAHUE, David L. Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos. São Paulo: Phorte Editora, 2002.
- [6] KISHIMOTO Tizuko Morchida. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo: Cortez, 2002.
- [7] MAGILL, R. A. Aprendizagem motora: Conceito e aplicações. São Paulo: Motivações, 1984.
- [8] MOYLES, Janet R. Só brincar? O papel do brincar na educação infantil. Porto Alegre, Artmed, 2002. 197 p. Disponível em: Acesso em: 8 mar. 2011.
- [9] PELLEGRINE, A. D. & BOYD, B. (1993). O papel da peça no desenvolvimento e educação da primeira infância: issues in definition and function. In. SPODEDEK, B., (ed.) Handbook of research on the education of young children . New York, NY: Macmillan (pp 105-121).
- [10] PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física (1997). FONTE: Disponível em: Acesso em: 28 fev. 2015.
- [11] SANTOS, Santa Marli Pires (Org.). Brinquedoteca: a criança, o adulto e o lúdico. Petrópolis: Vozes, 2000.
- [12] SILVA, J. M.; SILVEIRA, E. S. Apresentação de trabalhos acadêmicos: normas e técnicas. Petrópolis: Vozes, 2007.
- [13] VYGOTSKY, Lev Semenovich. A formação social da mente. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.



# Capítulo 10

## *A dança como ferramenta para o desenvolvimento de habilidades Neuropsicomotoras de crianças com Transtorno do Espectro Autista TEA*

*Joyce dos Santos Souza*

*José Lucas Teixeira Lima*

*Sheila Moura do Amaral*

*Joaquim Albuquerque Viana*

**Resumo:** O presente artigo é uma revisão bibliográfica feita em sites como scielo e lilics onde buscou-se informações sobre o que é o Transtorno de Espectro Autista (TEA). Nesta pesquisa pode-se entender a relevância da dança como forma de desenvolvimento de alunos com transtorno do Espectro Autista(TEA), utilizando a neuro psicomotricidade como ferramenta. Pois conforme será demonstrado o processo para identificação do TEA ao longo da história foi lento, principalmente pelo fato de que os portadores de TEA, em sua maioria não serem favoráveis a mudanças, além de apresentarem um déficit bastante relativo quando tratamos de coordenação motora e interação social. E a dança é um meio de inclui-los na sociedade de uma forma mais fácil. Observou-se que os alunos que frequentam as aulas demonstraram mudança comportamental, além de melhorar sua interação social e coordenação motora. Assim nota-se que a utilização da dança como meio de interação social dos portadores de TEA, favorece também a família, pois ajuda na interação social.

**Palavras-chave:** Autismo; Dança; Inclusão; Educação especial.

## 1. INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do desenvolvimento em que há déficits persistentes na comunicação e interação social em múltiplos contextos bem como a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesse ou atividades, sendo estas alterações presentes desde o início do período de neurodesenvolvimento (embora possam não se tornar plenamente manifestos até que as demandas sociais excedam as capacidades do indivíduo). Tais características podem se manifestar de forma e intensidade diferentes em cada indivíduo, por isso a utilização do termo ‘espectro’.

O Psiquiatra Leo Kanner descreveu no ano de 1943 algumas crianças que apresentavam comportamento diferente do habitual. A causa exata do TEA ainda não foi definida, sendo objeto de intensa pesquisa. Sabe-se que há uma influência genética importante. Há diversas alterações genéticas que tem como parte de sua expressão sintomas do autismo, como a Síndrome de Rett, Síndrome do X Frágil, Fenilcetonúria e Esclerose Tuberosa. O modo pelo qual a predisposição genética interage com os fatores ambientais é o grande questionamento que tem sido feito. O diagnóstico é clínico, utilizando-se como base os critérios do DSM – 5. Não existe um exame complementar que “comprove o autismo”. Outros exames como exames laboratoriais, exames de imagem, eletroencefalograma ou mesmo avaliação genética são realizados, analisando-se cada caso, na tentativa de identificação de outras doenças.

A dança como expressão artística e corporal, permite que tenhamos emoções mais positivas além de diminuir sintomas de ansiedade e depressão e nos colocar em contato direto com o nosso corpo. A dança tem ajudado milhares de pessoas nestes aspectos. Com o advento da psicologia da dança é possível investigar de forma mais eficaz estes aspectos em populações específicas. Apesar desta área ainda estar em ascensão é possível contar com suas pesquisas para compreender os efeitos da dança e possibilidades de intervenção a partir da dança. A partir destes estudos, a dança foi considerada por muitos pesquisadores uma terapia complementar. Isso significa que a dança serve como estratégia complementar a tratamento de diversas condições, como, por exemplo, a depressão.

A dança leva o aluno autista ao desenvolvimento gestual, ao equilíbrio gestual, melhora na qualidade de vida dos alunos, coordenação motora (estática e dinâmica), melhora do movimento rítmico, habilidade rítmicas

Através das pesquisas, entende-se que a dança contribuiu efetivamente para aumento da qualidade de vida e redução da gravidade do espectro autista, o que justifica a importância a adesão de projetos de dança com os alunos autistas.

De acordo com Braghirolli (2002), a dança é um sistema de aprendizagem que engloba: imitação, discernimento, insight e raciocínio, colocando isso de uma forma lógica e dialética.

Trabalhar a dança, além das vantagens já citadas pelo autor, ainda salientamos a questão do Lúdico, pois aprender brincando é muito mais significativo para a criança, e também mais prazeroso ao educador. Você levar o conhecimento e perceber que aluno realmente entendeu o que foi lhe atribuído é um incentivo para novas buscas para qualidade da educação.

Pereira(2008), p. 43, explica que:

[...]a dança é um conteúdo fundamental a ser trabalhado na escola: com ela, pode-se levar os alunos a conhecerem a si próprios e/com os outros; a explorarem o mundo da emoção e da imaginação; a criarem; a explorarem novos sentidos, movimentos livres [...]. Verifica-se assim, as infinitas possibilidades de trabalho do para o aluno com sua corporeidade por meio dessa atividade.

Ao fazermos isso da dança na educação especial é promovemos a busca e construção do conhecimento, fazendo com que ele trilhe um caminho que o leve a acreditar em seu potencial, acreditar que pode não somente imitar o educador mais buscar formas próprias de educação, explorando sua criatividade e tornando-se um ser independente e evoluído.

Este artigo tem como objetivo, fazer um levantamento bibliográfico sobre os estudos onde possa trabalhar a dança com as crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA)

Justifica-se pela necessidade de oferecer a criança com transtorno do espectro autista (TEA), uma relação mais efetiva e intimista, com a possibilidade de aprender e expressar-se criativamente através do movimento.

Trata-se de uma pesquisa descritiva, qualitativa, inserida na metodologia de pesquisa bibliográfica, onde foram analisa dados selecionados de alguns artigos publicados no período de 2010 a 2018, os quais expressam significados sobre o tema. Assentado nos pressupostos de Wing, Braghirolli, Verderi, Kanner,

Cunha e Belisario Junior e outros estudiosos os quais nos darão embasamento teórico para o referido trabalho.

Em seguida abordo as considerações finais do referido estudo, enfatizando que os conhecimentos adquiridos com a análise do tema proposto não se esgotam aqui. Pelo contrário, considera-se continua a compreensão da realidade para a inclusão social mediante a dança das crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Pois é necessário que nós profissionais da educação possamos nos desdobrar com mais “afinco” e, “sede” científica sobre as reais necessidades dos mesmos, no sentido de contribuir com estratégias e com um olhar crítico, em busca de um aperfeiçoamento eficaz, para o desenvolvimento das crianças com transtorno do espectro autista (TEA).

## 2. METODOLOGIA

Na pesquisa bibliográfica foram consultadas várias literaturas relativas ao assunto em estudo, artigos publicados na internet e que possibilitaram que este trabalho tomasse forma para ser fundamentado.

Segundo Marconi e Lakatos (1992), a pesquisa bibliográfica é o levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. Tem como forma de inclusão de livros, artigos, dissertações entre outros, que foram publicados na língua portuguesa e fixados resultados segundo os autores mencionados. A sua finalidade é fazer com que o pesquisador entre em contato direto com todo o material escrito sobre um determinado assunto, auxiliando o cientista na análise de suas pesquisas ou na manipulação de suas informações. Ela pode ser considerada como o primeiro passo de toda a pesquisa científica,

A principal base metodológica deste estudo segue uma abordagem qualitativa, de acordo com Triviños (1995) a pesquisa qualitativa apoiada na teoria da fenomenologia é essencialmente descritiva, onde Gil (2002) mostra que a pesquisa descritiva “tem por objetivo a descrição das características de uma determinada população”.

Sendo assim podemos classificar essa pesquisa como bibliográfica, na qual é elaborado com materiais já publicados, na grande maioria impressos, como livros, jornais, revistas, dissertações entre outros (GIL, 2002). Podemos dizer que a vantagem que a pesquisa bibliográfica nos proporciona está relacionada com a impossibilidade do investigador percorrer o mundo inteiro atrás de informações para a sua pesquisa, entretanto, quando se tem acessível uma bibliografia adequada (periódicos, livros, artigos, entre outros), não haverá maiores dificuldades para contar com as informações requeridas. (GIL, 2002).

A maior parte do material coletado para esta pesquisa foi retirada dos bancos de dados virtuais scielo e lilacs, utilizando como principais termos de pesquisa autismo, inclusão e dança.

Partindo para a análise do conteúdo, no primeiro momento foi realizado uma caracterização e uma diagnose do que seria o autismo, utilizando com principal base teórica os autores Kanner (1943); Gauderer (1993) e Cunha e Belisário Junior (2010). Em um segundo momento foi proposto meios e métodos para uma aula inclusiva de educação física para autistas, utilizando como fontes bibliográficas Hollerbusch (2001), Cunha (2011), Camargos Júnior et al (2005) Fernandes (2008), Brás (s.d.), Sacanni e Valentinni (2010), Aguiar e Duarte (2005) e Braga (2002).

Sendo assim, buscamos contemplar os questionamentos antes citados com a revisão feita na literatura dos autores apresentados.

## 3. ETIOLOGIA

O transtorno de espectro autista é uma junção de vários transtornos como: ASPEG, TDH, que mediante as pesquisas realizadas, podemos observar combinação de influências genéticas e não genéticas ou ambientais. As quais demonstram aumentar o risco de uma criança desenvolver o autismo.

Entretanto observa-se através das leituras que foi somente no início do ano de 1981, após modificar parte da descrição clínica feita por Asperger, que Lorna Wing (1981), defendeu que tanto o autismo quanto aquela síndrome compartilhavam da mesma tríade sintomática: ou seja, ausência ou limitações na interação social. (BRASIL, 2015 p. 27)

Pois anteriormente essas crianças eram consideradas esquizofrênicos e recebiam medicamentos muito pesados. A partir dessa evolução dos cientistas, que conseguiram isolar e entender que o autista é uma junção de vários problemas. Os quais, envolve o neurodesenvolvimento infantil caracterizado por

dificuldades na interação social, comunicação, comportamentos repetitivos e interesses restritos, podendo apresentar também sensibilidade sensorial.

#### 4. RESULTADO

O termo autista já não é mais utilizado na literatura moderna, o autismo passa a ser enquadrado como um Transtorno Invasivo do Desenvolvimento ou Transtorno do Espectro Autista (DSM IV, 1996), cujas características estão relacionadas a anormalidades qualitativas na interação social recíproca e nos padrões de comunicação, por repertório de interesses e atividades restritas, repetitivas e estereotipadas (DSM IV, 1996).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é considerado uma síndrome complexa, apresentando uma maior incidência no sexo masculino. As características são manifestadas antes dos três anos de idade, concentrando-se em três principais áreas: “desvios qualitativos na comunicação, interação social e comportamento repetitivo e estereotipado” (ESPIRITO SANTO, 2011, p. 9). Este termo vem do grego “autós” que por sua vez significa “de si mesmo” (GAUDERER, 1993).

Os primeiros relatos sobre o TEA ocorreram nos anos de 1943, pelo psiquiatra austríaco Leo Kanner e em 1944 pelo também psiquiatra Hans Asperger. Leo Kanner (1943) descreveu um grupo de 11 crianças, levadas até ele pelos próprios pais, que relataram fatos interessantes sobre o desenvolvimento atípico que elas apresentavam. Dentre os problemas relatados, destacavam-se: o isolamento social; dificuldade em estabelecer relações; restrições de interesses; atividades repetitivas com objetos; ausência de contato visual e atividades imaginativas; inabilidades comunicativas, manifestadas pelo atraso ou ausência de linguagem verbal; alterações peculiares quando a fala estava presente - ecolalia e inversão pronominal; e o não desenvolvimento adequado de gestos. Sendo que a mais notável era a incapacidade de se relacionar com as pessoas.

Leo Kanner (1943) considerou que essa incapacidade seria inata, de origem biológica, pois essas crianças apresentavam desde muito cedo a ausência de gestos antecipatórios (ex: estender os braços para ser pego no colo e inclinar o rosto), ou ainda recusar/ ignorar qualquer estímulo do meio externo. Além disso, as crianças apresentavam uma incrível obsessão pelas rotinas. Apesar de se manifestar de forma mecânica, a memória era considerada surpreendente, sem relevância contextual. Havia, ainda, a hipersensibilidade a estímulos, com reações súbitas ao ruído e problemas alimentares, em que alimentos com determinadas texturas, cores e sabores eram veementemente evitados (KANNER, 1943).

As formas mais graves desse transtorno apresentam sintomas como os de autodestruição, gestos repetitivos e raramente comportamento agressivo, que podem ser muito resistentes a mudanças, necessitando frequentemente de tratamento e técnicas de aprendizagem muito criativas e inovadoras (GAUDERER, 1993).

Podemos afirmar que as principais alterações encontradas em um indivíduo com Transtorno do Espectro Autista (TEA) são: problemas de comunicação (fala gestos), problemas de interação social e o interesse por atividades restritas, repetitivas e estereotipadas. Os movimentos corporais estereotipados “envolvem mãos (bater palmas, estalar os dedos), ou todo o corpo (balançar-se, inclinar-se abruptamente ou oscilar o corpo), além de anormalidades de postura (ex.: caminhar na ponta dos pés, movimentos estranhos das mãos e posturas corporais) (CUNHA; BELISARIO JUNIOR, 2010, p. 15). Sabendo que essas manifestações deveriam desenvolver em conjunto, é extremamente difícil explicá-las individualmente contribuição da dança para o desenvolvimento neuropsicomotor para crianças com Transtorno do Espectro Autista.

Arrieche (2012) relata em sua pesquisa que as crianças com TEA que se utilizam da dança como uma forma de terapia, demonstraram mudança de comportamento e de humor, inclusive buscando música para ouvir.

Ensinar a dançar não é dizer apenas o que está certo ou errado, mas estimular a sua capacidade de expressão corporal, de criar, ou seja, brincar com o próprio corpo. Mas também é necessário conscientizar a família, os amigos e a sociedade, de que a inserção social é de fundamental importância aos autistas, como também aos portadores de necessidades especiais.

#### 5. DISCUSSÃO

A Educação Física vem refletindo sobre a temática da TEA, com o intuito de minimizar os problemas e assegurar a inclusão desse grupo minoritário.

Sasaki (1997) afirma que a inclusão social é um processo que contribui para a construção de um novo tipo de sociedade através de transformações pequenas e grandes, nos ambientes físicos e na mentalidade de todas as pessoas, como também da pessoa com deficiência.

Após leituras realizadas que refere aos percursos do autismo, podemos constatar as várias divergências de diagnósticos dentro desse panorama histórico. O que nos leva a crê que mesmo com os avanços significativos a partir do DSM- V, onde o mesmo vem incluir no diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista os transtornos antes chamados de Autismo infantil, ainda se encontra aberto.

Também cabe esclarecer que a noção de desenvolvimento empregada no conceito noológico de transtorno do desenvolvimento, não é aquela de um processo fundamentalmente determinista, pois entende-se esse processo como resultante de uma intrincada e complexa interação entre fatores genéticos e ambientais. (BRASIL, 2015.,p.33).

Neste contexto, ressalta-se a importância da dança para o desenvolvimento psicomotor às pessoas com Transtorno do Espectro Autista. Vale destacar ainda que, como resultado dessa pesquisa, podemos identificar na dança a parceria da família e o envolvimento de profissionais de referência que podem ser fundamentais para a identificação de novas habilidades das pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e aqui citamos os profissionais de Educação Física, os quais vem realizando diversas pesquisas no intuito de aprofundar melhor os seus conhecimento sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Apesar da mudança de foco, exercícios que permitam aprimorar as habilidades funcionais ainda se fazem presentes nos tratamentos, mesmo na fase adulta, pois o objetivo de deixar o paciente independente não sai de pauta.

A dança leva o aluno autista ao desenvolvimento gestual, ao equilíbrio gestual, melhora na qualidade de vida dos alunos, coordenação motora (estática e dinâmica), melhora do movimento rítmico, habilidade rítmicas.

Por meio da dança os portadores de TEA, superem suas angústias, adquirindo motivação, capacidade para a improvisação, velocidade nos movimentos e melhor utilização do espaço físico, fortalecendo assim, o tônus muscular com efeitos na amplitude dos movimentos.

Através das pesquisas, entende-se que a dança contribuiu efetivamente para aumento da qualidade de vida e redução da gravidade do espectro autista, o que justifica a importância a adesão de projetos de dança com os alunos autistas.

Freitas e Pereira (2007) afirmam que a dança é uma modalidade lúdica e fornece ao indivíduo, o restabelecimento físico-emocional, construindo simultaneamente melhora do suporte psicológico e social, pelo sentimento de bem-estar, redução da ansiedade, depressão, do comportamento agressivo e melhora da autoestima.

## 6. CONCLUSÃO

Considerando o estudo realizado e as inúmeras leituras, verifica-se que a discussão com relação à inclusão de crianças com TEA em aulas de educação física com enfoque na dança é algo que precisa ser mais aprofundada, visto que há um longo caminho a ser construído permeado por desafios a serem enfrentados e superados.

Mas o educador que busca ajudar seus alunos, com certeza encontrará dificuldades no caminho, porém inserir a dança como processo educacional, visando novos caminhos para auxiliar esses alunos, encontrará recompensa do esforço. Quando a criança começa praticar a reciprocidade, o respeito e a interação com os demais colegas, tudo flui de forma mais fácil e eficiente no dia-a-dia escolar.

## REFERÊNCIAS

- [1] AGUIAR, J. S.; DUARTE, É. Educação Inclusiva: um estudo na área da educação física. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, mai./ ago. 2005, v.11, n.2, p.223-240.
- [2] ARRIECHE, Luana E. et al. Aulas de Dança para Crianças e Adolescentes do Espectro Autista: O Olhar Dos Pais. Anais do VI Congresso da ABRACE. Porto Alegre. 2012.
- [3] BELISÁRIO FILHO, José; CUNHA, Patrícia. A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: transtornos globais do desenvolvimento. Brasília: Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação, 2010.

- [4] BRAGHIROLI, Elaine Maria. Psicologia Geral. 22ª Edição Editora Vozes: Petrópolis. 2002.
- [5] BRAS, Gisela de Paiva. Estudos do perfil motor de crianças com perturbações do espectro do autismo. Dissertação. Universidade do Porto, 2009.
- [6] BRASIL, Linha de cuidado para a atenção às pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde- Ministério da Saúde- Brasília- DF, 2015.
- [7] \_\_\_\_\_, Linha de cuidado para a atenção às pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde- Ministério da Saúde- Brasília- DF, 2015. Citando WING, L, Asperger's syndrome: a clinical account Psychological Medicine, Cambridge, v 11, p. 27. 1981.
- [8] CAMARGOS JR, W.(org). Transtornos invasivos do desenvolvimento: 3o Milênio. 2. ed. Brasília: CORDE, 2005.
- [9] CUNHA, F. G., (2011). Perturbações do Espectro do Autismo: Um estudo qualitativo das percepções das mães sobre os apoios disponibilizados numa unidade de ensino estruturado. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- [10] ESPIRITO SANTO, L.A.A. O comportamento de crianças com Transtorno do Espectro Autístico no contexto de educação musical: estudo de caso. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará. 2011, p-111.
- [11] FERNANDES, F.S. o corpo no autismo. PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora, Jan./Jun. 2008. v. 9, nº 1, p. 109-114. Disponível em:
- [12] <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psic/v9n1/v9n1a13.pdf>>. acesso em 20 de novembro de 2019.
- [13] FREITAS, N. K.; PEREIRA, J. A. Necessidades Educativas Especiais, arte, educação e inclusão. Revista E-Curriculum, São Paulo, 2007, v. 2, n. 20. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/ecurriculum>> Acesso em 23 novembro 2019.
- [14] GAUDERER, E. C. Autismo. 3ª ed. São Paulo: Atheneu, 1993.
- [15] GIL, A. C. Como elaborar um projeto de pesquisa. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- [16] HOLLERBUSCH, R. M. da S. L. O desenvolvimento da interação social das crianças com alteração do espectro do autismo: Estudo exploratório da influência da educação física na promoção do relacionamento interpessoal. Universidade do Porto, 2001. Disponível em: <<http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/10135>>. Acesso em: 18 de novembro de 2019.
- [17] KANNER, L. Distúrbios Autísticos de Contato Afetivo. Nervous Child, 1943. vol. 2, p. 217-250. Disponível em: <<http://www.ama.org.br/site/images/stories/Voceaama/artigos/080609disturbiosart.p df>>. Acesso em: 07 novembro 2019.
- [18] LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Metodologia do trabalho científico. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1992.
- [19] MENEZES, Simone Santana. A Importância da Dança para Desenvolvimento de Alunos Transtorno do Espectro Autista (TEA). Disponível em: <<https://www.revistaacademicaonline.com/products/a-importancia-da-danca-para-desenvolvimento-de-alunos-com-transtorno-do-espectro-autista-tea/>>. Acesso em 20 de novembro de 2019.
- [20] PEREIRA, M. A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso. Universidade de Málaga. 2008.
- [21] SACANNI, R.; VALENTINI, N. C. Análise do Desenvolvimento motor de crianças de zero a 18 meses de idade: representatividade dos itens da albertainfant motor scale por faixa etária e postura. Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano. 2010, 20(3) 711-772.
- [22] SASSAKI, R. K. Inclusão: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.
- [23] TRIVINOS, A. W. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Atlas, 1995.

# Capítulo 11

## *A práxis da Educação Física e a formação integral de alunos no Ensino Regular*

*Lilian Matos de Queiroz*

*Sheila Moura do Amara*

*Joaquim Albuquerque Viana*

*Jaqueline Monique Marinho da Silva*

**Resumo:** A pesquisa versa sobre a práxis da Educação Física e a formação integral de alunos no ensino regular, tendo como objetivo identificar como a Educação Física através de sua prática e conteúdos pode influenciar na formação integral de alunos do ensino regular. A metodologia caracterizou-se por uma pesquisa exploratória de cunho bibliográfico, tendo como fontes de análise livros, revistas, periódicos e artigos científicos encontrados nas bases de diretórios e plataformas científicas. Os resultados do estudo constataam o relevante papel da disciplina influenciando na formação geral dos alunos. Tendo identificado o mérito da ação pedagógica do professor, não só na aprendizagem de gestos motores, mas também, atitudes de valores, solidariedade, ética e cidadania oriundos do desenvolvimento dos conteúdos propostos nas aulas. Destacam-se o papel da escola e as condições de trabalho do professor como fatores de interferência no desenvolvimento integral dos alunos nas escolas de ensino regular.

**Palavras-Chave:** Práxis. Formação. Integral. Alunos.

## 1. INTRODUÇÃO

A Educação Física possui relevância incontestável na formação integral do ser humano, por se fazer presente desde os primórdios da história da humanidade de forma significativa, e perdurando na contemporaneidade no contexto social principalmente na formação de escolares, onde se tem os primeiros contatos com a disciplina e seu vasto leque de conteúdos que auxiliam na formação integral do aluno.

Conforme os PCN's, as atribuições e responsabilidade remetida a disciplina Educação Física como componente curricular da escola, está a ação das práxis dos profissionais da área com o papel de mediar saberes necessários a intervenção e desenvolvimento de competências e habilidades dos escolares, através da implementação de conteúdos como: jogos, esportes, lutas, danças e ginásticas que poderão contribuir na formação integral do aluno no ensino regular (PCN, 2000, p.28).

Nessa perspectiva é possível que a Educação Física pela sua ação permanente na escola possa introduzir e integrar o aluno na esfera da cultura corporal do movimento, na procura de formar cidadãos capazes de transformar seu cotidiano através dos conteúdos aprendidos na escola. Para Piccolo (1993), o professor tem papel principal através de suas propostas criando condições aos alunos tornando-os independentes, participativos e com autonomia de pensamento e ação, trabalhando sua formação integral, dessa forma, a Educação Física tem seu valor no processo educativo.

Pesquisadores como Matos (2006), apontam estudos destacando o mérito da disciplina como fator positivo no desenvolvimento cognitivo, afetivo e social do indivíduo, principalmente no período escolar, sendo este responsável pela melhoria do desempenho acadêmico e na formação do cidadão. Considera a disciplina "um meio educativo privilegiado na medida em que abrange o ser na sua totalidade, o caráter de unidade da Educação por meio de atividades físicas é reconhecido universalmente através dos tempos" (MATTOS,2006, p. 67).

Contando também com o avanço das bases legais da Educação no Brasil pela ampliação das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN/9394/96 e dos Parâmetros Curriculares Nacionais-PCNs (Brasil,2000). A Educação Física passa a contar como componente curricular da educação básica, e isso fez com que ampliasse sua contribuição rumo ao pleno exercício da cidadania.

Os PCN's na medida em que adota seus conteúdos numa perspectiva metodológica de ensino e aprendizagem, auxilia a formação da autonomia, a cooperação, a participação social, a afirmação de valores e princípios democráticos do indivíduo (p.28).

Há evidências de estudos apontando positivamente para possíveis contribuições da prática das aulas de Educação Física que podem influenciar o processo de formação de cidadãos. No entanto, entraves para o desenvolvimento das aulas nas escolas são corriqueiros: estrutura física inadequada, falta de materiais, excesso de alunos em sala e descontentamento de professores, parecem dificultar o desenvolvimento das aulas e conseqüentemente implicando para o desenvolvimento do processo global de ensino e aprendizagem dos alunos.

Autores como Aguiar (2009); Darido e Rodrigues (2008) advertem que se a disponibilidade de materiais for diferente das necessidades adequadas para a realização da atividade planejadas, a qualidade e a dinâmica das aulas podem ser influenciadas. Ressaltam também para a dificuldade em adequar a atividade proposta ao espaço disponível que acaba reduzindo a qualidade das aulas desenvolvidas pelo professor na escola.

Diante do exposto, a pesquisa ora aqui apresentada justifica-se pautada em demonstrar através de levantamento bibliográfico estudos que demonstrem a relevância das práxis das aulas de Educação Física como fator de contribuições na formação integral de alunos no ensino regular das escolas.

O objetivo geral do estudo foi traçado através de uma análise de revisão em resultados de pesquisas que apontem como a Educação Física através de suas práxis, podendo influenciar na formação integral de alunos do ensino regular.

Quanto aos objetivos específicos estes implicaram na busca de identificar comprovações que apontem a relevância da práxis da educação física na formação de escolares, além de verificar como seus conteúdos podem auxiliar na formação integral de alunos no ensino regular nas escolas.



## 2. METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se por uma pesquisa descritiva exploratória e de cunho bibliográfico, tendo como fontes de análise livros, revistas, periódicos e artigos científicos encontrados nas bases de dados virtuais de diretórios e plataformas científicas sobre temáticas que versem sobre a práxis da Educação Física e a formação integral de alunos no ensino regular.

De acordo com Lakatos (2017, p.33) a pesquisa bibliográfica é a forma de produção científica feita através de texto por uma busca de conceitos e teorias que sustentam a temática em pauta. Para Gil (2008) a pesquisa bibliográfica lança mão das contribuições de vários autores sobre determinado assunto e que podem ser utilizadas de acordo com os objetivos propostos conforme a proposta da pesquisa.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para essa pesquisa foram elencados resultados de estudos sobre a práxis da Educação Física desenvolvida nas escolas e sua interferência na formação integral de alunos no ensino regular e para tanto foram incluídos estudos que versam sobre: o papel didático pedagógico da escola e do professor e como a relação dos conteúdos podem ser contributos para a formação integral de alunos pelas aulas de Educação Física. A intenção da apresentação do marco teórico, é dar resposta aos objetivos elencados na pesquisa.

Raasch et al (2019), destacam as contribuições da Educação Física escolar na formação do educando, tanto no ambiente escolar como no contexto social. Procuram explicar como esta precisa contribuir fortemente para o crescimento e desenvolvimento integral dos estudantes.

Estes ainda defendem que a disciplina deva estar voltada às necessidades sociais e de “formação dos educandos para que estes ao final do ensino médio, estejam conscientes dos desafios e das possibilidades para o exercício do papel de cidadão” (RAASCH et al, 2019, p.14).

Estudos de Barbosa (2004) ressaltam que as aulas de Educação Física de qualidade são as que, através dos conteúdos específicos da disciplina, trabalham reforçando a solidariedade, o trabalho em equipe, a resolução de problemas que surjam nas atividades. Dessa forma, pode-se inferir que a escola em geral e a Educação Física especificamente, estão preparando os alunos para a vida, para o exercício de uma real cidadania.

O fato da Educação Física desenvolver-se coletivamente e com maior facilidade de contato físico nas aulas demonstra que “a escola tem grande participação na vida do indivíduo pois é de lá que grandes valores são atribuídos e conhecidos e ainda levados a prática social” (SOUZA; JUNIOR, 2010, p.01).

Souza e Junior (2010) analisaram e discutiram o papel do professor de educação física na formação humana, e mostraram que o principal objetivo do professor é ensinar ao aluno valores humanos pelo desenvolvimento de conteúdos que possibilitem a vivência como cooperação, responsabilidade e amizade e que a aprendizagem seja internalizada transformando-o em um completo cidadão.

Laban (1978) considera que o ser humano é uno, ou seja, dotado de corpo e espírito indissociável, por isso, sua essência de comportamentos sócio afetivo, cognitivo e motor não pode ser fragmentado. Para ele é preciso mecanismos nas escolas que propiciem tanto ao professor como aos alunos, instrumentos e ferramentas que sejam capazes de potencializar as aulas, na busca de satisfação tanto de quem ensina como por quem aprende havendo a ressignificação social na aprendizagem.

Bracht (1992) demonstra em pesquisas que a socialização do indivíduo acontece pela internalização de valores, de normas e condutas da sociedade, a que pertence no entendimento do autor, a escola como instituição tem papel de promover socialização entre os indivíduos. Sendo este, visto como um “fenômeno da socialização ou aprendizagem social que também ocorre nas aulas de Educação Física, sendo inclusive enfatizada como importante função pedagógica da Educação Física” (BRACHT (1992, p.74).

Leles (2004), entende a Educação Física como uma disciplina indispensável ao cotidiano escolar, uma vez que proporciona desenvolvimento que vai desde melhoras do cognitivo, social, até a formação crítica e política dos alunos.

As explicações levam a crer que tudo isso pode favorecer o conhecimento e compreensão das mudanças em comportamento social servindo inclusive para um entendimento sobre os limites do próprio corpo do indivíduo, que pode cooperar para um estilo e qualidade de vida ativa e cooperativa em sociedade.

Ainda Mattos (2000), destaca que a formação através da Educação Física está além dos fatores corporais físicos somente, mas procura atingir caráter e personalidade pautados no ensino-aprendizado baseado na compreensão, esclarecimento e entendimento das diferenças.

No entanto, para essas ocorrências se consolidarem, é necessário que o professor tenha claro seu papel de mediador e condutor da formação integral do indivíduo no ensino regular. De acordo com Piaget (1996) o ambiente escolar deve ser estimulante e favorecedor de interações sociais “fundamentada numa proposta de trabalho que tenha como características processos dinâmicos subjacentes à construção das estruturas cognitivas” (PIAGET,1996, p.43).

Isso induz ao pensamento de que a ação da disciplina na escola e no dia a dia do aluno, deveria estar “legitimada através das práticas de movimentos, na busca da consolidação de sua identidade, e por tanto, deve ser rediscutida nos diversos âmbitos da sociedade” (DARIDO, 2006. p.116). Assim, através do trato pedagógico dos conteúdos e de um ambiente favorável para as aulas de Educação Física, acreditamos que isso possa corroborar no auxiliar na formação integral dos alunos.

Pesquisas de Aniszewski et al (2019, p.08) explicam que a participação dos alunos nas aulas de Educação Física é fundamental para o estabelecimento de vínculos sociais, condição em que os relatos expressaram maior possibilidade de socialização na Educação Física escolar. Estes destacam para a necessidade de um ambiente propício para o desenvolvimento das aulas de Educação Física, e assim estabelecer vínculos sociais para o sucesso dos alunos. Demonstrando que é necessário o movimento da sociedade em conjunto com escola no sentido de cobrar do poder público espaços dignos para desenvolvimento de aulas a contento para docente e discentes.

De acordo com Barros (1970) a disciplina Educação Física possui grande relevância na formação global da personalidade do indivíduo, por assegurar o direito a autonomia individual e sua integração no meio social. “Utiliza como meio no processo educacional, várias possibilidades como os exercícios físicos, os jogos e os desportos, cuja finalidade é de contribuir para adaptação biológica e social do indivíduo” (BARROS,1970, p. 09).

Os descritos de Bracht (1992) colabora novamente com o estudo apontando que a socialização voltada a ênfase no desenvolvimento social dos alunos, envolve também a aquisições de capacidades (habilidades) físicas e sociais que entendemos que devam também ser apreendida no desenvolvimento dos conteúdos dos ensinamentos das aulas de Educação Física na escola.

Respeito mútuo, justiça, diálogo e solidariedade são aprendizados importantes na sua formação, assim como os conteúdos das diversas disciplinas, os quais colaboram para a formação de cidadãos conscientes e capazes de discernir, escolher e decidir a respeito dos deveres e direitos de cidadão (BRACHT, 1992, p.12).

Como desfecho de resultados e discussões proposto para pesquisa, trazemos os estudos de Candau (1999) sobre ‘educar para a cidadania e educar para a democracia’, explicando que ao pensarmos em uma proposta para uma escola cidadã, esta precisa levar em conta a “intervenção na questão social e cultural e incorporar a preocupação ética em todas as dimensões da vida pessoal e social” (CANDAU,1999, p. 112).

A amostra de resultados das pesquisas selecionadas para este estudo aponta fatores relevantes que demonstram que a Educação Física através de ações pensadas e planejadas pela escola e seu corpo pedagógico voltadas para a participação dos alunos do ensino regular, pode alcançar resultados positivos na formação de cidadãos inseridos nas escolas de ensino regular.

#### 4. CONCLUSÃO

Diante do levantamento bibliográfico proposto e apresentado no estudo é possível constatar o relevante papel da disciplina de Educação Física influenciando na formação integral de alunos no ensino regular.

Respondendo aos objetivos propostos no estudo, identificamos que pela ação pedagógica do professor é possível desenvolver nos alunos do ensino regular não só aprendizagem de gestos motores, mas também atitudes de valores, solidariedade, ética e cidadania a partir do desenvolvimento dos conteúdos propostos na disciplina e o comprometimento do trato pedagógico pelo professor da disciplina.

O levante destaca o papel da escola no que diz respeito a espaços necessários ao desenvolvimento dos conteúdos propostos nas aulas de Educação Física e as condições de trabalho do professor. Sendo estes entendidos de relevância para vivência da práxis dos alunos com relação a gama de conteúdos propostos

na disciplina e assim, esta poderá interferir positivamente na formação integral de alunos através da prática das aulas de Educação Física nas escolas de ensino regular.

## REFERÊNCIAS

- [1] AGUIAR, C. S. Construção de Materiais curriculares na Educação Física Escolar. X ENFEFE - Encontro Fluminense de Educação Física Escolar, 2009.
- [2] ANISZEWSKI, E., HENRIQUE, J., OLIVEIRA, A. J. DE, ALVERNAZ, A.; VIANNA, J. A. (2019). A (Des)motivação nas aulas de Educação Física e a satisfação das necessidades de competência, autonomia e vínculos sociais. *Journal of Physical Education*, <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v30i1.3052> acessado em 23/09/2019.
- [3] BARBOSA, C. L. Educação Física Escola: da alienação a libertação. 4 ed. Petrópolis, SP: Vozes, 2004.
- [4] BARROS, D.R.P. Educação Física na Escola Primária. 3ª Rio de Janeiro: José Olimpo Editor, 1970.
- [5] BRACHT, V. Educação Física e Aprendizagem Social. Porto Alegre: Magister, 1992.
- [6] CANDAU, V. M. et al. Oficinas pedagógicas de direitos humanos. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- [7] DARIDO, S. C. et.al. Realidade dos professores de educação física na escola: suas dificuldades e sugestões – Revista Mineira de Educação Física, Viçosa, v. 14, n. 1, p. 109-137, 2006.
- [8] GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- [9] LABAN, R. Domínio do movimento; ed. Organizada por Lisa Ullmann. – São Paulo: Summus,1978.
- [10] LAKATOS. E. M. MARCONI. M. A. Fundamentos de metodologia científica. 8. Ed. – 2. Reimpr. – São Paulo: Atlas, 2017.
- [11] LELES, T. C. Educação física para o ensino noturno: investigando a inexistência das aulas. Jataí-GO: CAJ/UFG, 2004. Monografia (Licenciatura em Educação Física). Curso de Educação Física, Campus Avançado de Jataí, Universidade Federal de Goiás. 2004.
- [12] MATTOS, M. G. Educação Física na adolescência: Construindo o conhecimento na escola. São Paulo: Phorte Editora, 2000.
- [13] MATTOS, M.G; NEIRA, M. G. Educação Física Infantil: construindo o movimento na escola, São Paulo: Phorte, 6ª Ed. 2006.
- [14] Parâmetros Curriculares Nacionais (2000): Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental. – 2. Ed. Brasília/DF: MEC/SEF.
- [15] PIAGET, J. A construção do real na criança. São Paulo: Ática, 1996.
- [16] PICCOLO, V. L. N. Educação física escolar: ser ou não ter? Campinas: UNICAMP, 1993.
- [17] RAASCH, E. V.; MACHADO, H. B.; DALMONTE, J. A. et al. As Contribuições Da Educação Física Escolar Na Formação Do Educando disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2019/04/as-contribuicoes-da-educacao-fisica-escolar-na-formacao-do-educando.pdf> acessado em 31/10/2019.
- [18] RODRIGUES, H. A; DARIDO, S. C., (2008). As três dimensões dos conteúdos na prática pedagógica de uma professora de Educação Física com mestrado: um estudo de caso. *Revista da Educação Física*, v. v.19, p. 51-64, 2008.
- [19] SOUZA, R. L. N.; JÚNIOR, E. F. A influência da educação física na formação moral do aluno. *Revista Digital*. Buenos Aires, Ano 15, Nº 147, agosto de 2010. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/306884783/A-Influencia-Da-Educacao-Fisica-Na-Formacao-Moral-Do-Aluno>, acessado em 22 ago. 2019.

# Capítulo 12

## *Brincadeiras tradicionais: Já brinquei com meu filho hoje?*

*Kisse Cristina Ribeiro Nascimento*

*Rosilene Alves De Moraes*

*Keegan Bezerra Ponce*

*Joaquim Albuquerque Viana*

**Resumo:** O propósito desse estudo foi analisa se os pais estão tirando tempo de qualidade para brincar com seus filhos, se os mesmos sabem da importância das brincadeiras tradicionais para o desenvolvimento integral de seus pequenos. Esse estudo baseouse em artigos que respeitasse a faixa etária de 6 a 10 anos do ensino fundamental, onde foram descartados trabalhos que não tinha relação com o tema. Analisamos que os pais não sabem da importância do brincar para seus filhos, e que grande parte não planeja atividade para seus pequenos, além de deixá-los passar muito tempo na frente de aparelhos eletrônicos sem qualquer controle. Porém a escola estar sendo o único local onde as brincadeiras tradicionais vêm sendo trabalhada frequentemente, pois os professores confirmam que é uma ferramenta pedagógica que auxilia no aprendizado de seus alunos. Concluimos que as brincadeiras tradicionais vêm andando lado a lado com as novas formas do brincar eletrônico. Os pais brincam sim com seus filhos, nos finais de semana, porém muitos não sabem da importância dessa pratica regular na vida de seus pequenos. A escola vem contribuindo muito para que as brincadeiras tradicionais não se percam, é durante as aulas de educação física que nossas crianças muitas vezes tem o primeiro contato com as brincadeira, onde o companheirismo o trabalho em equipe é vivenciado além de ser o único momento do dia onde elas pode ser crianças, correr, pular, rolar , rir alto ser tudo que sua imaginação formular, sem ser reprimida por estar fazendo barulho.

**Palavras chave:** brincadeiras tradicionais, pais, filhos, família, educação física

## 1. INTRODUÇÃO

O mundo globalizado trouxe mudanças sociais em todos os aspectos da vida humana, principalmente no contexto familiar, onde cada integrante da família moderna tem inúmeras atividades diárias que devem ser cumpridas, como trabalho, escola, cursinho entre outros. A falta de tempo e o distanciamento social de muitas famílias é um dos fatores que pode estar colaborando para que muitas brincadeiras tradicionais caíam no esquecimento. Atualmente temos uma sociedade individualista, crianças, jovens e adultos mergulhados no mundo digital onde pequenos aparelhos ocupam grande parte do tempo (OLIVEIRA e CARVALHO, 2014).

Por outro lado, a infância de muitas crianças entre 6 e 10 anos estão sendo devoradas por muitas atividades educacionais. Isso se deve pela preocupação constante dos pais no futuro profissional de seus filhos, gerando grande cobrança dos seus pequenos e sufocando o tempo destinado a ser criança (ROCHA e SOUZA, 2014).

Analisando este cenário, a problemática deste estudo questiona se os pais sabem da importância das brincadeiras tradicionais no desenvolvimento de seus filhos. Nos tempos contemporâneos as crianças não vivenciam com grande frequência as brincadeiras, onde seus pais e irmãos mais velhos não estão sendo os mediadores, de transmitir essa herança.

As brincadeiras tradicionais, segundo o IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) é considerada um Patrimônio Cultural Imaterial. Que se resume a qualquer prática humana e saberes que só podem ser passados de geração a geração, e carregar a história de um povo. Por sua vez a escola é uma das instituições de ensino que tem o papel de ajudar a preservar esses conhecimentos, com o auxílio da educação física onde seu principal objetivo é promover a cultura corporal do movimento para toda comunidade escolar. (PCNS, 1997)

Pretendemos por meio deste estudo investigar se os pais tem conhecimento da importância do brincar para o desenvolvimento motor, intelectual e social de seus filhos. Como afirma (PIRES, 2015) que o brincar estimula a criança a desenvolver várias habilidades psicomotoras como lateralidade, equilíbrio, esquema corporal, força muscular, consciência corporal etc. Além de proporcionar estímulos para criatividade, cooperação, autonomia e um excelente meio para o início da socialização (OLIVEIRA, 2000).

Estabelecemos três objetivos específicos para esta investigação. Identificar a importância das brincadeiras tradicionais na infância. Segundo verificar qual é o tempo que os pais dedicam para brincar com seus filhos, e por último identificar a importância da escola no resgate das brincadeiras na família.

É por meio do brincar que a criança aprende e internalizar a sua imagem, conhecer as emoções como raiva, tristeza, alegria e adquirir habilidades motoras, sensoriais, cognitivas e aumenta seus laços afetivos (PIRES, 2015). Nesta perspectiva vamos abordar a importância das brincadeiras tradicionais na infância.

Porém precisamos ser ensinados a brincar, desde pequenos necessitamos do cuidado do outro, é por meio dessa socialização familiar que a criança aprende a internalizar sua cultura. Porém em nossos dias essa prática estar menos comum entre as famílias. Que tempo nossos pais estão tirando para passar as brincadeiras de sua infância para seus pupilos?

Depois da família a escola é a única instituição que passa mais tempo com nossos infantis. Ela tem o papel de ajudar os pais na formação de adultos capazes de viver em sociedade respeitando as leis e lutar por seus direitos, tem outra maneira de ensinar conceitos, deveres e atitudes se não for brincando? Identificaremos a importância da escola no resgate do brincar nas famílias.

## 2. METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura analítica composta de seis etapas: 1) identificação do tema e seleção da hipótese; 2) estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos na literatura; 3) definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados; 4) avaliação dos estudos incluídos na revisão integrativa; 5) interpretação dos resultados; e 6) apresentação da revisão literária.

No protocolo definido para a fase de planejamento, as seguintes questões de estudo foram especificadas: por meio da leitura e fichamentos dos textos encontrados, separamos somente pesquisas que mais se aproximaram com o tema. Dentre 40 obras referências literárias somente 14 chegaram a ter conteúdos para nosso estudo, 6 artigos, 7 livros e 1 monografia.

Para responder as perguntas especificadas, utilizamos as palavras-chave:

brincadeiras tradicionais, família, escola, pais, filhos e educação física. Devido a precariedade de estudos, relacionado com nosso tema incluímos somente um artigo de 2005 os restantes encontrados estão entre 2010 até 2017. Consideramos artigos completos de pesquisas concluídas, dissertações e teses, em língua portuguesa.

A investigação no Google Acadêmico totalizou 40 artigos, dos quais foram selecionados 14 pelo mesmo critério, 4 obras em relação sobre pais e filho, 3 referências abordando os benefícios das brincadeiras tradicionais para o desenvolvimento da criança e 7 sobre o envolvimento dos professores nas brincadeiras no ambiente escolar.

### 3. IMPORTÂNCIA DAS BRINCADEIRAS TRADICIONAIS NA INFÂNCIA

Em uma pesquisa realizada com 33 pais em 2017, sobre o brincar de seus filhos foi feita a seguinte pergunta: por que seu filho brinca? Cerca de 33.3% mencionaram por que os filhos não trabalham e 30.3% comentaram que fazia parte da criança. (VOLPATO, G.2017) O que podemos analisar nesses dados é que existe uma falta de compreensão por parte dos pais sobre por que a criança brinca, e essa falta de conhecimento faz muitos pais, não dar tanta atenção a necessidade que a criança tem de ser estimulada a brincar todos os dias da semana.

Ao vivenciar as brincadeiras tradicionais a criança começa a compreender a sua cultura. Cada região tem suas próprias maneiras e regras de brincar (DARIDO e RANGEL, 2015). Se compararmos as brincadeiras indígenas e brincadeiras urbanas existe diferenças relacionadas diretamente pelo modo de vida dessas duas culturas que vivem em ambientes completamente distintos. O desenvolvimento e aprendizagem andam em conjunto, é por meio do convívio social que a criança tem uma visão de seu mundo e internaliza conceitos, afetos, valores, formula ideias etc. E ao chegar na escola já carregam saberes oriundos do seu convívio familiar.

(REGO,1995)

É de extrema importância que a criança possua um lugar e tempo de brincadeira, para ajudá-la a conhecer seu mundo interno e externo. É por meio do brincar que a criança desenvolve aspectos psicomotores de uma maneira descontraída e alegre e também estimula sua criatividade e socialização construindo assim sua autonomia que refletirá quando adulto. Portanto é preciso o uso equilibrado de brinquedos industrializados, por possuírem facilidades de manuseio tirando assim a autonomia das crianças para criar e recriar, aumentando assim o consumo infantil por mais brinquedos que somente serão admirados perdendo logo seu interesse por eles (PIRES, .2015).

O ato de brincar além de promover desenvolvimento motor, sensoriais, resolução de conflitos e controle de emoções a criança também aprende se importar com o próximo e se colocar no lugar do outro (LANNES, 2005). Vasconcelos salienta que a criança que não é estimulada a brincar pode se tornar um adulto incapaz de tomar decisões, agressivo e medroso. Porém se a mesma vivenciar várias brincadeiras conseguirá se tornar um adulto com facilidade em se relacionar e se adaptar no ambiente profissional e familiar. (1996, pag. 78).

Além dos benefícios de aprendizado e socialização os pequenos ao participarem de brincadeiras regularmente, ajuda a controlar o aparecimento de algumas doenças que estão ligadas ao sedentarismo. O aumento da obesidade infantil, é um dado preocupante, alguns pesquisadores mencionam que as horas destinadas as aulas de educação física, não são suficientes para manter o equilíbrio fisiológico que as crianças necessitam, gerando assim inúmeros casos de jovens e crianças com problemas cardíacos, hipertensão e diabetes tipo2. Uma pesquisa realizada em 2000 por Healthy People constatou que somente 6,4% das escolas da educação infantil nos Estados Unidos oferecia aulas de educação física diariamente (KENNEY;WILMORE;COSTILL, 2013).

As novas tecnologias vêm trazendo muitos avanços no tratamento de várias de doenças, em contra partida, a vida pratica que as tecnologias proporcionam, faz as pessoas reduzir sua mobilidade gerando assim indivíduos sedentários com grande probabilidade de adquirirem moléstias crônicas. Um estudo que foi realizado por Esliger et. al, em 2010 onde ele estudou crianças de duas comunidades tradicionais dos Estados Unidos, para identificar o nível de aptidão física. Esses indivíduos apresentaram um nível mais alto de resistência a atividades de física de intensidades moderada e vigorosa por cultivarem no seu meio social práticas bem mais tradicionais com menos tecnologias (GALLAHUE, OZMUN e GOODWAY, 2013).

São vários os benefícios do brincar na vida de uma criança, por esse motivo é um direito dela exercer esse papel dentro de seus lares. É brincando livremente e espontaneamente que ela vai construindo significados, possibilitando a encontrar novas formas de interpretar o seu meio social (PRADO, 1998). As brincadeiras tradicionais é uma prática que não pode ser negligenciada na infância é por meio desse hábito que cuidamos da aprendizagem e saúde de nosso discentes, esse ser biopsicossocial que precisa ser assistido e estimulado em todas as suas fases do desenvolvimento com ajuda da família, escola e comunidade.

#### 4. A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NO BRINCAR DE SEUS FILHOS

No artigo jogos e brincadeiras: hoje e ontem, veio abordando o espaço que criança começou à adquirir nos séculos XV e XIII em relação a idade média. Antes da revolução industrial ela comenta que a criança era um homem em miniatura, que a sua infância terminava bem cedo aos 5 anos e logo era direcionado ao convívio do pai e irmãos mais velhos para aprender o ofício da família já as meninas se ocupavam aos cuidados das atividades domésticas, bordados e entre outras atividades de sua mãe e avós. (LANES, 2005)

Ela ressalta que naquela época as crianças participavam diretamente de qualquer forma de lazer dos adultos sem que houvesse uma filtragem ou preocupação do que estava sendo transmitido, e isso não tinha ligação à falta de amor por seus filhos. Tempo esse que as crianças sofreram também todas as formas de violência. Com a implantação da escola pública e aumento disparado dos estudos relacionado ao aprendizado, a criança foi ganhando o seu valor além dos seus direitos como cidadão na sociedade. Com essas mudanças o olhar dos pais sobre a criança também mudou, assim aumentaram o seu cuidado e a preocupação na educação dos filhos, visando assim que os mesmos tenham uma boa qualificação profissional para o mercado de trabalho (ROCHA e SOUZA, 2014).

As autoras mencionaram que os pais de escolas públicas tende a ocupar o final de semana de seus filhos em atividades educacionais, enquanto os da rede particulares possuem tempo maior de atividades recreativas aos finais de semana por saber que os filhos já possuem um suporte educacional durante a semana entre aulas de reforços e curso extracurriculares. Também podemos analisar que as condições socioeconômicas das famílias, influencia diretamente nos momentos de lazer familiar.

Crianças de classe média tem oportunidade de participar de clubes, viajar, ir ao shopping, ter acessos a novas tecnologias, por outro lado as crianças de baixa renda seu lazer se resume em ir aos parques, zoológicos, visitar parentes, ajudar os pais nas tarefas domésticas além de brincar na maioria das vezes sozinhos. Nesta pesquisa as autoras mencionaram que as crianças estavam ocupando o papel de coadjuvante, isso porque as crianças não estavam sendo valorizadas em relação a escolha do lazer familiar, só estão presentes na programação de seus pais, somente alguns responsáveis da escola privada afirmaram que deixava seus filhos de escolher o lazer dos finais de semana Existe pouca participação dos pais no brincar de seus filhos, é necessário que haja um equilíbrio na relação do lazer familiar onde os filhos possam ter voz, assim criando um ambiente harmonioso entre os integrantes da família. (ROCHA e SOUZA, 2014)

Abordaremos outros dados importantes analisados na pesquisa realizada em com 22 crianças da escola municipal de Criciúma em Santa Catarina. Analisamos a pergunta feita para as crianças, eram elas :os seus pais gostam que você brinque? Das 22 entrevistadas 72,7% (16) afirmaram que sim, porém o que chama atenção é a fala delas como se o brincar era uma forma de ajudar a cuidar do irmão e de não bagunçar a casa por isso deixavam ir à rua brincar. Outras 27,3% (6) expressavam dúvida (eu acho), seguido dessa fala confirmaram a aprovação dos pais em relação ao estudo, (mas ele gosta que eu estude). Fica claro que o pensamento dos pais influencia diretamente o modo de pensar dos seus filhos. Antes que a criança possa ir brincar primeiramente deve cuidar de fazer os deveres da escola para os pais a prioridade é obtenção do conhecimento o brincar não tem tanta importância para seu aprendizado (VOLPATO, 2017).

Podemos ver também que 33% dos pais que residem em ruas movimentadas de carros e próximo a terrenos abandonados não deixam seus filhos sair, com medo da violência e drogas. E 66% afirmam não limitam as brincadeiras pois o local de sua residência oferece segurança. Por último em relação se eles tiravam tempo para brincar com o filho, cerca de 82,4% afirmaram que sim, porem quando a mesma pergunta é feita para as crianças esse número cai para 72%, pode ser que essa queda esteja vinculada aos infantis não lembra do último dia que brincou com seus pais.

Os responsáveis entrevistados relatam que buscam brincar em tempos vagos como uma forma de compensar a ausência dos mesmos na semana por conta do trabalho, curso etc. Com isso podemos já destacar que a presença de pais na escola é somente para resolver situações administrativas.

## 5. A ESCOLA NO RESGATE DAS BRINCADEIRAS TRADICIONAIS

Depois da família a escola é uma das únicas instituições de ensino que os pais confiam em auxiliá-los na educação de seus filhos. É por meio dela que são ensinados valores, conceitos, deveres e atitudes que conduziram esses pequenos a conseguirem viver dentro de uma sociedade sendo proativos e críticos. A educação física escolar tem o papel de auxiliar esses discentes a criar esses valores por meio dos blocos de conteúdo (CONFEEF, 2014). As brincadeiras tradicionais é uma das ferramentas que tem maior espaço durante as aulas isso porque podem ser trabalhadas em conjunto a outros conceitos como vôlei, atletismo, dança, ginástica.

Pega-pega, coelho sai da toca, cabo de guerra, barra-bandeira, amarelinha, elástico e claro futebol entre outras são brincadeiras que são frequentemente vivenciadas nas aulas do ensino fundamental I, por professores de uma Escola Municipal no Distrito de São Carlos, para esses profissionais é de suma importância trabalhar essas atividades em suas aulas por ser o único local que dispõem de espaço e colegas para brincar, pois em seus lares a maioria de suas brincadeiras é individual com brinquedos eletrônicos (NOGUEIRA, 2012).

Ao pesquisar o envolvimento de pais, no brincar dos filhos no ambiente escolar não tivemos muito sucesso em artigos científicos. Porém encontramos uma pesquisa realizada em 2013 em uma escola infantil da cidade de Uberlândia – MG. Onde a pesquisadora observou que a escola quase não promovia atividades lúdicas para seus alunos. Motivando-a a elaborar uma proposta pedagógica onde convidou aos pais participarem de algumas brincadeiras na companhia de seus filhos como também responder alguns questionários. Foi observado durante as brincadeiras que os responsáveis começaram passar para os filhos algumas brincadeiras de seu tempo de criança, lembrando o seu passado e o mais importante desfrutando momentos de alegria e prazer com seus pequenos (SANTOS, 2013).

A prática frequente de brincadeiras na família contribuirá no desenvolvimento infantil, aumentando também seus laços afetivos, e além de colaborar na preservação desse patrimônio cultural que a infância carrega. É bem verdade que atividade que envolva pais e filhos não é uma prática comum dentro das escolas, pois requer muito planejamento e leva um pouco mais de trabalho por parte de professores, que algumas vezes não querem assumir tal responsabilidade, pois já se sentem sobrecarregados com inúmeras tarefas (SANTOS, 2013).

Um exemplo claro de planejamento dessas atividades é observado em uma escola municipal de San-Martim-Recife. O objetivo principal desse projeto era de resgatar as brincadeiras tradicionais, que vem se perdendo ao meio digital. Os professores iniciaram o projeto utilizando um livro que trazia a história de brinquedos tradicionais, em seguida aos sábados realizavam oficinas para construir os brinquedos além de participarem de brincadeiras em grupo. Ao final do projeto cada criança foi estimulada a escrever um livro onde relataram suas experiências em relação a atividades que realizaram, ao final foi levado para ser compartilhado com sua família.

Foi observado que ao decorrer das atividades os alunos já conseguiam dialogar melhor, reforçando aqui a socialização entre eles, como também mais pacientes uns com outros. Esse grupo de professores se preocuparam em elaborar uma atividade que olhasse esses alunos por completo, tanto na prática lúdica por meio das brincadeiras tradicionais, como também a leitura e escrita na aquisição de conhecimento. O que podemos ver, é que nessa atividade faltou a participação dos pais, dentro do texto não notamos a colaboração dos responsáveis nas atividades realizadas (XAVIER, 2015).

O professor de educação física tem grande responsabilidade social dentro da escola, principalmente ensinar à nossas crianças usar as novas tecnologias de forma educativa e com moderação e valorizar a cultura popular presente nas brincadeiras tradicionais. Assim também conscientizar a comunidade escolar da importância de práticas corporais em diferentes seguimentos e levantando seus pontos positivos e negativos da cultura corporal do movimento (CONFEEF, p. 18, 2014).

## 6. CONCLUSÃO

Concluímos que as brincadeiras tradicionais é uma cultura infantil que ajuda desenvolver a criança integralmente, quando a mesma brinca desenvolve habilidades motoras, sensoriais, intelectual e social. É brincando de bicicleta a criança imagina que estar pilotando uma moto ao produzir sons semelhantes ao do motor. Internaliza o mundo a sua volta e expõem que obteve do mesmo. Quem é estimulado à brincar



em grupo se tornam adultos que conseguem se relacionar no seu meio social, consegue se colocar no lugar do outro além de ter autonomia para tomar decisões.

O presente estudo teve como principal objetivo trazer a importância do olhar dos pais para o brincar de seus filhos principalmente sobre as brincadeiras tradicionais. Entretanto atualmente existem uma variedade de outras maneiras da criança se divertir sem precisar sair de casa. As brincadeiras na rua já não são permitidas por muitos tutores por motivos de segurança como violência e drogas foram os mais citados (VOLBATO, 2017). Nos artigos estudados vimos que os pais brincam sim com seus filhos, porém são poucos que planejam as atividades com seus pupilos e tirar um tempo de qualidade para ouvi-los e desfrutar de momentos de lazer. Muitos brincam aos finais de semana para compensar sua ausência da semana, por motivos de trabalho e estudo.

Podemos observar também que as condições socioeconômicas da família refletem nos lugares de lazer visitados, como também na escolha e compra de brinquedos, não podemos generalizar essa realidade mesmo com grande desenvolvimento econômico de nosso país, existem muitas crianças que vivem sem o carinho de suas famílias.

Ao decorrer do estudo podemos ver a importância que a educação física escolar na preservação das brincadeiras tradicionais, que sua existência só permanecerá se for transmitida no meio social. É na escola que a criança tem vários amigos para brincar de pega-pega, policia -lebrão, queimada entre outros. E muitos professores usam frequentemente essas atividades em suas aulas pois sabem da sua importância no desenvolvimento motor, afetivo e social de seus alunos. Entretanto falta projetos que envolvam a família, uma forma de conscientizar os pais sobre a importância do brincar na vida das crianças, trabalho que requer muito comprometimento e vontade de fazer.

## REFERÊNCIAS

- [1] AZEVEDO, V. Z.; LARANJEIRA, M. I.; Prado, I. G. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação física; Brasília, MEC/SEF, 1997.
- [2] COLHANTE, C. C.; BARREIRO, I. M. F.; PRATTA, N.; VASCONCELOS, M. S. Resgatar o brincar tradicional: uma contribuição à formação de professores. Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Campus de Assis -SP, 2015 (Oliveira 2000).
- [3] CATUNDA, A. R. O.; SARTORI, S. K.; LAURINDO, E. Recomendações para Educação Física Escolar. CONFEEF/CREFs, 2014.
- [4] DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. Educação Física na escola: implicações para a práticas pedagógicas. 2.ed. Rio Janeiro, 2015.
- [5] GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C.; Goodway, J. D. Compreendendo o Desenvolvimento Motor. Bebês, crianças, adolescentes e adultos. São Paulo, 7 ed., 2013
- [6] LANNES, E. B. Jogos E Brincadeiras: ontem e hoje. Uberlândia, 2005.
- [7] OLIVEIRA, A. V. R.; CARVALHO, M. N. R. Ensino Fundamental: representações do mundo infantil e brincadeiras tradicionais construindo valores e sociabilidade em um contexto escolar. Capanema 2014
- [8] PIRES, R. S. Psicomotricidade. São Paulo - SP coursepack. editora. 2015.
- [9] ROCHA, M. A.; SOUZA, L. K. de. As crianças e o lazer em família. São João del-Rei, Junho 2014.
- [10] SANTOS, T. R. L.. Um resgate das brincadeiras de infância: o ensinar a brincar entre pais e filhos. Uberlândia-MG. 2013.pag
- [11] VOLPATO, G. Jogo, brincadeira e brinquedo: usos e significados no contexto escolar e familiar. 2. ed. São Paulo. Annablume, 2017.
- [12] KENNEY, W. L.; WILMORE, J. H e COSTILL, D. L. Fisiologia do Esporte e do Exercício. 5ª ed. 2013. pag 439.
- [13] XAVIER, K. D. F. O Desafio de utilizar jogos e brincadeiras tradicionais na era digital, Pernambuco-PE, 2015.
- [14] NOGUEIRA, J. P. V. Brincadeira Tradicional: Cultura Possível Nas Aulas De Educação Física. Porto Velho-RO, 2012.

